

Jill
Mansell

Paixões à Solta

Tradução de Ester Cortegano

A presente obra respeita as regras do Novo Acordo Ortográfico.



CHÁ DA CINCO
Livros com sexto sentido

Outros títulos da autora:

A Felicidade Mora ao Lado

A Pensar em Ti

Doce Vingança

Irresistível Tentação

Uma Oferta Irrecusável

Resistir ao Amor

Romance Atribulado

Encontro Inesperado

Amores Proibidos

Pura Malícia

*Para a mãe e o pai
Com todo o meu amor*

Agradecimentos

Um enorme agradecimento a Marie-Louise Pecorelli, diretora de *marketing* do fabuloso hotel Manor House em Castle Combe, Wilts, pela sua ajuda na explicação de como se gere um hotel. Escusado será dizer que as personagens ficcionais neste romance não são de perto tão eficientes...

Capítulo 1

Na ausência de um martelo, Hector MacLean ergueu um pesado cinzeiro de vidro e bateu-o contra o tampo de mogno do balcão.

— Senhoras e senhores, a vossa atenção, por favor. Silêncio aí atrás, aí, o povo australiano. Estou a sentir necessidade de fazer um brinde. Anda cá, querida, chega aqui. — Fazendo sinal a Daisy para se aproximar, enlaçou-a pela cintura. — E, agora, vamos todos erguer os nossos copos... à minha linda filha.

— À sua linda filha — entoou em coro toda a gente na sala, fazendo com que Daisy revirasse os olhos.

Honestamente, ele tinha mesmo de a envergonhar daquela maneira?

— Esqueceste-te de algumas coisas — disse-lhe ela. — O que tu querias dizer era: «À minha filha linda, inteligente e espantosamente trabalhadora, sem a qual este hotel se desmoronaria e iria à falência numa semana.»

— Isso tudo. Absolutamente. Nem era preciso dizer. — Hector gesticulava expansivamente com o seu copo de *Glenmorangie*. — Já toda a gente aqui sabe isso tudo. Tal como sabem que és teimosa, mandona e incrivelmente alheia à modéstia. Mas tenho orgulho em ti na mesma. Tendo em conta que a única coisa que fizeste na escola foi fumar e fazer gazeta, acabaste por te sair muito bem. E, agora, para o meu próximo brinde, vamos todos erguer os nossos copos, mais uma vez, ao velho amigo Dennis.

— Ao velho amigo Dennis — gritaram todos, mesmo os hóspedes que não faziam a mínima ideia de quem era Dennis. Era típico de Hector MacLean, o seu entusiasmo e *joie de vivre* eram contagiosos.

Como de costume, pensou Daisy com assombro, e em menos de nada, um calmo encontro para uns copos acabara por se transformar numa imprevista e exuberante festa. Não faltaria muito para o pai pedir que lhe levassem o acordeão e pôr toda a gente a dançar. O facto de, supostamente, todos deverem estar a aproveitar aqueles poucos dias relativamente pacíficos — entre a partida dos hóspedes do Natal e a chegada dos da Passagem de Ano — não dizia nada a Hector. O facto de ser vinte e oito de dezembro

era, no que lhe dizia respeito, razão suficiente para se celebrar. Para quê descansar quando podiam estar a divertir-se?

Daisy, contente por o seu *spritzer* ser nove décimos de água com gás, deixou-se cair num dos bancos do bar enquanto o pai cumprimentava um casal que acabava de chegar como se fossem os seus mais queridos amigos.

— Finalmente! Que maravilhoso! Ouçam, corremos o risco de ter aqui um pé de dança... algum de vocês se ajeita com o piano?

Um dos australianos materializou-se ao lado de Daisy enquanto ela forrava ativamente o estômago com cajus e amêndoas torradas. Não o ideal, mas sempre melhor que nada.

— O seu pai é uma personagem. Quando nos recomendaram este hotel, pensámos, Cristo, um velho hotel de campo cheio de mulheres de *tweed* e nariz no ar e velhos coronéis pomposos, nem pensar. Mas os nossos amigos juraram que não era nada disso, e tinham razão. Este hotel é o máximo.

— Poderá mudar de ideias — avisou Daisy — quando o meu pai for buscar a gaita de foles.

— Está a gozar! — O rosto do australiano iluminou-se. — Ele sabe mesmo tocar gaita de foles?

— Não. Mas acha que sabe. Se tem amor à sua sanidade — sussurrou Daisy, — é melhor convencê-lo a deixar-se ficar pelo acordeão.

O homem riu-se, embora ela não o tivesse dito a brincar.

— E quem é aquele outro tipo a quem acabámos de brindar, o velho amigo Dennis? Outra pessoa que aqui trabalha?

— Ah, bem. Dennis é o nosso benfeitor. Sem ele — explicou Daisy, — não teríamos este hotel.

— Quer dizer que é ele o proprietário?

Atrás do bar, Rocky lançou descontraidamente um copo ao ar e apANHOU-O. Ninguém estava a beber cocktails naquela altura, mas ele fê-lo na mesma. Com um sorriso para Daisy, começou a assobiar uma alegre melodia.

— Provavelmente já conhece o Dennis — disse Daisy ao australiano. Inclinando a cabeça na direção de Rocky, acrescentou: — Se reconhece aquela música, sabe quem é ele, definitivamente.

Aproximando-se do australiano, Tara juntou-se ao assobio. O australiano franziu o sobrolho.

— É aquela coisa de miúdos, não é? Dennis, o Dachshund Danado? Desculpe, não estou a perceber.

Incapazes de se conter — depois de começarem, tinham mesmo de terminar —, Rocky e Tara continuaram a assobiar e a dançar até ao fim da canção.

— O meu pai pode não ter sido abençoado com muitas ideias brilha-

tes na sua vida — disse Daisy afetuosamente — mas, há vinte e cinco anos, teve uma excelente. Inventou o Dennis.

— Está a gozar! A sério? Isso é incrível! — O australiano deu uma palmada no joelho, encantado. — Eu comprava esses livros aos meus filhos.

Rocky já estava bem embalado, a fazer sapateado atrás do balcão e a cantar baixinho: «Eu sou o Den-nis, o Dachshund Danado», porque Dennis dançava como o Fred Astaire e Rocky gostava de exhibir o facto de ter frequentado a Escola de Arte Dramática.

Na verdade, emendou Daisy, ele gostava de se exhibir, ponto final. Mas, bem, fora por isso que o contrataram, de qualquer maneira.

— O meu pai costumava inventar-me histórias, quando eu era pequena — explicou Daisy ao enfeitado australiano — sobre um *dachshund* efeminado. Mas eu não sabia como ele era, por isso o pai começou a fazer desenhos. Levei os desenhos para a escola, contei as histórias aos meus amigos e venho a saber que as mães andam todas a perguntar onde é que podem comprar os livros daquele Dennis com que os filhos as andam a massacrar. Por isso, o meu pai mandou as histórias a uma editora, que as publicou de imediato. Depois uma televisão envolveu-se e a febre do Dennis pegou... peluches, jogos, pijamas, todo esse circo do *merchandising*. Tudo por causa de uma pequena ideia. Há cinco anos, o meu pai vendeu os direitos e comprou esta propriedade — concluiu Daisy. — Por isso, como pode ver, devemos tudo ao Dennis.

— Eu tive uma capa de edredão do Dennis, o Dachshund — disse Rocky alegremente. — E chinelos do Dennis, com orelhas que abanavam quando andava.

— Eu tinha tudo do Dennis — gemeu Daisy, e fez uma careta. — Quando cheguei aos nove anos, aquilo era embaraçoso. Estava mais interessada no Adam Ant.

Um dos recém-chegados estava a ser persuadido a ir buscar a sua harmónica; podia não saber tocar piano mas, assegurou-lhe Hector, uma harmónica também servia.

— Adoro este sítio — exclamou o australiano. — Tenho de ir falar com o seu pai.

— Estás bem? — Rocky debruçou-se sobre o bar e baixou a voz quando o homem se afastou. — Pareces um bocado... estourada.

— Eu? Estou ótima! — Daisy percebeu que ele a apanhara desprevenida, por um momento. Qual era a diferença entre fazer-se de forte e contar uma mentira descarada? — Claro que estou bem, porque não havia de estar?

Rocky encolheu os ombros, pegou na pinça prateada e lançou uns cubos de gelo num copo.

— Pensei que podias estar com saudades do Steve. Quando é que ele volta?

— Na passagem de ano. — Pegando noutra mão-cheia de amêndoas, Daisy fez-lhe um sorriso luminoso. Rocky não era louco por Steven, como ela sabia, e podia até ter ouvido qualquer coisa sobre os acontecimentos da semana anterior, mas nunca na vida lhe iria contar a história toda. Não contara a ninguém. Nem a Tara, nem ao seu pai. Por enquanto, teria simplesmente de continuar como se nada se passasse.

— Porque se te estás a sentir um bocado sozinha, eu sei exatamente como te animar. — Rocky fez subir e descer as sobrancelhas enquanto falava, mostrando-lhe o seu mais travesso sorriso à Robbie Williams. — Eu sou novo, solteiro e disponível. Já para não dizer totalmente irresistível.

Rocky tinha vinte e três anos, um sorriso traquina e o cabelo curto oxigenado. Os Oasis eram a sua banda preferida, o que significava que nunca poderia ter qualquer interesse nele, nem num milhão de anos.

— É muito simpática, a tua oferta. — Solenemente, Daisy deu-lhe uma palmadinha na mão. — Mas és cinco anos mais novo do que eu. Achas que o Liam Gallagher é um tipo muito fixe. — Ela franziu o sobrolho e fingiu pensar por um momento. — Ah, sim, eu sabia que havia outra coisa. E eu sou casada.

— Não sabes o que estás a perder. Estou no meu auge sexual.

— E eu continuo casada. — *Deus me ajude.*

Rocky continuou:

— E é só isso que te impede? De certeza que havemos de arranjar alguma solução. — Secretamente, ele não tinha grande opinião do casamento, se aquilo que Daisy e Steven partilhavam era um brilhante exemplo da instituição. Daisy podia fingir que estava tudo bem, mas bastava olhar para aqueles dois juntos para perceber que havia problemas. Sendo o principal facto de Steven Standish ser um imbecil de todo o tamanho.

— De que é que estão para aí a falar, vocês os dois? — Tara juntou-se a eles, em busca de mais vinho. Beber e ir a festas era tão mais divertido do que ser criada de quarto; não conseguia imaginar porque não o podia fazer como profissão. Ela teria dado uma tão boa *It girl*, se tivesse sido batizada como Tinker Tonker-Parkinson. O destino era mesmo injusto.

— De sexo — anunciou Daisy, piscando-lhe o olho. — E do facto de aqui o velho Rocky não ter nenhum.

— Não foi isso que eu disse. Não disse que não tinha nenhum — protestou Rocky, que não tinha. — Só estava a oferecer à Daisy a oportunidade de uma vida, e ela está a fingir que não está interessada, a fazer-se de puritana, a inventar que não quer aborrecer o marido.

— Temos uma visita. — Tara deu uma pequena cotovelada a Daisy,

chamando a sua atenção para o carro da polícia que subia lentamente a estrada de acesso. Voltando-se para Rocky, disse: — Oportunidade da vida dela? Tu? Oh, meu Deus, que pena, agora vais preso. Aquele polícia grande e assustador vem acusar-te de fraude.

— Ou então — zombou Rocky — podem estar aqui para te prender por te julgares muito engraçada, quando não és.

Aquilo era a conversa típica entre Rocky e Tara.

— Não podem ter vindo queixar-se da gaita de foles do meu pai. — Daisy estava indignada. — Ele ainda nem a foi buscar.

O carro preto e branco parou no cimo da estrada. Pelas portas envidraçadas, viram Barry Foster, o polícia local, sair e murmurar algumas palavras para o seu *walkie-talkie*. Quando fechou a porta do carro e se dirigiu para a entrada do hotel, Daisy desceu do seu banco alto.

— Só espero que não tenha vindo prender nenhum dos nossos hóspedes.

— A não ser que seja aquele. — Tara fez uma careta na direção do *geordie*¹ que também pensava que sabia tocar harmónica.

— Ah, bom, obviamente — disse Daisy, a sorrir. — Se quiser levar o Sr. Harmónica, faça favor.

No escritório de Daisy, Barry Foster puxou de um lenço e limpou sub-repticiamente as palmas das mãos transpiradas. Ser o portador de más notícias era a parte que mais odiava no seu trabalho.

As paredes do escritório, forradas a papel verde e dourado, pareciam dançar. Daisy pestanejou lentamente num esforço para as fazer parar.

— Ouça, deve haver um engano qualquer. — Ela fez uma pausa, lambeu os lábios secos. — O Steven nem sequer está em Bristol. Foi a Glasgow visitar o avô. Só vai regressar na passagem de ano.

Barry lançou-lhe um olhar de compreensão. Conhecia Daisy, e gostava dela. Também conhecia Steven.

— Tenho muita pena, minha querida. Era o carro do Steven. A carta de condução estava na carteira... quer um copo de água?

— Não, obrigada. — Daisy abanou a cabeça, consciente do coração a martelar-lhe no peito. O acidente ocorrera em Siston Common, de acordo com Barry. A menos de dezasseis quilómetros de distância. O *BMW* de Steven resvalara numa zona de gelo e espetara-se contra uma parede. Mas Barry parecia ainda pouco à vontade, como se houvesse mais alguma coisa que não tivera ainda coragem para lhe dizer.

A não ser...

¹ Alcinha dos naturais de Newcastle. (N. da T.)

— Oh, meu Deus. — Daisy engoliu em seco. — Ele morreu?

— Não, não — disse Barry apressadamente. — Não, minha querida, não morreu. É grave, como eu disse. Condição crítica. Mas ainda está vivo. Prometo.

Grave. Lesão na cabeça. Profundamente inconsciente.

— Então porque é que está...? — Indicando as mãos dele com um aceno de cabeça, Daisy imitou os seus agitados movimentos. Nada daquilo fazia sentido; Steven ligara-lhe de Glasglow na noite anterior, a resmungar por causa do tempo. Falara de comprar bilhetes para ver o jogo dos Glasgow Rangers no dia seguinte. Estava a pensar chamar um canalizador, para arranjar o termostato avariado da caldeira da casa do avô.

E, não, não falara ao avô da outra coisa. O pobre coitado, com oitenta e três anos, não tinha já o suficiente com que se preocupar?

— Daisy, lamento muito. O Steven não estava sozinho no carro quando bateu.

— O quê? — Por uma fração de segundo, pensou que ele queria dizer que Steven vinha com o avô no carro.

Mas não, claro que não era isso que ele queria dizer. A razão para o torcer das mãos tornou-se abruptamente clara, focando-se na verdade como uma *Nikon*.

— Continue — incitou Daisy. Era como o final de um thriller policial, a súbita revelação de quem era o assassino.

— Ele... humm... ia com uma rapariga. — Barry, claramente, não estava feliz; de facto, era, ali, quem mais parecia estar a necessitar de uma bebida forte.

Daisy franziu o sobrolho.

— Quer dizer uma rapariga... tipo namorada?

— Eeh, bem... é o que parece, sim.

— E também está inconsciente?

— Não. Não, querida. Teve sorte. Escapou com ferimentos ligeiros.

Isto está mesmo a acontecer? Está a acontecer-me a mim?

Daisy descobriu que estivera a enrolar uma longa madeixa de cabelo em volta do indicador, e com tanta força que a ponta do dedo ficara azul. Do outro lado da porta fechada, ouviu uma explosão de gargalhadas a erguer-se do bar e o som de um acordeão a tocar.

Devia mesmo ir dizer a Hector o que se estava a passar, mas era tudo tão complicado. Como podia explicar-lhe uma coisa daquelas, se ela própria estava tão confusa?

— Está a haver uma festa. — Daisy apontou, desnecessariamente, na direção do bar. — Não quero estragar o divertimento a toda a gente. Tenho o carro estacionado atrás do hotel.

— É melhor não conduzir, querida. — Os vários queixos de Barry tremeram quando ele abanou a cabeça. — Eu posso levá-la ao hospital.

— Não é preciso. Eu estou bem. — Daisy perguntou-se se deveria estar a chorar. As paredes do escritório tinham parado de piscar, o que já era bom. Um pouco a tremer, levantou-se. — Vou ficar bem.

Capítulo 2

Precisou apenas de quinze minutos pela autoestrada para chegar ao Frenchay Hospital, nos arredores de Bristol. Pela primeira vez em anos, Daisy conduziu sem música no volume máximo e sem cantar. E, quando estacionou na avenida ladeada de árvores perto das enfermarias, também não levou automaticamente a mão à carteira para retocar o batom.

Eram quinze e quarenta e cinco. O céu escurecia de um tom de cinza para o de carvão, e as luzes acendiam-se nos vários edifícios que constituíam o hospital. Daisy seguiu um letreiro que apontava o caminho para a unidade de cuidados intensivos. Pessoal e visitantes andavam de um lado para o outro como se nada tivesse acontecido. Uma menina soltou um grito de indignação quando deixou cair o seu saco de gomas no passeio à porta da loja da WRVS².

Como é que Steven *podia* andar com outra pessoa?

O doutor foi incrivelmente solícito. Explicou a função dos vários tipos de aparelhos que rodeavam a cama de Steven. Aquele era o ventilador, que cuidava da respiração. Aquele, mais pequeno, era o aparelho ECG, monitorizando os batimentos cardíacos. Aquele clipe no dedo do marido era um oxímetro de pulso, o tubo intravenoso permitia-lhes administrar os vários medicamentos de que ele precisava e mantinha-o hidratado.

A unidade de cuidados intensivos era ultraluminosa. Tudo era branco, exceto os uniformes do pessoal, de um azul pálido. Sentindo-se grotescamente deslocada, com a sua camisa de veludo vermelho, saia de pele preta e sapatos de salto alto pretos, Daisy teve de fazer um esforço para se concentrar no que o médico lhe estava a dizer. Sentiu que era vital compreender tudo, como se se tratasse de um exame que não podia, absolutamente, reprovar.

Só que parecia um exame numa língua que nunca aprendera. Conseguia ouvir as palavras, mas elas não faziam qualquer sentido. Para além da parte sobre a condição de Steven ser crítica.

² Instituição de solidariedade britânica. (N. da T.)

O *pager* do médico começou a apitar.

— Venha, porque é que não se senta aqui? — O médico puxou uma cadeira de plástico para junto da cama. — Pegue-lhe na mão. Converse com ele. Pode ficar o tempo que quiser. Eu volto mais tarde, está bem?

Foi-se embora para lidar com a crise seguinte, deixando Daisy sozinha com Steven. Bem, não realmente sozinha. A quatro metros de distância, um par de enfermeiras vigiavam-na discretamente.

Sentou-se na impiedosa cadeira de plástico e segurou a mão de Steven, como fora instruída.

Ele parecia ridiculamente saudável. Um estreito lençol branco na zona das virilhas era a única coisa que lhe cobria a nudez. Um tipo bronzeado, musculado e obviamente orgulhoso do seu físico. E com razão. Todas aquelas horas no ginásio tinham valido a pena. Aquele era o corpo de um homem numa condição excelente. Não parecia em nada ferido.

Mas o que podia ela dizer? Não, certamente, um «Seu *filho da mãe*, mentiroso, traidor». Oh, não, não era esse, definitivamente, o tipo de coisas que o médico tinha em mente.

Passados vinte minutos, Daisy levantou-se para partir.

— Agora vá, pode aguardar na sala de espera — disse a simpática enfermeira que estava a verificar a tensão arterial de Steven. — Eu já lhe levo uma boa chávena de chá.

Daisy perguntou-se porque diriam sempre isso. Podia ser a mais horrível chávena de chá, mas chamavam-lhe *boa* na mesma.

— Não se preocupe, eu estou bem. Vou só lá fora apanhar um pouco de ar.

— Sim, faça isso, querida. Precisa que contactemos com mais alguém?

— Não, obrigada. — Sorrindo brevemente para compensar o seu pensamento pouco caridoso a respeito do chá, Daisy indicou a sua carteira. — Trouxe o meu telemóvel. Vou fazer isso agora.

No ecoante corredor em rampa à saída da enfermaria, teve de saltar para um lado rapidamente quando um auxiliar passou por ela como um relâmpago com um rapaz numa cadeira de rodas. Uma rapariga de calças de ganga e casaco acolchoado azul-marinho estudava atentamente o quadro de avisos na parede. As luzes fluorescentes no teto piscavam, acentuando a sua palidez. Daisy hesitou, apercebendo-se de que a rapariga a olhara de relance e depois, abruptamente, quase com um ar culpado, voltara-se de costas.

Tirando o telefone da mala, Daisy carregou numa série de números e disse:

— Olá, sou eu. Vou sair agora do hospital. Estou em casa dentro de cinco minutos.

Menos de um minuto depois de passar pelas portas com a indicação de SAÍDA, Daisy voltou a entrar no corredor. A rapariga do casaco acolchoado já não rondava o quadro de avisos.

Espreitando pela janela de vidro da entrada exterior da unidade de cuidados intensivos, Daisy viu-a parada junto à segunda porta, a que dava para a enfermaria em si.

A enfermeira simpática estava a falar com ela, e a rapariga chorava como se o seu coração se fosse desfazer. Sentindo-se absurdamente ciumenta, Daisy percebeu que a enfermeira estava a ser tão simpática para a rapariga acolchoada como tinha sido para ela, só que, em vez de lhe oferecer uma boa chávena de chá, estendeu-lhe um lenço de papel.

Foi nessa altura que Daisy viu a ligadura à volta do pulso da rapariga acolchoada.

Encostando-se à porta exterior de forma a fazê-la abrir apenas uma nesga, Daisy ouviu a enfermeira dizer numa voz calorosa e tranquilizadora:

— Lamento muito, querida, mas não pode entrar. Só os familiares são autorizados.

A rapariga estava consternada. Se não estivesse a chorar, seria bonita, reparou Daisy automaticamente. Por outro lado — e talvez não fosse apropriado, naquelas circunstâncias, mas não conseguiu impedir-se de o pensar —, a rapariga era bonita, mas não tão bonita como *ela*.

Daisy desencostou-se da porta, deixando-a fechar novamente. Agora é que precisava mesmo de ar puro. Estava também na hora de ligar realmente a Hector, em vez de apenas fingir que ligava a Hector. Ele já devia estar a pensar onde se metera a sua filha.

O estado de Steven deteriorou-se durante a noite. Pelas onze horas da manhã seguinte, de boca seca e a cabeça a flutuar com a falta de sono, Daisy deu por si a ser retirada da unidade e conduzida para o gabinete das más notícias. Percebia-se que era o gabinete das más notícias porque tinha cadeiras confortáveis.

O médico, que estaria por volta dos cinquenta anos e usava uma camisa branca amarrotada debaixo da bata imaculadamente branca, disse:

— Sr.^a Standish, lamento muito. Efetuámos a segunda série de exames e eles confirmaram aquilo que já temíamos. O seu marido sofreu uma lesão na cabeça extremamente grave. Não existem sinais de atividade cerebral.

Meu Deus.

Meu Deus.

— Ok — anuiu Daisy e olhou para a janela. Chovia fortemente lá fora.
— Então, basicamente, ele está morto.

— Receio que sim.

Havia uma caixa de lenços de papel na sua frente. Para as lágrimas, claro. Daisy, embaraçada pela sua incapacidade de chorar, disse:

— Bem, obrigada por tudo o que fizeram.

O médico pigarreou.

— Há uma outra coisa que gostaria de conversar consigo, como familiar mais próxima de Steven. A oportunidade de permitir que outros tenham uma hipótese de vida. — Pousou os dedos longos sobre um impresso e fê-lo deslizar na secretária para a frente dela. — Não sei se alguma vez tinha discutido com o seu marido a questão da doação de órgãos, mas, pela nossa experiência, pode ser um grande conforto para a família nos anos vindouros, saber que...

— Quer usar os órgãos do Steven para transplante? — Atónita, Daisy ergueu as sobrancelhas. — O quê, mesmo com o cancro? Isso não seria arriscado para quem os recebesse?

O médico franziu o sobrolho.

— Cancro? Desculpe, não estou a perceber.

— Ele tem cancro. Assumi que tinha tudo aí escrito. — Daisy indicou com o olhar os registos do hospital, em cima da secretária. — Ele disse que tinha consultado um dos médicos aqui... bem, eu pensei que tinha sido neste hospital. Se calhar foi no privado.

A ruga na testa do médico aprofundou-se.

— Dê-me só dois minutos.

Daisy esperou sozinha na sala das más notícias e observou a chuva que tamborilava contra as janelas. Uma vez que não podia começar a recompor as ideias, concentrou-se, em vez disso, em contar as gotas de chuva que deslizavam pelo vidro abaixo.

O médico regressou vários minutos depois.

— Falei com o médico de clínica geral do Steven. Não vê o seu marido há mais de dois anos, e ele não poderia consultar outro hospital, qualquer hospital, sem uma indicação do seu clínico. Acho que podemos seguramente assumir que houve aqui algum equívoco — concluiu, com gentileza. — O seu marido não tem cancro.

Daisy encontrou a enfermeira que procurava a empilhar bandejas na sala de esterilização.

— O médico falou-me do Steven — anunciou Daisy, e a enfermeira simpática soltou de imediato as bandejas.

— Oh, minha querida, tenho tanta pena. Quer que lhe prepare uma boa chávena de chá?

— Não, obrigada.

— E está a ser tão corajosa.

Em privado, Daisy pensou ser mais provável que as enfermeiras da unidade a achassem francamente esquisita.

— Queria perguntar-lhe pela rapariga que aqui estive ontem à tarde. A que estava no carro com o Steven, quando ele teve o acidente.

A enfermeira corou ligeiramente. O que confirmava tudo.

— É assim — começou Daisy, — ouvi-a dizer-lhe que não o podia visitar, porque não era da família. Mas, dadas as circunstâncias... bem, não faz mal nenhum, pois não? Podia deixá-la entrar só por uns minutos, enquanto eu vou para outro sítio qualquer.

A enfermeira, com a sua pele pálida a adquirir a cor de mousse de morango, disse:

— Ela já cá não está, minha querida. Eu disse-lhe para ir para casa.

Daisy olhou-a longamente.

— Mas aposto que ela lhe deu o número de telefone.

Pela expressão na cara da enfermeira, tornou-se óbvio que acertara. Bem, era apenas natural.

— Ligue-lhe — disse Daisy. — Não sei quem ela é e não a quero conhecer. Mas, se é a namorada do Steven, ao menos merece uma oportunidade de se despedir.

Capítulo 3

Um Ano Depois

Daisy, vais estar por aqui esta tarde? Os Cross-Dresser³ chegam às quatro para combinarmos as ementas para a receção de casamento.

Tara Donovan, que trabalhava como empregada de quarto no hotel, ocultou um sorriso. Os seus pais já tinham morrido, mas o pai fora do tipo silencioso, de cachimbo e chinelos. Devia ser divertido ter por pai uma pessoa como Hector.

Daisy lançou ao pai um olhar de «comporta-te». A sua voz sonora e estupenda falta de tato podiam metê-lo em sarilhos, mais dia, menos dia.

— Sim, mas tens de parar de lhes chamar Cross-Dresser.

— Querida, eu sei, mas olha que merecem. Estas pessoas estão a começar a enervar-me — declarou Hector. — Porque não se decidem logo por uma ementa e acabam com o assunto? E palavra de honra que não consigo imaginar porque é que alguém haveria sequer de convidar um vegan para um casamento.

Desta vez, Tara e Daisy trocaram um olhar, e Daisy suspirou. A discrição não era o ponto forte de Hector. Felizmente, não havia hóspedes por perto, naquele momento. Pegando numa pilha de correio por abrir que estava em cima do balcão da receção, Daisy disse:

— Papá, eu preocupo-me com eles. Cobraremos a dobrar pelos vegans. E eles não são Cross-Dresser, nem Cross-Polinator nem Hot Cross Bun⁴, está bem? São os Cross-Calvert, e espero que sejas simpático com eles.

Tara, que estava a aspirar as escadas, deixou cair prontamente o tubo das mãos.

— Quem? — Com o coração a ribombar, desligou o aparelho e prendeu-o com o pé, antes que pudesse cair das escadas e matar alguém. Talvez tivesse ouvido mal. — Qual foi o nome que disseste?

³ Travesti. (N. da T.)

⁴ *Cross-polinator*: Polinizador cruzado. *Hot Cross Bun*: Espécie de pequeno pão doce e com especiarias. (N. da T.)

— Senhor e Senhora Cross-Your-Heart-Bra⁵ — respondeu Hector gravemente. — E ela bem precisa de um dos grandes, posso dizer-vos. Com alças fortes, elástico reforçado, essas coisas todas. — Hector também não se preocupava muito com o politicamente correto.

— O meu pai, o dinossauro. — Daisy revirou os olhos. — É estranho que nunca tenhas voltado a casar.

Tara tentou novamente.

— Disseste Cross-Calvert?

— Sim. — Daisy anuiu distraidamente, toda a sua atenção na carta que acabara de abrir.

— Dominic Cross-Calvert? — Desta vez ela ouviu a sua voz como se as palavras não saíssem da própria boca.

— Dominic, é isso mesmo, é o nome do tipo. — Intrigado, Hector endireitou-se. — Conhece-lo?

— Sim. — Idioticamente, Tara percebeu que tinha soado como se estivesse a fazer os seus votos de casamento. Era o que se dizia, não era, quando se prometia amar o marido na riqueza e na pobreza, na saúde e na doença, até que a morte nos separe? Ou era «Aceito». Nunca tendo feito esse juramento em particular, Tara não tinha a certeza. Os homens consideravam-na bonita e tinham um especial apreço pelo seu peito de tamanho fora de vulgar, mas nenhum deles alguma vez lhe propusera casamento.

— Ah! Olha para a tua cara — exclamou Hector. — É um dos teus ex-namorados, não é? Alguma alma perdida do teu sórdido passado. Então, conta-nos lá. Quem acabou com quem?

O mais altivamente que conseguiu, Tara anunciou:

— Eu não tenho um passado sórdido. — O que era, obviamente, uma grande mentira. Pior ainda, Hector sabia-o.

— O que significa que foi ele que acabou contigo. — Hector estava triunfante. — Minha querida, agora estou curioso. Pronto, já sei, guarda lá esse estúpido aspirador e anda contar-nos a história toda.

Ela hesitou.

— Tenho de acabar as escadas.

Aquela era, ao mesmo tempo, a coisa boa e a coisa má em Hector. A sua abordagem irreverente à propriedade e gestão de um hotel tornava-o uma pessoa maravilhosa para quem trabalhar. Por outro lado, o trabalho continuava a precisar de ser feito. Por *outro* lado, ela também ansiava por descobrir mais sobre Dominic.

Hector fez um gesto de desprezo para as escadas.

⁵ Tipo de soutien que oferece um bom suporte. (N. da T.)

— Que se lixem as limpezas, vamos beber um copo! Daisy, vens ouvir isto?

Daisy estava absorvida no conteúdo da sua carta. Nem estava a ouvir. Honestamente, e era aquilo uma amiga.

— Quando é que ele vai casar? — perguntou Tara.

— Daqui a duas semanas. Dez de janeiro. Noventa e seis convidados, três alérgicos ao trigo, dois com intolerância à lactose, dezassete vegetarianos e — o lábio de Hector contorceu-se de aversão — um vegan.

— E esta rapariga com que ele vai... eeh, casar? — Tara fez o seu melhor para parecer desinteressada.

Hector, que não se deixava enganar nem por um momento, estragou tudo atirando a cabeça para trás numa gargalhada trovejante.

— Chama-se Annabel. Uma rapariga grande, como já te disse. Tu e a Daisy juntas cabiam no vestido de noiva.

Tara conhecia o suficiente da tendência para o exagero de Hector para calcular que aquilo significaria que Annabel era provavelmente um roliço tamanho catorze. Um voluptuoso tamanho catorze.

— Sim, mas é bonita? — Não que imaginasse por um segundo que Dominic pudesse casar com alguém que não o fosse. Seria abaixo da sua dignidade.

Hector fechou um braço em volta dos ombros de Tara enquanto a conduzia para o bar.

— Minha querida, não te chega aos calcanhares.

«*Walking in a winter wonderland*», dizia a canção na cabeça de Daisy, enquanto descia a estrada de acesso do hotel. Ouvira-a tocar na rádio quando acordara naquela manhã e colara-se-lhe à mente desde então, o que não era grande problema, já que adorava a música, tão natalícia e alegre que nunca deixava de lhe elevar a disposição. Se houvesse neve a sério a acompanhar, teria sido ainda melhor, mas não se podia ter tudo. E o gelo também era bonito, pensou Daisy com lealdade. Particularmente quando o Sol aparecia, como naquele momento, e tudo cintilava como uma daquelas coisas de vidro que se agitavam para criar tempestades de neve lá dentro.

Mesmo sem a neve, o hotel estava lindo. Ao chegar ao fim da estrada, Daisy saltou por cima do muro de pedra cor de mel à sua direita e tomou o atalho para o cemitério no adro da igreja. Não havia mais ninguém à vista quando se encaminhou para o túmulo de Steven.

Mervyn Tucker, cuja mulher estava sepultada ao lado de Steven, deixara esquecido o balde de alumínio que usava para regar as plantas no seu talhão. Daisy pediu-o mentalmente emprestado, virou-o e sentou-se, enquanto retirava o envelope do fundo do seu casaco de veludo azul-escuro.

Não era dos baldes mais confortáveis, mas preferia estar sentada. Parecia-lhe mais amigável, por qualquer razão.

— Olá, sou eu. Tenho novidades para ti. — Enquanto falava, ocorreu a Daisy que alguém que a visse agora julgaria que tinha enlouquecido. Sentada num balde metálico virado, a ler uma carta para um monte de terra. De qualquer maneira, que importava? Estava sozinha no cemitério. Ninguém a via nem ouvia. E Steven devia saber daquela carta.

Soprando nos dedos para os descongelar, o seu hálito visível no ar gelado, Daisy desdobrou a primeira das duas folhas contidas no envelope.

— Ora bem, vamos lá. Chegou hoje esta carta de alguém chamado Barney. Deste-lhe um dos teus rins e a operação foi um sucesso total. Imagina! Ele tem vinte e cinco anos e salvaste-lhe a vida. Eu leio para ti. Começa com «Querida amiga», porque ele não sabe o meu nome. Teve de dar esta carta à coordenadora de transplantes e foi ela que ma reenviou. Têm de fazer assim, ao que parece, por razões de segurança. Adiante, diz ele: «Querida amiga, espero que não se importe que lhe esteja a escrever. Nem posso imaginar como terá sido difícil tomar a decisão que tomou numa altura tão terrível. Mas queria muito agradecer-lhe por me ter dado uma nova vida. Quaisquer palavras que possa usar serão inadequadas. Obrigado será o eufemismo do ano. Que mais posso dizer? Que é uma pessoa maravilhosa, que tenho a certeza que o seu marido também o era e que só espero que ler esta carta a possa ajudar um pouco, à medida que for ultrapassando o seu desgosto. A senhora merece verdadeiramente ser feliz de novo. Ser-lhe-ei eternamente grato. Se se sentir capaz de me responder através da minha coordenadora, eu adoraria. Se não, claro que compreendo. Mais uma vez, obrigado, e os meus melhores cumprimentos, Barney.»

Silêncio.

Tendo terminado de ler, Daisy afastou uma madeixa de cabelo dos olhos e pousou a mão sobre a pedra tumular branca.

— Pronto, é isto. Não é uma carta fantástica? Faz hoje um ano que morreste e devolveste a vida a Barney. Fizeste, finalmente, uma coisa decente. E ele parece muito querido, não achas? Vou, definitivamente, escrever-lhe a agradecer. Terá demorado muito tempo a pensar no que dizer? Ah, e também tem uma letra muito bonita. Caneta preta, papel de qualidade, e sem erros de ortografia. Ainda bem que não usou um processador de texto, não teria sido a mesma coisa, eu nunca...

Daisy interrompeu-se de súbito, ao sentir o movimento na periferia da sua visão. Alguém com um casaco vermelho-vivo estava parado junto ao portão, à sua esquerda. Percebendo que fora vista, mas não querendo, de qualquer maneira, ser julgada uma autêntica louca, Daisy ficou onde estava e não falou mais.

A pega de metal em volta da base do balde começava a enfiar-se no seu rabo. Resistiu à necessidade de se mover.

Finalmente, porque a pessoa ao lado do portão não se mexia, Daisy voltou a cabeça e olhou-a diretamente. Quando percebeu quem era, quase caiu do balde na mesma.

Mas a verdade é que era o aniversário da morte de Steven. Talvez não devesse ter ficado surpreendida.

Recuperando rapidamente o sangue-frio, Daisy disse em voz alta:

— Está tudo bem, podes vir.

A casaco acolchoado — só que desta vez sem casaco acolchoado — hesitou, depois começou a avançar por entre as sepulturas. A erva gelada estalava por baixo das suas botas rasas. Ela usava um polar escarlate, calças de ganga brancas, um cachecol verde e luvas de tricô azul. Nos braços trazia um pequeno ramo de rosas brancas envoltas em celofane.

Aproximando-se cautelosamente de Daisy, disse:

— Ouve, eu peço desculpa. Posso ir-me embora e voltar mais tarde, quando...

— Não te preocupes, já tinha terminado por aqui, de qualquer maneira. Podes ficar com o meu assento, se quiseres. — Daisy soltou o rabo do fundo do balde (*aul!*) levantou-se e fez sinal à rapariga para tomar o seu lugar. Profundamente curiosa, sorriu brevemente e disse: — Reconheci-te do hospital. Sou a Daisy.

— Eu sei. — A rapariga tinha o nariz e as faces rosados do frio, e parecia desconfortável. *Ah*, pensou Daisy, *espera até te sentares no balde*.

— Chamo-me Mel — disse ela por fim.

Daisy perguntou-se se deveriam apertar as mãos, mas tinha as suas a aquecer confortavelmente dentro dos bolsos do casaco. Além disso, a rapariga também não parecia muito interessada.

— Ok, olha, acho que isto deve contar como uma daquelas situações sociais complicadas, mas não tem mesmo de ser assim. — Agora que a rapariga ali estava, Daisy ficara com vontade de saber mais a seu respeito. — Tenho a certeza que o Steven te deve ter dito que o nosso casamento estava mais ou menos no fim. Bem, para ser honesta, nem era mais ou menos. Estava absolutamente no fim. — Esforçou-se ao máximo para se mostrar amigável, mas isso pareceu não estar a ter qualquer efeito.

— Eu sei. — Mel começou a desembrulhar o rígido celofane do ramo de rosas. — Ele pediu o divórcio e tu recusaste.

Confusa, Daisy fitou a cabeça inclinada da rapariga.

— O quê?

— Ele queria deixar-te — repetiu Mel. — Mas não quiseste deixá-lo ir embora.

— Ah, não, desculpa, mas isso está errado. Errado, errado, *errado*. — Daisy estava a descobrir abruptamente que Steven ainda possuía a capacidade para a abismar. — Eu estava desesperada por um divórcio! Disse-lhe que estava tudo acabado entre nós na semana antes do Natal. Foi quando ele me contou que tinha cancro.

— Cancro? — Foi a vez de Mel parecer atónita. — Oh, meu Deus, não sabia que ele tinha cancro!

— Pois, exato. Não tinha. Estava a mentir. Foi a sua maneira de me chantagear para eu não o deixar. — Daisy forçou-se a manter a calma. — E sabes que mais? Caí na sua história. Pensei que não o podia abandonar para lidar com uma coisa destas sozinho. — Fez uma pausa, a recordar o momento no gabinete das más notícias. — Só que nem sequer era verdade.

— Não acredito. — Mel estava branca como o inverno, com as mãos a tremer. — Ele não faria uma coisa dessas. Estás a inventar isso tudo.

— Confia em mim. Se quisesse inventar uma história, havia de arranjar qualquer coisa mais original — retorquiu Daisy. — Que velho cliché! Lembras-te do *EastEnders*⁶, quando a Angie fez o mesmo ao Dirty Den? É que, sabes, isso era mesmo típico do Steven, ele era um ótimo mentiroso. Disse-me que a sua única hipótese de recuperação residia num novo tratamento qualquer na América. Depois disse que o tratamento custava duzentas mil libras e pediu-me que lhe emprestasse o dinheiro... o que, basicamente, significava *dar-lhe* o dinheiro, porque o Steven já não tinha dinheiro seu. Sabe-se lá o que estaria a planear fazer com ele — concluiu Daisy, encolhendo os ombros. — Fugir contigo para a América, provavelmente. Para voltar seis meses depois, milagrosamente curado.

Estaria a ser cruel, por contar aquilo a Mel? Mais importante, estaria Mel a acreditar?

As rosas de um branco cremoso jaziam agora sobre a pedra tumular, desembrulhadas e intocadas.

— Já não sei o que pensar — disse Mel lentamente. Havia lágrimas nos seus olhos cinzentos.

— Oh, por favor, desculpa. Eu não queria perturbar-te — disse Daisy. — Mas tens de saber como era o Steven, na realidade. Eu não fazia ideia de que ele estava a ter um caso contigo, mas o nosso casamento já tinha acabado, de qualquer maneira.

— O que eu não percebo — disse Mel lentamente — é a razão porque ele havia de me mentir. Nós amávamo-nos. Queríamos estar juntos mais do que qualquer outra coisa. Se não te importavas de te divorciar, porque é que ele havia de querer ficar contigo?

⁶ Telenovela da cadeia de televisão BBC, no ar desde 1985. (N. da T.)

Daisy, que já há muito sabia a resposta para essa pergunta, limitou-se a apontar por cima do muro do adro da igreja. No vale, com o rio a serpentear em volta do perímetro dos jardins bem tratados, aninhava-se sedutoramente o hotel, banhado pela luz do inverno e parecendo ter sido generosamente polvilhado com açúcar refinado. O abeto norueguês de seis metros de altura, perto da entrada, estava engalanado com luzes prateadas. A casa senhorial em si, algumas partes da qual datavam do século quinze, parecia saída de uma publicidade do Ralph Lauren. Na semana anterior, um crítico de um jornal de domingo tinha-o considerado um dos mais gloriosos hotéis da Grã-Bretanha. Também mencionara que o proprietário era uma das personagens mais extravagantes do ramo e passara a descrever Hector como um Basil Fawlty⁷ descontraído, o que provavelmente afastaria milhares de potenciais clientes, mas não era possível agradecer a todos.

— Olha para ali — disse Daisy simplesmente. — Era por causa daquilo que o Steven queria ficar comigo. Apreciava demasiado o seu estilo de vida. — Não acrescentou que o marido nunca fora do tipo de se contentar com pouco. Nem de trabalhar muito.

— O problema aqui — Mel franziu o sobrolho — é que agora podes dizer o que quiseres, que ele não se pode defender.

— Oh, vá lá, pensa bem! Se o Steven queria mesmo deixar-me, porque é que nunca o fez? — Impacientemente, Daisy atirou o longo cabelo negro para as costas. — Achas que o conseguiria impedir? Ele era um homem adulto. Não é propriamente como se o pudesse amarrar e atirar para a cave!

Inesperadamente, Mel perguntou:

— Ias dar-lhe as vinte mil libras?

Daisy encolheu os ombros.

— Acho que sim. Continuava a ser meu marido. Não podia dizer: que horror, cancro, mas desculpa, não me dá jeito agora, estava a pensar comprar um carro novo.

Mel, de olhar firme, perguntou:

— Tu amava-lo?

Tendo em conta que eram duas virtuais desconhecidas, pensou Daisy, estavam a ter uma conversa surpreendentemente franca.

Abanou a cabeça.

— Não, para o fim não.

— Então, porque é que estás aqui, a visitar a campa dele? — O tom de Mel era ligeiramente desafiante. — Vi-te a falar com ele há pouco.

⁷ Protagonista da série cômica britânica *The Fawlty Towers*, interpretado pelo ator John Cleese. (N. da T.)

Os dedos de Daisy roçaram a carta no seu bolso. Mas primeiro tinha mais umas perguntas a fazer.

— Já te digo, daqui a um minuto. Amavas o Steven?

Mel lançou-lhe um olhar compadecido.

— Claro que o amava. Se não, porque haveria de estar aqui? E trouxe-lhe flores. — Os olhos dela cintilaram enquanto acrescentou, vincadamente: — O que é mais do que tu alguma vez fizeste.

— Alguma vez? Então já cá tinhas estado? — Daisy não conseguiu conter-se. — Vens cá muitas vezes?

— Venho todas as semanas. Não é proibido — retorquiu Mel com um olhar de desafio. — Não me podes impedir.

— Eu não disse que te queria impedir. — *Céus, que sensível!* — De uma maneira estranha, até é bom saber que ele tem alguma visita. Que idade tens? — Rapidamente, Daisy mudou de assunto. *Vês? Também consigo fazer perguntas pessoais.*

— Vinte e seis — disse Mel, num tom tenso.

Hmm, mais velha do que parecia, então. Com aquela franja de colegial e boquinha bem feita, Daisy calculara uns vinte e um ou vinte e dois.

— Então, tinhas vinte e cinco quando te envolveste com o marido de outra. Não sentiste nenhuns remorsos por causa disso?

— Eu tinha pena dele. Dizia-me que estava encurralado num casamento sem amor... o que era verdade... e que tu eras, bem...

— Deixa-me adivinhar. Uma cabra saída do inferno? — Estava-se a calcular, pensou Daisy. Conseguia imaginá-lo muito claramente; não havia ninguém como Steven para fazer a vida a mentir ou a seduzir. — Na verdade, não sou. Sou uma boa pessoa. Não estou à espera que acredites, mas sou.

Mel ergueu o olhar.

— Foste boa para mim, uma vez. Quando disseste à enfermeira no hospital para me deixar entrar na unidade de cuidados intensivos. Foi muito importante para mim. Nem conseguia acreditar que tinhas feito isso.

Daisy sorriu brevemente.

— Ah, aí tens. Eu bem te disse, sou uma pessoa fantasticamente querida.

Mel, demasiado tensa para retribuir o sorriso, disse:

— Isso também foi uma coisa que o Steven me contou, que eras convencida. Nada do tipo flor de estufa.

— Flores de estufa não podem gerir hotéis. E, por falar nisso, acho que está na hora de regressar. — Consultando o seu relógio, e reparando ao mesmo tempo que Mel olhava para ele (sim, era um *Cartier*, e não, não era falso), Daisy disse: — Antes de me ir embora, gostava que visses uma coisa.

Mel pegou no envelope e retirou as duas folhas de papel lá de dentro. Com os dedos claramente dormentes de frio, desdobrou-os e começou a ler, primeiro a carta explanatória da coordenadora e depois a de Barney.

Leu apenas as primeiras linhas da segunda carta. Sem se dar ao trabalho de ler até ao fim, voltou a enfiá-la no envelope e enfiou tudo na mão de Daisy.

— Não ajuda? — Daisy franziu o sobrolho, apanhada de surpresa. Não era a reação que esperara.

— Porque é que havia de ajudar?

— Mas eu acho que é brilhante! Foi isso que vim aqui contar ao Steven. Ele fez uma coisa boa. Graças a ele, este rapaz recebeu uma nova vida.

— Mas é um perfeito desconhecido. — Enquanto falava, as lágrimas de fúria assomaram aos olhos de Mel. — Não quero saber. Preferia que o Steven estivesse vivo. Eu quero que *ele* receba uma nova vida, não um rapaz qualquer que nem conheço.

Capítulo 4

Tara empurrou a porta com o traseiro, entrou de costas no quarto número 12 com os braços carregados de toalhas lavadas e deu um pulo quando percebeu que não estava sozinha. Uma vez que os últimos ocupantes tinham acabado de partir no seu helicóptero, ela julgara, naturalmente, que o quarto estava vazio.

— Oh, és tu! Santo Deus, o que estás a fazer? — Atirando com as toalhas para a cama de dossel, Tara aproximou-se das janelas onde Daisy, de joelhos no assento da janela, espreitava por um par de binóculos. — Não te dedicaste à observação de aves! — Tara soltou um gemido de consternação. — Por favor, não me digas que te dedicaste à observação de aves, isso é das coisas mais cromas que há. Tens de andar com aqueles odiosos anoraques verdes e começar a usar barretes de lã com pompons, e, digo-te já, *nunca* mais arranjas um namorado...

— Eu não estou a observar pássaros, estou a espiar uma pessoa. — Daisy teve de interromper a sua diatribe.

— Ah, bom, então tudo bem, esse é um excelente passatempo. — Tara fez um aceno de aprovação com a cabeça. — Quem é?

— Ooh, ninguém em especial. Só a rapariga que estava a ter um caso com o Steven antes de ele morrer.

— O quê?

— Au! — Daisy soltou um pequeno grito quando a alça dos binóculos se apertou abruptamente à volta do seu pescoço. Sentindo que o estrangulamento podia causar sérios danos à sua saúde, soltou-se dela e passou os binóculos a Tara. — Ali, no adro da igreja. Casaco vermelho, cabelo escuro.

— Cá está. — Tara pressionou os binóculos contra o vidro, olhando avidamente para a rapariga que estava ajoelhada ao lado da campa de Steven. — Mas como é que tens a certeza que é a namorada dele?

— Vim agora mesmo de lá, estive a falar com ela. Resolvemos algumas coisas. — Daisy soltou um suspiro. — Steven disse-lhe quase tantas mentiras como me dizia a mim.

Credo.

— Mentir nunca funciona. Acaba-se sempre a ser apanhado — disse Tara tristemente. — Como estava a contar ao teu pai há pouco, foi por isso que eu e o Dominic acabámos.

Com a mente evidentemente noutra lado qualquer, Daisy disse:

— O Dominic? Qual Dominic?

— O Dominic Cross-Calvert, tonta.

Daisy parecia atónita.

— Cross-Calvert? Mas esse é o nome do tipo que se vai casar no hotel daqui a duas semanas. Estás a dizer-me que andaste com ele?

Tara inclinou a cabeça para um lado com um ar compreensivo.

— Honestamente, fico preocupada contigo, algumas vezes. Disse-te isso esta manhã.

— Disseste? Oh, bem, não há problema. Se for desconfortável para ti, trocamos os teus turnos. Não és obrigada a vê-lo. — Enquanto dizia isto, Daisy estava a observar Mel a deixar a campa de Steven e a sair lentamente do adro da igreja rodeado por árvores.

— Não sejas parva. — Tara estava indignada. — Não é nada de especial. Não estou preocupada com o Dominic.

— Então prometes que não vais fazer nada de embaraçoso, como aparecer a meio da cerimónia e gritar: «Sim, sim, *eu* sei uma razão para ele não se casar!» Porque, se fizeres isso — Daisy abanou a cabeça de uma maneira pesarosa, — receio bem ter de te despedir, depois cortar-te aos pedacinhos e dar-te a comer aos cães do Bert Connelly.

Iac. Bert Connelly, um dos faz-tudo do hotel, criava uma pequena matilha de ferozes e esfomeados *pit bulls*.

— Não vou fazer nada disso — protestou Tara. — Vou só dizer-lhe um olá, mais nada. Caramba, há meses que nem pensava no Dominic. Ele nunca foi assim tão importante. A vida continua. Se se vai casar, fico feliz por ele. E prometo não fazer nada de embaraçoso.

Daisy fez um aceno de assentimento, aliviada. Percebia que Tara lhe estava a dizer a verdade.

— Bem, eles vêm cá esta tarde. Talvez pudesses ficar por cá depois do teu turno e dizer-lhe esse olá, tirar o assunto do caminho antes do casamento.

— Pensei nisso, e gostava muito — disse Tara honestamente — mas tenho hora marcada no cabeleireiro, e é a minha última hipótese antes de a Zoe ir de licença de maternidade. — Isto também era verdade. Zoe, a única cabeleireira no mundo a quem Tara confiava o seu cabelo, deixara-se, estouvadamente, engravidar. Naquela tarde, teria de cortar e pintar o espetado cabelo louro de Tara com cuidado suficiente para a fazer aguentar

durante os quatro meses seguintes, enquanto ela ia egoistamente dar à luz e ficar a preguiçar em casa, a olhar por um bebé. Honestamente, as cabeleireiras podiam ser tão pouco atenciosas. Não percebiam os danos psicológicos que estavam a infligir nas suas leais clientes? Custava muito lembrarem-se simplesmente de tomar a pílula?

— Não posso perder a minha marcação — disse Tara, sentindo-se uma viciada em heroína a quem fosse pedido que desistisse da próxima dose.

— Não entres em pânico. Só pensei que poderia ser mais fácil se o visses esta tarde. Não quero que fiques inquieta no dia do casamento.

— A sério, estás mesmo a exagerar — queixou-se Tara. — Não estou absolutamente nada apaixonada pelo Dominic Cross-Calvert. Ele não significa nada para mim.

— Pronto, pronto. — Percebendo que estava a ser chata, Daisy acenou com os braços num sinal de rendição. — Desde que tenhas a certeza disso.

Na manhã do casamento, estava a chover. Não apenas uma chuva normal. Era um dilúvio.

Quando a noiva chegou com a mãe e a irmã às dez e meia, Daisy acolheu-as na receção e conduziu-as à sua suite no andar superior.

— Eu sei que viemos cedo — exclamou Annabel, que era roliça, loura e com uma beleza de boneca de porcelana — mas queríamos ter tempo suficiente para cá chegar, e já estava acordada desde as cinco da manhã, de qualquer maneira, com a excitação. O Dominic acha que sou maluca, diz que sou um caso perdido, mas como é possível não estar excitada? — Ligeiramente ofegante enquanto seguia Daisy pelas escadas acima, declarou com orgulho: — É a manhã do meu casamento, o dia mais importante da minha vida!

A sala da suite fora especialmente preparada para elas, com jarras de flores e champanhe no gelo como presentes de boas-vindas. Um belo lume crepitava na lareira.

— Claro que é importante — disse Daisy. — E aposto qualquer dinheiro em como ele está tão excitado como a Annabel. Os homens é que gostam de fingir o contrário, é uma dessas coisas masculinas. A que horas espera a sua chegada?

A cerimónia de casamento em si estava marcada para as três. Annabel tinha montes de tempo para se vestir e preparar.

— Oh, lá para as duas. Vem com o padrinho. Mas o Dominic não me pode ver, não se esqueça... dá azar o noivo ver a noiva antes do casamento! De qualquer maneira, provavelmente devem ficar lá em baixo, pelo bar. Outra dessas velhas tradições masculinas. — Annabel revirou os olhos

numa bem-disposta resignação, depois fez um incontrolável sorriso rasgado. — Ainda nem acredito que isto está mesmo a acontecer, acho que devo ser a rapariga mais sortuda do mundo. E a Daisy, é casada?

— Eu? Nããão. — Alegremente, Daisy abanou a cabeça. Aquela era uma das perguntas a que preferia esquivar-se.

— O quê? Como pode nunca ter casado? — Annabel parecia chocada. — É tão bonita, podia ter tido qualquer homem que quisesse!

Oh, céus, nada pior do que despedaçar as ilusões de uma rapariga umas horas antes das suas núpcias. Nenhuma rosada noiva quer ser recordada de que alguns homens podem fazer-nos pensar que são a resposta às orações de qualquer rapariga solteira quando, no fundo, não passam de javalis mentirosos.

— Bem, tentei uma vez — disse Daisy muito descontraidamente — mas não resultou. Oh, uau, isto é fabuloso. — Desviando a atenção da sua própria experiência infeliz com o matrimónio, admirou o vestido de noiva que a mãe de Annabel estava a retirar amorosamente da sua mala. — Que vestido... que linda guarnição.

— Cada uma das contas cosida à mão. — Annabel cintilava, enquanto a sua mãe corava de orgulho. — Foi a mamã que me fez o vestido. Não é fantástico? Trabalhou nele durante meses.

— Maravilhoso — concordou Daisy. Embora tantas pérolas e intrincados bordados em branco sobre branco não fossem propriamente a sua preferência. — Bem, é melhor deixar-vos instalarem-se. Vou pedir que vos tragam um bule de café e, se precisarem de mais alguma coisa, só têm de ligar para a receção.

— Obrigada. — Annabel deixou-se cair alegremente na ponta da cama, quase esmagando o elaborado estojo de maquilhagem que a irmã acabara de tirar da mala. — Ups, que desastrada! A Jeannie vai tratar primeiro do meu cabelo, depois das unhas, depois do rosto... e ainda bem, pela maneira como tenho as mãos a tremer!

— Vejo-vos mais logo — disse Daisy enquanto se dirigia para a porta. — Divirtam-se.

Não era propriamente como se Tara estivesse desesperada por impressionar Dominic. Mas, por outro lado, é muito natural uma pessoa querer estar no seu melhor quando encontra um antigo namorado que já não vê há anos. Ninguém no seu juízo perfeito quer que o seu ex solte um suspiro de alívio e pense, ufa, escapei por pouco.

Tara estremeceu perante essa perspetiva. Tinha esperança que Dominic não o pensasse. Nesse dia, aplicara a sua maquilhagem com muito mais cuidado e atenção do que o habitual. O seu cabelo, por pura sorte, estava

um espetáculo. E, só para aquela pontinha de confiança adicional, estava a usar o seu soutien azul-pavão, *push-up*, ultra-acolchoado.

A farda era uma pena, claro, mas, quanto a isso, não havia nada a fazer, e ao menos era de um simples azul-marinho. Tara sabia que, dentro do domínio das fardas de empregadas de quarto, podia ter-lhe calhado muito pior.

Oh, Cristo, havia outra coisa que a preocupava. Quando conhecera Dominic, era uma aspirante a atriz. Uma aspirante a atriz com sonhos e, hmm, aspirações. Iria ele rir a bandeiras despregadas quando descobrisse o que fazia agora? Pior ainda, iria mostrar-se desdenhoso?

Tara, de joelhos no quarto 4, a esfregar energicamente o que parecia ser um pedaço de pastilha esmagada na carpete, alimentou brevemente a ideia de fingir para Dominic que estava ali sob disfarce, a pesquisar secretamente o trabalho de uma empregada de quarto para alguma série dramática de grande orçamento comissionada pela ITV. Isso pareceria bem mais impressionante.

Oh, vou parar com isso, pensou Tara com uma explosão de impaciência, *o que é que estou a fazer? Sou empregada de quarto e não há nada de que ter vergonha. Nem todas podemos ser a Kate Winslet. É o dia do casamento do Dominic, pelo amor de Deus, e estou-me nas tintas para o que ele pensa de mim, de qualquer maneira.*

Tara ouviu os empregados de mesa a gritarem instruções uns aos outros, na sala de jantar no andar de baixo, enquanto organizavam as mesas de acordo com o plano de lugares. Olhando para o relógio, viu que era uma e meia. Dominic devia estar quase a chegar. E Annabel, a sua futura esposa, já passara três horas a enfeitar-se e a preparar-se para a cerimónia.

Contente por ninguém lhe poder ler a mente, Tara endireitou-se e lembrou-se de como em tempos passara horas a praticar amorosamente a sua assinatura, para o caso de acabar por casar com Dominic. Tara Cross-Calvert soara *tão* bem mais artístico e requintado do que o velho e vulgar Tara Donovan. Para ser honesta, provavelmente gostara mais do apelido do que do próprio Dominic.

E agora, em menos de três horas, seria outra pessoa a poder chamar-se Sr.^a Cross-Calvert e a escrever a sua glamorosa nova assinatura com um floreado.

Ocorreu a Tara que, com a sua sorte, seria mais provável que acabasse por casar com alguém com um apelido como Grimshaw, ou Winkle, ou Puke.

O som de um carro na estrada de gravilha lá fora teve um efeito eletrificante, mas era apenas um dos outros convidados, um americano atualmente na posse da esposa mais barulhenta conhecida pela raça humana.

Uma esposa, lembrou Tara tardiamente, que lhe pedira que substituísse as almofadas firmes no seu quarto por outras mais moles. Se não queria ficar com os tímpanos perfurados, era melhor tratar do assunto de imediato.

Ah, pois. Quem disse que a vida de uma empregada de quarto não era glamorosa?

Capítulo 5

Uf — soltou Tara, ao virar uma esquina e colidir de cabeça com uma figura que vinha na direção oposta. Felizmente, graças ao facto de os seus braços estarem carregados com fofas almofadas de penas de ganso, foi uma colisão indolor. — Peço muita desculpa, o senhor está bem?

Ao baixar-se para apanhar as almofadas caídas e, simultaneamente, olhar pela primeira vez para a sua vítima, conteve a respiração. Porque, não havia como negar, ele era verdadeira, louca e profundamente lindo. Cabelo escuro e brilhante, olhos ainda mais escuros, com um brilho de humor, e o tipo de bronzado fora de época que deixava a sua boca num tom mais pálido que a sua pele. Quando sorriu, os seus dentes eram tão brancos como o polo que trazia vestido. E, além disso, tinha um corpo magro, firme, de ombros largos, que era de morrer. Também lhe parecia conhecido, embora Tara não conseguisse identificar de imediato de onde. Não era, certamente, nenhum dos hóspedes do hotel.

— Acho que consigo sobreviver. — A sorrir para Tara, que apanhava atrapalhadamente as almofadas, acrescentou: — Gosto do seu soutien.

Tara corou furiosamente. Não conseguiu evitar. Baixando o olhar, descobriu que o botão de cima da sua farda azul se abrira, deixando-lhe o decote em V dramaticamente aberto. Da sua posição elevada, aquele espantoso homem de olhos escuros provavelmente veria não só o seu soutien mas tudo o resto até ao umbigo.

Encolhendo apressadamente a barriga, só pelo sim pelo não, Tara debateu-se com o botão para o abotoar. Mas tal como do seu rubor, tinha consciência de estar a morder o lábio para não se rir, porque, para ser honesta, não era todos os dias que o seu soutien era admirado por um homem tão ofegantemente esplendoroso.

E até fora *simpático* da parte dele dizer que gostava. Tara sentia-se ao mesmo tempo lisonjeada e satisfeita, já que a coisa lhe custara trinta e oito libras e meia. Um soutien tão bonito merecia ser apreciado.

— Pronto, já está. — Estendendo-lhe uma mão, ele ajudou-a eficiente-

mente a levantar-se. — Nenhuns ferimentos que possam necessitar de um exame?

Tara sentiu a pele começar a formigar com delicioso prazer.

— Tudo bem. — Agora a sorrir abertamente, pensou como seria brilhante se aquele fosse um hóspede que acabara de se instalar no hotel por um mês inteiro. — Mas ficou... com licença.

— O quê? — As sobrancelhas do homem dispararam para o alto da testa com um simulado alarme quando Tara estendeu a mão para a parte da frente das suas calças de ganga.

— Desculpe. Já está. — Tendo retirado a pequena pena encaracolada, Tara mostrou-lha. — Estava nas suas calças. Deve ter escapado de uma das almofadas.

Sortuda da pena!

— Uf! Por um momento fiquei sem saber o que me ia fazer. — Ele sorriu enquanto falava, revelando umas covinhas travessas nas faces. Atrás dela, Tara teve uma vaga noção de que uma porta se abria e fechava. Percebendo que outro convidado acabara de emergir da casa de banho dos cavalheiros e que precisaria de passar por eles no estreito corredor, apertou automaticamente as almofadas contra o peito e desviou-se para um lado.

No momento seguinte, uma atónita voz masculina exclamou:

— Eu não acredito. *Tara?*

Virou-se, e lá estava ele. Dominic, que parecia exatamente como o recordava. Exceto, talvez, mais esculpido.

— Olá, Dominic. Já soube que vais casar, finalmente. Parabéns. — Andara a praticar aquelas deixas há dias, escusado seria dizer, mas a coisa boa de se ser atriz era poder-se ensaiar interminavelmente e mesmo assim parecer tudo espontâneo e completamente natural. Até as atrizes falhadas o conseguiam fazer.

Satisfeita consigo mesma, Tara mostrou a Dominic um sorriso jovial. Depois, porque pareceria má educação não o fazer, plantou um breve beijo na sua face.

— Espera lá, não estou a compreender. — Dominic estava a abanar a cabeça, ainda em choque. — O que estás aqui a fazer?

Decidida a não ficar envergonhada, Tara ergueu o queixo e disse:

— A trabalhar. Agora sou empregada de quarto. — Quase teve sucesso, quase conseguiu soar como se não se preocupasse minimamente por já não ser atriz, mas o vago tremor na sua voz traiu-a. *Oh, sim, esta sou eu, agora ganho a vida a arrancar das carpetes pastilha mastigada por outras pessoas.*

Dominic estava incrédulo.

— Então e o que aconteceu à... outra coisa?

— À representação, é isso que queres dizer? — A rezar para que a sua

voz não a traísse pela segunda vez, Tara encolheu os ombros, com um ar indiferente. — Desisti. Demasiado competitivo. Bem, talvez eu não fosse suficientemente boa. De qualquer maneira, já estava na altura de sair de Londres. A minha tia Maggie convidou-me para ficar aqui com ela... tem uma casinha linda na aldeia... e fiquei por cá desde essa altura. Não é o que se possa chamar uma carreira faustosa, mas dá para me rir um bocado. — Enquanto ia tagarelado, Tara voltou-se para incluir o Homem da Pena na conversa, não querendo que se sentisse excluído, mas ele já lá não estava. Em silêncio, fora-se embora.

Oh, bem, não fazia mal, havia de voltar a chocar com ele, noutra altura. E entretanto...

— Eu não posso acreditar. Não acredito que isto esteja a acontecer. — Dominic abanava lentamente a cabeça.

Bem, acalma-te lá.

— Eu sei, há quanto tempo, não é verdade? — Tara não esperara aquela reação tão dramática. Dominic estava a olhá-la como se se tivesse transformado subitamente na Madonna, ou coisa do género. Parecia que toda a cor lhe fugira do rosto. Quando ele lhe pegou na mão, Tara sentiu-o tremer.

— Meu Deus, Tara, não é justo. Eu devia casar-me daqui a duas horas.

— O quê? — Riu-se com o lapso. — Não *devias* casar, tonto! Tu vais casar.

O tom de Dominic tornou-se urgente.

— Desculpa, mas não imaginas o que isto significa para mim. Não fazes ideia. — Ele baixou a voz ainda mais quando outro hóspede atravessou o corredor. — Tara, nós precisamos de falar.

Tara, com o coração a começar a ribombar, apertou as almofadas com mais força contra o peito.

— Dominic! Não posso. Estou ocupada. E tu tens de te ir preparar para o casamento.

— Vem até ao meu quarto. — E retirou uma chave do bolso das calças de ganga. Tara olhava-o, incrédula. — Estás maluco? Claro que não vou ao teu quarto! Se alguém nos visse, o que haveria de pensar?

— Tara, isto é importante. Se não falares comigo, eu cancelo o casamento. E depois vai ser tudo culpa tua. — Dominic estava a sorrir, aquele seu familiar sorriso de lado. O coração de Tara fez *tuaaaang* ao lembrar-se da maneira como ele conseguia sempre fazê-la rir.

— Só cinco minutos — insistiu Dominic, com o cabelo louro a cair-lhe sobre os olhos.

— Tenho de levar isto para o quarto 6. — Impotentemente, indicou as almofadas.

— Boa ideia. Falamos aí.

— Claro que não! — Pensando rapidamente, com a instintiva consciência de que qualquer quarto, em qualquer lado, seria uma má ideia, Tara disse: — Vou só levar isto para cima. Dá-me dois minutos.

— Já esperei tanto tempo. — Dominic ofereceu-lhe outro daqueles seus sorrisos de fazer derreter corações. — Só mais dois minutos não me farão mal nenhum.

No andar de cima, Tara enfiou as almofadas em fronhas lavadas e tentou imaginar porque teria Dominic reagido daquela maneira. Qual era o grande drama? Bolas, não era propriamente como se tivesse sido ela a acabar e Dominic tivesse passado os dois últimos anos a chorar pelos cantos. Fora ele que pusera fim à relação.

Ao descer, encontrou-o à sua espera no mesmo sítio no corredor, a fingir que admirava um quadro na parede. Ao fundo, a zona da receção fervilhava com os preparativos do casamento, dando-se os últimos retoques nos arranjos de flores.

Da sala de jantar vinha o tilintar dos talheres a serem dispostos. Voltando para o outro lado do corredor e virando algumas esquinas à esquerda com Dominic na sua esteira, Tara abriu uma das portas laterais que davam para o exterior e murmurou:

— Há ali um pavilhão, ao lado da piscina. Ali não seremos incomodados.

— Claro que não. — Dominic ergueu o olhar para o céu cor de chumbo. — Ninguém no seu juízo perfeito iria sair com um tempo destes.

Chovia mais do que nunca. Era uma hecatombe.

— Vais ficar todo molhado — avisou Tara.

— Não me digas. — Os olhos brilhantes de Dominic franziram-se com humor. — Não faz mal, tu mereces.

Mas *porquê?* queria Tara gritar. *Porquê, porquê, porque é que mereço isto tudo, de repente?*

Bom, só havia uma maneira de o descobrir.

— Ok. — Fechando a porta atrás deles, Tara conteve a respiração quando a gelada bâtega de chuva a atingiu como gravilha. — Vês o telhado do pavilhão ali atrás? Um, dois, três... *vamos*.

— Es-esta é a p-p-pior ideia que já t-tive — gaguejou Tara por entre os dentes que batiam violentamente, quarenta segundos mais tarde. O pavilhão podia ser um sítio discreto para se conversar, mas também tinha chão de cimento e era mais frio do que uma arca congeladora.

— Não te preocupes, eu aqueço-te. — Os braços de Dominic estavam a envolvê-la antes que tivesse tempo de protestar, e Tara não conseguiu reunir a força de vontade necessária para se desviar. O calor do corpo dele era maravilhoso, melhor do que qualquer cobertor elétrico. E ele estava a

esfregar-lhe os braços e as costas com movimentos firmes, para lhe restabelecer a circulação.

— Muito bem — disse Tara, quando voltou a conseguir falar sem se arriscar a morder a língua. — Vais então dizer-me o que se passa? — Olhou para o relógio e acrescentou: — Tendo em conta que a tua futura esposa está provavelmente, neste preciso momento, a enfiar-se no vestido de noiva.

— Olha para ti. — Ignorando a pergunta, Dominic passou-lhe lentamente um dedo ao longo da face. — Não mudaste nem um pouco. Por fora, pelo menos.

— E não mudei por dentro — protestou Tara. — Sou exatamente a mesma pessoa.

— Errado. Isso é o que tu pensas. Mas mudaste — disse-lhe ele. — Mais do que imaginas.

Um banco de madeira corria ao longo da parede traseira do pavilhão. Quando se sentaram juntos, Tara estremeceu e avisou:

— Então, fala depressa, o que quer que seja. Daqui a cinco minutos volto para dentro. — Apesar da simulação de severidade, ela estava a rebenotar de curiosidade. Era *tão* excitante descobrir que se teve mais efeito em alguém do que se imaginara.

— Eu amava-te — disse Dominic simplesmente. — Eras a minha rapariga de sonho. Eras engraçada, linda e a pessoa mais divertida do mundo.

Para não dizer fabulosa na cama, pensou Tara, que não se esquecesse dessa parte.

Em voz alta, disse, com um *toque* de sarcasmo:

— Se era assim tão divertida, parece-me um pouco estranho que tenhas decidido dar-me com os pés.

— E não consegues adivinhar a razão? Não consegues mesmo perceber? — Dominic abanou a cabeça tristemente. — Tu eras perfeita em quase todos os sentidos. Mas a única coisa com que eu não conseguia lidar era aquela que te importava mais do que qualquer outra no mundo.

Tara ficou de boca aberta. Caramba, estaria ele a dizer-lhe seriamente que não conseguia lidar com o seu vício por gelado de *toffee pecan*?

— A tua dita carreira — continuou Dominic. — Eras obcecada por ela. Nada mais importava. Toda a tua vida girava em volta desse sonho maluco de que havias de lá chegar um dia, e não conseguias ver o que isso te estava a fazer. Todas as quintas-feiras, lá ias comprar o *The Stage* e lê-lo de uma ponta à outra. Depois havia as audições intermináveis que nunca levavam a lado nenhum. Por isso, começaste a fazer aquelas coisas manhosas, convencida de que não importava, que era melhor do que nada e que ainda podias ter a tua grande oportunidade. Conseguiste mesmo convencer-te de

que algum grande produtor podia ver a tua fotografia em topless e decidir que eras a miúda certa para protagonizar a sua próxima grande produção de Hollywood.

Tara, com a pele a formigar de embaraço, disse, indignada:

— Mas toda a gente tem de passar por isso! Toda a gente sabe que, para se ser notado, é preciso sofrer. A Madonna passou por isso. E a Geri Halliwell. Céus, até a Joanna Lumley o fez. — Ela sabia que ele sempre tivera um fraquinho pela Joanna Lumley.

— Talvez sim. Mas eu não suportava ver-te. Fazia-me sentir... bem, um bocado agoniado, para ser honesto. E depois soube, pelo amigo de um amigo, que tinhas feito uma audição para um trabalho num clube de *strip*, e percebi que não aguentava mais. Eu adorava-te, mas não queria uma namorada que fizesse *lap-dancing*. E, quando te perguntei pelo trabalho, disseste-me que era para empregada de mesa. Foi a última gota. Tive de pôr um ponto final na nossa relação.

Tara estava atónita. Tudo bem, ela mentira e fora apanhada, mas nunca percebera que ele sentia tudo aquilo a respeito da sua carreira.

— Mas nunca me disseste nada! Se detestavas tanto o que eu fazia, porque é que nunca me disseste? Pelo amor de Deus, Dominic, eu não fazia qualquer ideia!

Ele encolheu os ombros.

— Eu sei que não. Isso é porque eras tão obcecada. Representar era mais importante para ti do que qualquer outra pessoa. Era a paixão da tua vida. Não valia a pena pedir-te que desistisses porque, bem, não o terias feito. Eras como uma alcoólica que se recusa a acreditar que tem um problema. Por isso, decidi afastar-me enquanto podia. Foi o inferno, mas percebi que não tinha outra escolha. Era uma situação sem saída. Não conseguia impedir-te de fazeres o que querias.

Tara tremia, com a farda molhada a gelar e pegajosa contra a sua pele. De certeza que Dominic a imaginara a acabar como uma velha bruxa inchada e coberta de silicone a protagonizar filmes de *soft porn*. A coisa mais vergonhosa naquilo tudo era que isso estivera muito perto de acontecer. Estivera lá perto, a cambalear mesmo na berma daquele abismo assustador. Teria bastado um pequeno empurrão.

Graças a Deus, recuperara o bom senso no último momento. Ao perceber o que estava prestes a fazer, dera um passo atrás.

— Isso agora pertence tudo ao passado — disse Tara lentamente. — Encarei o facto de que estava apenas a enganar-me a mim mesma. Que nunca seria uma grande atriz. Por isso, desisti de tudo e mudei-me para aqui. Isso faz-te sentir melhor? — acrescentou, com um sorriso de esguelha. — Saberes que tinhas razão?

Dominic puxou bruscamente o cabelo para trás, com uma expressão tensa.

— Tara, ouve-me. Tu não compreendes, não estás a ver o que isto significa? Tu eras perfeita em todos os *outros* sentidos. A única coisa que se intrometeu entre nós os dois foi a tua carreira. E agora desististe da carreira. O que te torna...

— Perfeita? — troçou Tara.

Mas Dominic não se estava a rir. Havia angústia nos seus olhos enquanto ele balbuciava:

— Céus, sim, *sim* — e avançou.

Apanhada de surpresa pela imprevisibilidade da investida, Tara caiu para trás sobre o banco de madeira. Os braços de Dominic estavam por todo o lado, como tentáculos, e o seu corpo pressionava-se contra o dela, enquanto ele gemia e a beijava apaixonadamente na boca. Para se impedir de cair do banco, Tara foi forçada a agarrar-se a ele. Soltou um abafado *uompff* de surpresa e agarrou-se aos ombros do ex-namorado, vagamente consciente de um dos seus joelhos preso entre as pernas dele. A língua quente de Dominic serpenteara para a sua boca e ele beijava-a com tanta força que ela mal conseguia respirar. O seu cabelo molhado varria-lhe os olhos, e ela sentia o coração dele a bater contra o seu peito, e o cheiro do seu *aftershave* era...

— *Parem, parem, parem!* — guinchou uma voz feminina quando a porta do pavilhão se abriu com tanta força que quase saltou das dobradiças.
— *Pelo amor de Deus, solte-o imediatamente!*

Capítulo 6

Cada terminação nervosa no corpo de Tara fez *zzinnng* com a necessidade de dar um salto de dois metros no ar, mas Dominic estava em cima dela, por isso não saltou para lado nenhum. O peso dele prendia-a contra o banco estreito. Ele ficou ali, sem mover um músculo, como um miúdo de dois anos a pensar que se fechasse os olhos, não se mexesse e fingisse muito não estar ali, não seria apanhado.

Não resultou. Momentos depois, Dominic foi agarrado não muito gentilmente pelos ombros e arrancado do banco. Tara, vermelha e mortificada, ergueu-se como uma mola e puxou a farda amarrotada por cima das coxas.

Céus, aquilo era horrível, simplesmente horrível.

— Sua cabra desavergonhada e nojenta! — berrou uma rapariga com um ar furioso, vestida com um fato de dama de honor cor de pêssego. — O que raio está a fazer com o noivo da minha irmã? Como se *atreve!*

Horrorizada, Tara gaguejou:

— M-mas, não é o que está a pensar... não foi *isso*... — e olhou desvairadamente para Dominic à espera que ele saltasse em sua defesa.

Mas Dominic, pálido e de lábios contraídos, estava a abanar a cabeça, com uma expressão pesarosa.

— Jeannie, não precisas de ficar assim. Ela descontrolou-se um bocadinho. Ainda tentei impedi-la... mas acontece que já nos conhecemos há anos. Ela ficou um bocadinho confusa por me voltar a ver.

Ao ouvir esta estarrecedora mentira, Tara bradou:

— Oh, desculpa lá, estás a falar a sério? Foste tu que me beijaste!

— Foi a menina que o trouxe para aqui — gritou Jeannie. — Eu estava a olhar pela janela da nossa casa de banho e vi-a a trazê-lo para aqui. Pensei que parecia um pouco estranho, foi por isso que não me preocupei por alguns minutos, mas quando não voltaram a sair, desci as escadas e segui o caminho desde as traseiras do hotel. Não conseguia perceber para onde tinham ido até virar uma esquina e encontrar este sítio com as janelas todas embaciadas. E surpresa, surpresa, aqui estão vocês. — Apontou para Tara com desprezo, como se estivesse coberta de escaras. — Meu Deus,

que pessoa inacreditável, realmente. A tentar seduzir um homem que vai casar daqui a uma hora e meia. Mas tem alguma ideia do que isto vai fazer à minha irmã?

— Jeannie, Jeannie, não podes fazer isso — disse Dominic apressadamente. — Não podes contar à Annabel, não *podes*.

Tara, profundamente chocada, gemeu:

— Eu não estava a tentar seduzi-lo. Juro, nem queria que ele me beijasse!

— Já chega, Tara. — O tom de Dominic era de compaixão. — Só estás a tornar as coisas piores para o teu lado.

— Mas eu nunca faria uma coisa dessas — protestou ela para Jeannie. — Não sou esse tipo de pessoa.

O lábio superior de Jeannie ergueu-se de desdém e o seu olhar desceu do rosto angustiado de Tara para o seu peito. Tara percebeu de súbito que, para além de ter o cabelo despenteado e o batom esborratado, o botão de cima do uniforme abrira-se. Outra vez.

Céus, não havia dúvidas de que escolhia os melhores momentos.

Com pesado sarcasmo, Jeannie disse:

— Oh, não, claro que não. Não me diga, a verdade é que é uma freira.

— Oh, por favor, tens de acreditar em mim, eu juro por Deus que não fiz nada de mal, foi ele, não eu!

Daisy, sentada na berma da sua secretária, estava tão zangada que mal conseguia falar. Tara andava agitadamente em volta do seu escritório, de olhos vermelhos, movimentos bruscos e o cabelo espetado como o de um periquito. Podia conhecer Tara há apenas três anos, mas tinham-se tornado grandes amigas nesse tempo e, embora pudesse ser muitas outras coisas, Tara não era desonesta. Daisy conhecia os aspetos menos salubres do seu passado. Na pior das hipóteses, Tara era demasiado ingénua e crédula para o seu próprio bem. Mas não era mentirosa.

— Olha, senta-te lá, claro que acredito em ti. — Os movimentos frenéticos de Tara começavam a deixar Daisy tonta. — Mas temos de arranjar uma maneira de resolver isto tudo. A Annabel está lá em cima a recusar-se a sair do quarto. Insiste que o casamento está cancelado. Que raio, porque é que a perturbada da irmã dela não podia ficar de boca calada? Se está tão convencida que és tu a culpada disto tudo, porque é que tinha sequer de ir contar à Annabel o que viu? Se o Dominic era inocente, porque é que Annabel quer cancelar o casamento? Céus, quem é *agora*? — Suspirou quando bateram à porta. — Por favor, que não seja o Jerry Springer.

Ou a mãe da noiva, pensou Tara, temerosa. Ou uma trupe de parentes furiosos, todos a rosar como *rottweilers* e a clamar por sangue.

Daisy abriu a porta e Tara quase desmaiou de alívio quando viu que era o Homem da Pena, aquele com que chocara no corredor à porta da casa de banho dos cavalheiros, o que sorrira e a provocara e seduzira tão deliciosamente há pouco tempo. E agora parecia que, afinal, ele tinha alguma coisa a ver com o casamento, o que só podia significar boas notícias. Ele tomara o seu partido.

— Sou Dev Tyzack. — Apertou brevemente a mão a Daisy antes de lançar um olhar glacial na direção de Tara. — Ia ser o padrinho deste casamento. Muito bem, parece que temos oficialmente um fiasco entre mãos e precisamos de o resolver. Assumo que já tenha despedido aqui a Mata Hari.

— Ajudaria alguma coisa se lhe dissesse que sim? — perguntou Daisy. Os olhos negros estudaram-na rapidamente.

— Já seria um começo.

— A sério? — Ela saiu da secretária. — Bom, mas não despedi. A Tara contou-me o que aconteceu e acredito no que me disse. O seu amigo Dominic parece ser aqui o verdadeiro culpado.

— Oh, por favor, não está a falar a sério, eu próprio a vi em ação — replicou Dev Tyzack. — Pelo amor de Deus, ela tentou o mesmo comigo literalmente segundos antes de pôr os olhos em cima do Dominic. Planeou tudo, estou a dizer-lhe. Esta rapariga não é santinha nenhuma. O Dominic veio aqui hoje para se casar, e ela sabia-o perfeitamente. Já falámos e ele contou-me tudo. Ela arrastou-o para aquele pavilhão e...

— Isso não é verdade! — gritou Tara. — Não o arrastei para lado nenhum. Ele estava desesperado por falar comigo de uma coisa qualquer e eu pensei que o pavilhão seria o sítio melhor para onde ir, porque não queria que ninguém nos visse juntos e ficasse com a ideia errada!

— E teve um ótimo resultado — disse Dev Tyzack lentamente.

— Agradecia que não falasse com um membro do meu pessoal dessa maneira. — Daisy teve de se esforçar por não perder o sangue-frio.

— Quer dizer que gostaria que eu fosse *realmente* honesto? — ripostou ele.

— Isto não é *justo*. — A voz de Tara elevou-se mais algumas oitavas. — Eu não fiz nada de mal! Foi o Dominic. Ele disse-me que me amava, e que eu era perfeita, e depois *atirou-se* a mim naquele banco. Não fazia ideia que ele me ia beijar... Eu não *queria* que me beijasse.

— Mas deduzo que lá tenha conseguido mostrar-lhe o soutien. — Dev Tyzack fingiu surpresa. — Aquele mesmo que me revelou uns dez minutos antes. Estou a dizer-lhe, aquele soutien deve ter sido visto por mais pessoas do que os Óscares.

— A casa do botão da minha farda está demasiado larga — gritou Tara. — Está sempre a desabotoar-se sozinho.

— Desculpe. — Friamente, Daisy dirigiu-se a Dev Tyzack. — Mas não está a ajudar em nada aqui. Na verdade, está a ser verdadeiramente ofensivo. Se queremos resolver este assunto, precisa de se acalmar e de parar de lançar acusações descabidas ao meu pessoal. No que me diz respeito, o seu amigo Dominic é a parte culpada nesta história. Alguma vez lhe ocorreu ir lançar alguma acusação na outra direção?

Oh, céus, pensou Tara, petrificada. Daisy estava a descontrolar-se, estava a pisar o risco. Viu os seus olhos iluminados de fúria, os seus punhos cerrados, e ela parecia prestes a esmurrar o homem. Ainda se ia meter no mais terrível dos problemas, e as repercussões seriam horrendas.

Aquilo, evidentemente, ocorrera também a Dev Tyzack. Um sorriso trocista revirava-lhe os cantos da boca, aquela mesma boca que Tara achara há pouco tão atraente. Bem, mudara de opinião.

— Isso não é uma coisa muito profissional, vinda de uma diretora de hotel, pois não?

— Talvez não — replicou Daisy — mas estou a ser honesta. Se se mostra ofensivo, eu digo-lhe que está a ser ofensivo.

— Não tem medo de acabar por ter de ir procurar outro emprego? — Dev Tyzack ergueu uma sobrancelha trocista.

— Não hei de ser despedida por causa disto, isso garanto-lhe. Tenho o total apoio do proprietário.

— A sério? Está cheia de sorte. E quem é o proprietário, posso perguntar? — Tendo fingido surpresa, ele permitiu que o seu olhar se desviasse para uma fotografia emoldurada sobre a secretária. Era um retrato de grupo onde figurava Daisy como adolescente, dobrada de riso entre os seus pais. Bronzeados e com um ar saudável, os três celebravam a Passagem de Ano nas ilhas Caimão, e era a fotografia preferida de Daisy. — Ah, já estou a ver — disse Dev Tyzack. — O proprietário deste hotel é Hector MacLean, que é, por acaso, o seu pai. Agora compreendo como conseguiu este emprego.

Tara não aguentava mais. Tinha o estômago às voltas como uma máquina de lavar roupa. Ela era inocente, mas sentia-se culpada. E se não fosse tão inocente como julgava? Talvez estivesse apenas a inventar desculpas patéticas para evitar ter de admitir que nunca deveria ter ido com Dominic para o pavilhão.

Pior ainda, Daisy parecia cada vez mais homicida. E havia um enorme corta-papel de bronze em cima da secretária, para não mencionar o agrafador de aspeto feroz que disparava agrafes como uma *Kalashnikov*.

A rezar para Daisy não começar mesmo a dispará-la como uma *Kalashnikov*, Tara levou uma mão à boca, balbuciou um «Com licença, acho que vou vomitar» e correu para a porta.

Ao sair a correr do escritório, avistou Dominic. Estava no bar, do outro lado do corredor, de pé na frente da lareira a beber um copo.

Tara tinha as palmas a suar quando se dirigiu a ele. A única outra pessoa na sala era Rocky, que polia copos atrás do bar e lhe fez uma cara de «Antes tu do que eu», quando percebeu que ela ia falar com Dominic.

— Oh, céus. O que é que tu queres? — Dominic não parecia nada satisfeito por a ver. O tom amoroso que ele empregara vinte minutos antes tinha desaparecido.

Por Tara, tudo bem.

— Mentiste a toda a gente. — Ela foi direta ao assunto. — Disseste-lhes que me atirei a ti.

Ele tinha um brilho de transpiração por cima do lábio superior. Apertava o copo de whisky na mão com tanta força que era de admirar que o vidro não se tivesse estilhaçado.

— Claro que menti. O que é que terias feito na minha situação? — disse ele em voz baixa.

Ok, pensou Tara, era justo.

— Então, não sentias nada daquilo que me disseste?

— Eu não queria que isto acontecesse, raios! Cristo, não acredito, no dia do meu casamento, merda.

Tara respirou fundo.

— Ainda queres casar com a Annabel?

Dominic voltou-se e olhou-a como se ela fosse uma sem-abrigo.

— O quê? Estás *louca*? Claro que quero casar com a Annabel! Mas ela agora está lá em cima, a armar uma autêntica birra, e a recusar casar *comigo*... Jesus, o que é que eu fiz para merecer isto? É *tão* injusto, porra.

Capítulo 7

A pessoa menos preferida de Tara abriu a porta da suite Bellingham. Na verdade, decidiu Tara, era Dominic o número um da sua lista de pessoas menos preferidas. Mas Jeannie teria de vir em segundo.

— Oh, meu Deus, eu não acredito nisto! O que é que se passa, é alguma espécie de piada de mau gosto? — Jeannie, que estava a fumar, exalou uma longa baforada de fumo para a cara de Tara.

— Eu gostava de falar com a Annabel. — Era mentira, claro, não tinha qualquer gosto nisso, mas Tara insistiu de qualquer maneira. — Sozinha. Por favor.

— Oh, isto é de mais. Acha seriamente que a minha irmã ia *querer* falar consigo?

— Ouça, pode ir só perguntar-lhe?

— Não acha que já fez estragos suficientes? — disse Jeannie.

Tara engoliu em seco, corada de vergonha.

— Acho, sim. É por isso que aqui estou, neste momento.

A porta foi fechada abruptamente na sua cara. Tara ouviu furiosos susurros no interior do quarto. Momentos depois, a porta voltou a ser aberta de rompante. Sem a olhar, Jeannie e uma mulher de meia-idade num vasto vestido de mãe-da-noiva saíram do quarto.

— Cinco minutos — sibilou-lhe Jeannie ao passar por Tara num agitar de cetins cor de pêssego. — Depois — avisou ela, como o Schwarzenegger, mas mais assustadora — nós voltamos.

Annabel, com o cabelo louro ainda preso ao alto num elaborado *chignon*, estava sentada rigidamente no assento da janela, envolta num dos alvos roupões de banho do hotel. O vestido de noiva jazia numa bola amarrotada em cima da cama de dossel. Ela olhou para Tara como que para um dentista prestes a arrancar-lhe os dentes todos.

— Então? — disse Annabel, sem preâmbulos. — O que foi que aconteceu?

Tara, estremeceu e inspirou fundo.

— Desculpe. A culpa foi toda minha, e estou tão envergonhada. Quan-

do voltei a ver o Dominic, ao fim de tantos anos, foi demasiado para mim. Não consegui lidar com a ideia de que ia casar com outra e atirei-me para cima dele. Foi uma loucura, e não espero que me perdoe, mas, por favor, tem de o perdoar. Não pode cancelar o casamento. Ele disse-me que a amava. Tenho tanta pena de ter causado todo este problema. Tem de casar com ele. A culpa é toda minha, não dele. — Pronto. Quem dizia agora que não era boa atriz?

Tara esperou tristemente pela reação da outra rapariga.

Uma única lágrima rolou pela face de Annabel.

— A sério? — A palavra saiu como um murmúrio. Os dedos dela, por cima de um dos quais cintilava um robusto anel de noivado de esmeraldas e diamantes, apertavam-se agitadamente em volta do cinto do roupão. — Isso é verdade? — Havia esperança nos seus olhos.

Tara fez um sinal com a cabeça.

— Fui eu. A culpa foi minha. Eu, simplesmente... descontrolei-me, acho eu. E peço desculpa. — Pausa. — Mas ele quer realmente casar consigo.

Outra lágrima desceu pelo rosto maquilhado de Annabel. Instintivamente, Tara arrancou um par de lenços de papel da caixa sobre a mesa de centro na sua frente e dirigiu-se a ela.

— Tome, não estrague a maquilhagem.

— Obrigada. Pelos lenços, quero eu dizer. — Annabel limpou os olhos com pequenos toques. — Não lhe vou agradecer por me dizer que se atirou ao meu namorado.

Mas era isso que querias ouvir, pensou Tara, porque julgaste que podia ter sido ele a fazer borrada. Quem sabe, talvez Dominic já tivesse feito este tipo de coisa anteriormente. Mas não confiava inteiramente nele, pois não?

Céus, estaria ela a fazer a coisa certa? Deveria mesmo estar a mentir àquela rapariga, a persuadi-la a ir em frente e casar com uma pessoa em que, evidentemente, não *podia* confiar? Por outro lado, seria o inferno, se não o fizesse.

— Eu fiz uma coisa horrível. Desculpe-me — disse Tara de novo, quando olhou de relance pela janela e viu uma figura familiar a subir rapidamente a estrada do hotel. — Acabou de chegar o notário. O que é que vai fazer?

— Este era para ser o dia mais feliz da minha vida. — Annabel parecia confusa. Por sorte, não parecia ser do tipo vamos-resolver-isso-lá-fora.

— Vai ter de se decidir. Se o casamento for cancelado, é preciso avisar o notário. — Calmamente, Tara perguntou: — Quer casar com o Dominic?

— Claro que quero casar com o Dominic! *Claro* que quero. — A voz de Annabel tremia de emoção. — Eu amo-o. Toda a gente diz que fazemos um casal perfeito. E ele ama-me.

Mal ousando respirar, Tara disse cautelosamente:

— Então, o casamento vai avançar?

— Sim. Sim, não graças a si — disse Annabel rapidamente. — E não quero voltar a vê-la estar tarde.

— Isso não vai acontecer. Agora vou deixá-la. Obrigada por me ouvir, de qualquer maneira. — Tremendamente aliviada mas picada pelo tom de Annabel, Tara recuou para a porta. Sob um impulso, acrescentou: — Se quiser, posso passar o seu vestido a ferro.

— O quê, para lhe pôr marcas de queimaduras na frente? Não, obrigada, a minha mãe e a minha irmã devem voltar a qualquer minuto. Não preciso de ajuda nenhuma da sua parte.

Por um momento, Tara sentiu-se tentada a replicar que, se ia mesmo casar com Dominic, precisaria de toda a ajuda que conseguisse. Não disse nada.

— Então, bem, vou descer e avisar toda a gente de que o casamento vai para a frente.

— E depois sairá deste hotel — lembrou-a Annabel num tom gelado.

— E depois sairei deste hotel. — Céus, tinha de haver uma maneira mais simples de conseguir uma tarde de folga.

— Vai ser despedida?

— Não sei. — Tara cruzou os dedos atrás das costas. — Provavelmente.

— Ótimo. — Annabel não era brilhante naquele papel de cabra, mas estava a fazer o melhor que podia. — Pessoas assim não têm vergonha nenhuma. Espero que perceba como é patética. Merece mesmo ficar sem emprego.

— Há casamento outra vez — disse Tara a Daisy, e resumiu brevemente o tenso encontro com Annabel.

Daisy abanou a cabeça.

— Não tinhas de fazer isso.

— Tinha, sim. Podiam ter processado o hotel. — Tara encolheu os ombros. — A minha palavra contra a deles. Não teríamos tido hipótese.

Aquela era uma segura verdade.

— Talvez não. Então, ela vai casar com uma doninha mentirosa — suspirou Daisy, que sabia tudo sobre doninhas mentirosas. — Oh, bem, esse não é um problema nosso. És uma estrela. — Deu um abraço a Tara, que estava com um ar miserável. — E anima-te, pelo amor de Deus.

— Eles querem que me despeças.

— Sua grande idiota. Claro que não te vou despedir.

— E o que aconteceu ao padrinho? — A pestanejar para conter as lágrimas de alívio, Tara mudou de assunto. — Quase estava à espera de chegar aqui e encontrá-lo agrafado à parede.

— Passou-me pela cabeça. Que filho da mãe. Está no bar com o Dominic. — Daisy fez uma careta, percebendo que enfrentava agora a deliciosa perspectiva de ser forçada a admitir a Dev Tyzack que ele tinha razão. Estava já a imaginar o ar arrogante no seu rosto.

Os preparativos para o casamento estavam no seu auge quando Tara saiu discretamente do hotel. A chuva cessara, mas as nuvens cinzentas estavam tão em baixo como o seu espírito. Porque não seguira o conselho de Daisy e trocara de turno com uma das outras empregadas de quarto? Porque não resistira à vontade de voltar a ver Dominic, porque não se mantivera longe do hotel? Como, *como* pudera pensar que surpreendê-lo na manhã do seu casamento seria divertido?

Desconsoladamente, Tara deu um pontapé numa pilha de folhas mortas encharcadas no seu caminho. Não havia como escapar à verdade; basicamente, ela era tão culpada como se se tivesse atirado para cima de Dominic e baixado as suas calças até aos joelhos.

Céus, que dia desastroso.

Maggie Donovan estava à janela da cozinha, com um sorriso alegre colado no rosto. Quando o amante chegou ao raquítico portão de madeira ao fundo do seu jardim das traseiras, voltou-se, como sempre fazia, e acenou-lhe. Maggie, como sempre, acenou-lhe em resposta e pensou como ele era atraente, como era lindo o seu sorriso, como tinha sorte em ter um homem tão especial na sua vida e como...

Oh, para, para com isso. Maggie esbofeteou-se mentalmente. Estás outra vez a fantasiar, a fazer-te de idiota. Controla-te, mulher. A única razão porque ele usa o portão de trás é para ninguém o ver a sair da tua casa. Está a sorrir e a fazer adeus porque acabou de completar uma transação comercial satisfatória. E ele não é teu amante, é o teu cliente.

O sorriso de Maggie desvaneceu-se ao vê-lo desaparecer no bosque atrás da sua casa. Muito conveniente, aquele bosque, permitindo-lhe entrar e sair sem ser observado pelo resto da aldeia. Ela não tinha qualquer ilusão de que, não fossem as árvores, aquele seu acordo nunca poderia ter lugar.

E era isso que aquilo era, recordou Maggie a si mesma. Um acordo, puro e simples. Um acordo que convinha a ambos.

Para o provar, arrancou-se à janela da cozinha e aproximou-se do louceiro de carvalho a abarrotar. Pegando no pote de porcelana branco da segunda prateleira, Maggie retirou o pequeno rolo de notas. Não havia necessidade de o contar, sabia que ele lhe deixara cem libras. Porque era o que sempre lhe deixava.

Ela adoraria poder descrever-se como uma mulher de um homem

só, mas isso não era verdade. Havia que admitir, era a prostituta de um só cliente.

Maggie suspirou. Não era isso que queria ser, mas qual era a alternativa? Se se recusasse a aceitar-lhe o dinheiro, ele deixaria de a visitar. E ela não queria que isso acontecesse. Ele era o ponto alto da sua semana. Se tivesse dinheiro, até pagaria para dormir com ele.

Mas, pensou Maggie, não podia dar-se a esse luxo, e ele sabia-o. Era por isso que lhe deixava dinheiro todas as semanas. E dinheiro que, não havia como negá-lo, lhe dava muito jeito.

Tara deixara uma das suas pulseiras de esmalte em cima do louceiro. Maggie pegou nela e encaminhou-se para as escadas. Não valia a pena desejar que as coisas fossem diferentes, porque não eram. Tinha de aceitar o que era e tirar o melhor partido da situação. E, uma vez que era a prostituta de um só cliente, também tinha bastante trabalho a fazer. Para não falar da cama para fazer.

No andar de cima, Maggie arrumou a pulseira no seu lugar, na caixa de joalharia em cima da cómoda de Tara. No momento seguinte, olhando de relance pela janela do quarto, soltou um involuntário gritinho de alarme. Tara vinha a descer a High Street, na direção da casa.

Santo Deus, porque estaria ela a regressar a casa àquela hora do dia?

Como um relâmpago, Maggie atravessou rapidamente o patamar para o seu próprio quarto, despiu a camisa de noite e enfiou uma camisola preta e calças de ganga. Em vinte segundos, refizera a cama, abrira as cortinas e passara uma escova pelo cabelo louro pela altura dos ombros. Pegou no cesto da roupa suja e carregou com ele pelas escadas abaixo. Quando a porta principal se abriu, estava de joelhos na cozinha a empurrar roupas freneticamente para a máquina de lavar.

Uf, fora por pouco. O mais perto até então de ser apanhada, pensou Maggie com um arrepio de alívio. Imagine-se o horror se Tara tivesse chegado dez minutos antes. Ou, pior ainda, vinte minutos.

Nem era bom pensar nisso.

— Tara! Céus, que horas são? — Com simulado espanto, Maggie sentou-se sobre os calcanhares. — Pensei que estavas de serviço até às seis da tarde!

— A Daisy mandou-me para casa. — Tara deixou-se cair numa das cadeiras da cozinha e gemeu audivelmente, demasiado absorvida pela própria culpa para reparar na da tia. — Não vais acreditar no que aconteceu. Grande desastre. Maggie, porque é que os homens são assim? Porque é que ainda nos importamos com eles? Não que tu te importes — emendou, passando os dedos pelo cabelo espetado. — E, deixa-me que te diga, estás absolutamente certa. A partir de agora, juro por Deus, vou fazer como tu. Chega

de ser enganada, e traída, e tratada como uma poça de vomitado. Nada de homens, nada de sarilhos. E pronto. — Erguendo o olhar para a tia de quarenta e cinco anos, que estava divorciada há sete e vivia agora uma vida idílica, sem complicações, sem homens, proclamou veementemente: — A partir de agora, vou ser exatamente como tu.

A cerimónia de casamento efetuara-se sem qualquer sobressalto. A noiva estava linda, o noivo repetira os seus votos como se os sentisse realmente. O hotel estava maravilhoso, o discurso do padrinho fora brilhantemente espirituoso e a comida um triunfo.

Isto de acordo com Sheila, uma das empregadas de mesa, que prestara atenção às conversas às mesas dos convidados durante a receção. Daisy, que passara a maior parte da tarde no seu escritório, disse:

— Então, pareciam todos felizes.

— Não podiam estar melhor. — Sheila fez-lhe um sorriso maternal. — Porque é que não vai ver por si?

Porque era capaz de esfaquear o noivo e o padrinho com aquela grande faca de prata que estavam a usar para cortar o bolo, pensou Daisy.

Por outro lado, fora ela a encarregada de organizar todos os preparativos para o casamento. Tinha, pelo menos, de mostrar a cara.

Capítulo 8

A festa de casamento estava no seu auge quando Daisy empurrou as portas duplas. Lá fora já escurecera, mas ali, no salão, os candelabros brilhavam, velas cintilavam sobre as mesas à volta da sala e a dança começara.

Hector, obviamente, já lá estava, a dançar com a radiante noiva e a fazê-la rir com os seus pródigos elogios do costume. Ao ver o rosto de Annabel iluminar-se e o seu elaborado vestido a rodopiar à volta dos tornozelos, Daisy disse a si mesma que Tara fizera a coisa certa. Se toda a gente se pusesse a cancelar casamentos, sem mais nem menos, só porque o noivo era um sacana mentiroso, bem, haveria por aí muita gente solteira.

A banda começou a tocar «*In the Mood*». Annabel foi reclamada por um parente idoso com bigode de morsa e Hector arrebatou prontamente a mãe dela para a pista de dança. Com o seu vasto vestido cor de púrpura, ela parecia um balão de ar quente, mas um deliciado e profundamente lisonjeado balão de ar quente. Em poucos segundos, estava a rir-se como uma rapariga de escola com os elogios de Hector, com os seus sapatos de lantejoulas púrpura a brilhar enquanto dançava alegremente.

— Se quiser — ofereceu uma voz ao ouvido de Daisy, — podemos dançar enquanto me apresenta as suas humildes desculpas.

Era Dev Tyzack, com uma expressão levemente trocista no olhar, o tom de voz descontraído. Já sem as calças de ganga e o polo, usava agora um fato escuro de bom corte. Soltara a gravata e tinha uma leve marca de batom cor de pêssego no colarinho da camisa branca.

Oh, bem, resolve isto de uma vez, pensou Daisy. Ser forçada a mostrar-se educada para pessoas que não o mereciam fazia parte das alegrias da gestão de um hotel. Pelo menos, depois daquele dia, nunca mais teria de voltar a olhar para ele.

— Peça desculpa. Como posso ter duvidado de si? O seu amigo Dominic não fez nada de mal e a minha empregada Tara é a única culpada por tudo o que aconteceu há pouco. Por favor, aceite as minhas mais profundas e sinceras desculpas — mentiu Daisy, lançando-lhe o mais doce sorriso.

— Ena. — Ele começou a rir. — Isso não foi muito convincente. De certeza que consegue fazer melhor.

Até consigo, pensou Daisy, mas podes ter a certeza que não farei.

Presenteando Dev Tyzack com outro sorriso flagrantemente insincero, garantiu:

— Estou a ser muito sincera.

— E eu acho que está é a precisar de uma bebida. — Chamando a atenção de um empregado de passagem, ofereceu a Daisy uma taça de espumante.

Era um gesto de gozo, claramente concebido para lhe dizer que estava na altura de ela se descontraír.

Como se fosse possível.

— Não, obrigada. — Daisy abanou a cabeça. — Estou de serviço.

— Claro que está. Bem, pelo menos podemos dançar.

Ele estava a gostar tanto de estar na mó de cima.

— Não me parece. — Ela indicou brevemente o colarinho dele com um aceno. — Tem batom no colarinho, já agora.

Dev ergueu um sobrolho.

— Então ainda bem que não é minha mulher.

— Ainda bem mesmo. — *Ainda bem para mim*, pensou Daisy.

— E é casada? — Ele olhou algo divertido para a sua mão esquerda, sem anéis.

— Não.

— Incrível. Quem diria? Sabe, se relaxasse um pouco mais — aconselhou Dev, — tenho a certeza que conseguiria arranjar um marido.

Por sorte, a faca de cortar o bolo já regressara, por aquela altura, à cozinha.

— Um marido? — Daisy abriu muito os olhos. — O meu próprio marido? Ou o de outra qualquer?

Ele riu-se novamente.

— Não se preocupe, eu compreendo. Uma rapariga nova a gerir o hotel do papá, desesperada para lhe provar que está à altura do lugar. Não deve ser fácil ter de admitir que cometeu um erro como aquele.

Não retaliés, não retaliés.

— Não é fácil. — Pelo canto do olho, Daisy viu que tanto a mãe como a irmã da noiva estavam a observá-la. — Tem toda a razão, Sr. Tyzack. E, como lhe disse antes, só tenho de lhe pedir desculpa. De qualquer maneira, ainda bem que acabou tudo bem. Toda a gente parece estar a divertir-se. Tenho a certeza que a noiva e o noivo serão muito felizes.

— Não pensa nada disso — observou Dev Tyzack jovialmente. — Acha que o Dominic só está a casar com a Annabel por causa do dinheiro.

Daisy fez um ar inocente.

— Porquê, ela tem dinheiro?

— O pai estava no negócio da roupa interior, uma coisa em grande. Quando morreu, no ano passado, deixou quarenta milhões para serem divididos pela família. Ou seja, pelas três: a mulher, a Jeannie e a Annabel.

Quarenta milhões. Uf. Isso explicava muita coisa. Bolas, quarenta *milhões*.

— Nesse caso — disse Daisy, — deve ser verdadeiro amor. Além disso — acrescentou ela docemente, — não consigo perceber porque está a desperdiçar o seu tempo a conversar comigo. Devia mesmo estar ali a dançar com a irmã da Annabel.

— Entre, entre, olhe-me só para si, está toda encharcada — censurou Maggie, fazendo Daisy sair da chuva gelada e entrar para o calor acolhedor da sala. — Tira daí o rabo, Tara, deixa a pobre rapariga sentar-se ao pé do lume. — E acrescentou num tom apologético: — Vai ter de a desculpar, Daisy, ela está um bocado tocada.

— Não me surpreende. — Na brincadeira, porque sabia como ela detestava, Daisy estendeu a mão e despenteou-lhe o cabelo espetado e pintado de louro.

— Eu não estou tocada — defendeu-se Tara, afastando as mãos de Daisy da sua cabeça. — Estou só zangada. Lixada com os homens em geral e perfeitos idiotas como o Dominic em particular. Decidi ser uma solteirona para o resto da vida, como a Maggie. Uma solteirona metafórica — acrescentou, abanando um dedo para Maggie quando ela abriu a boca para protestar. — Está bem, já foste casada uma vez, mas isso não conta. Estou a falar de agora e do próximo ano e dos anos a seguir. Sabes, eu tinha pena de ti — informou Tara à tia com intensidade. — Achava que era muito triste levares uma vida tão sozinha e aborrecida, sem nunca acontecer nada, mas agora percebo que estás absolutamente certa. E pronto. A partir de agora, vais ser o meu exemplo.

— Credo, quanto vinho é que ela bebeu? — Daisy pegou na garrafa de *Montepulciano* e ergueu-a à luz. — Acho que é melhor eu beber o resto.

— Não olhes para mim assim, não estou tão bêbada que me vá pôr a choramingar como um porco — resmungou Tara. — Vou só choramingar como um leitãozinho. — Céus, porque é que choramingar era uma palavra tão difícil de dizer?

— E tens todo o direito de o estar. — Daisy apertou afetuosamente o braço de Tara. — Mas, se queres continuar a viver nesta casa, eu pararia de chamar à tua brilhante e generosa tiazinha uma solteirona triste e solitária.

Tara abanou a cabeça enfaticamente e entornou vinho tinto na frente

da camisola. Por sorte, a sua camisola de ficar-e-continuar tocada, que trazia vestida, já estava habituada a ser batizada com vinho tinto.

— Não, não, *não*. Eu estava a falar no bom sentido. É um elogio! A Maggie tem a vida melhor de todas as pessoas que conheço, e, a partir de agora, quero ser exatamente como ela. Vou começar a fazer compota e a coser coisas e a ouvir *The Archers*⁸ e a fazer bolos.

— Fantástico. — Daisy mantinha o rosto sério.

— Vou desistir dos pubs — Tara estava a entusiasmar-se com o seu discurso — e dedicar-me à tapeçaria.

— Oh, valha-me Deus, agora também eu preciso de uma bebida — exclamou Maggie, desaparecendo na cozinha e regressando com uma garrafa de *Frascati* gelado e mais dois copos. — Tanto barulho por causa de um estúpido de um ex-namorado de quem nem sequer gostas. Daisy, tinto ou branco?

— Mas é esse o ponto — argumentou Tara. — Se uma pessoa de quem nem gosto consegue causar tantos problemas, pensa no que podia acontecer se fosse alguém por quem estivesse loucamente apaixonada! Estou-te a dizer, fico bem melhor longe disso tudo. Vamos lá então, vou experimentar agora o branco, já que o abriram.

— Não vais poder beber desta maneira quando fores uma solteirona profissional — disse Daisy. — Ou vais acabar por cozinhar as tapeçarias e costurar compota.

— Como foi o casamento? — Maggie sentou-se de pernas cruzadas no tapete em frente à lareira. — Acabou por correr tudo bem?

Daisy fez uma careta.

— Bem, lá se casaram.

— Não sei para que se dá ele a esse trabalho — bufou Tara. — Se vai andar a enganá-la.

— Eu posso tentar adivinhar. — O tom de Daisy era seco. — Provavelmente, dá-se a esse trabalho porque ela acabou de herdar uns poucos milhões. O pai dela era um barão das cuecas, ao que parece.

— Então, ela é podre de rica. Não admira que ele quisesse casar. Oh, bem. — Tara suspirou e puxou as mangas da camisola preta sobre os nós dos dedos. — Suponho que é uma coisa por que ser grata. Pelo menos, nunca ninguém há de querer casar comigo por causa do meu dinheiro.

— Por falar em pais. — Ansiosa por distrair Tara do tema Dominic, Maggie voltou-se para Daisy. — Como está o seu pai? Encontrei-o na loja no outro dia e ele disse-me que tinha feito qualquer coisa no joelho.

⁸ Radionovela da BBC, a mais duradoura de sempre, em emissão desde a década de 1950. (N. da T.)

— Já lhe passou. — Daisy revirou os olhos. — Quando saí da festa, ainda estava a dançar, a experimentar todas as mulheres no salão. Acredita que elas estavam a discutir sobre qual seria a próxima na fila para uma dança? E a mãe da noiva, a trotar em volta da sala com ele pelo braço, como se tivesse o rei na barriga. Honestamente, parecia uma baleia embrulhada numa brilhante cortina cor de púrpura. Oh, meu Deus — Daisy gemeu com a ideia — e essa é uma viúva podre de rica, provavelmente à caça do marido número dois. Pobre papá, não tem a mínima hipótese. Quando lá chegar, já deve ter carregado com ele para Gretna Green.

Maggie riu-se e voltou a encher os copos.

— Tenho a certeza que o seu pai sabe tomar conta de si próprio.

— A mulher estava com um brilho horrivelmente determinado no olhar. E umas unhas enormes, cor de púrpura.

— Por falar em unhas. — Tara ergueu a cabeça para se juntar à conversa. — Porque é que aquele padrinho me parecia familiar? Eu sei que não o conheço, mas tenho a certeza de que já o vi em qualquer lado.

— É Dev Tyzack — explicou Daisy para Maggie. — Jogou rãguebi, em Bath e com a seleção inglesa. Parou no ano passado. Mas não estou a ver o que é que isso tem a ver com unhas.

— Ele tem as unhas afiadas. Garras afiadas. Afiadas e pontiagudas e horríveis, e eu adorava bater-lhe com um martelo em cada uma.

Ao ver os rostos de incompreensão das outras, Tara encolheu os ombros e atirou-se para trás no sofá.

— Oh, bem, para mim fez sentido.

— Dev Tyzack. — Maggie estava visivelmente impressionada. — Ele é lindo.

Tara contorceu o lábio.

— É uma pena que não tenha uma personalidade a condizer. — Olhou para Daisy. — Tiveste de lhe pedir desculpa?

— Sim. Mas de maneira a ele perceber que não sentia uma palavra do que estava a dizer.

— E ele aceitou bem? — Tara ergueu as sobrancelhas. — Quero dizer, foi simpático?

Daisy pensou por um momento.

— Como é que hei de dizer? — começou ela finalmente. — Eeh... não.

Uma hora mais tarde, Daisy regressou para o hotel. A festa do casamento estava a esmorecer; dois táxis já tinham passado por ela enquanto fazia a High Street. A chuva interrompera-se novamente, mas a estrada ainda estava molhada e a temperatura caía rapidamente. Sorte a dos noivos, a caminho das suas três semanas na tépida St. Lucia. Por outro lado, pensou Daisy,

se o preço a pagar por isso era casar com Dominic Cross-Calvert, preferia ficar ali a congelar em Gloucestershire.

Só que... estaria a ser demasiado dura para Dominic? O que fizera ele realmente, para além de se ver inesperadamente na frente de uma ex-namorada e, no calor do momento, ter ficado demasiado arrebatado?

E depois mentira, claro, quando fora apanhado. Mentira com quantos dentes tinha e jurara ser a parte inocente. Mais uma vez, para ser brutalmente honesta, havia ali alguma coisa verdadeiramente espantosa? Pres-tes a casar com Annabel, entrara simplesmente em pânico. E, quem sabe, talvez não tivesse casado com ela pelo seu saldo bancário, talvez estivesse mesmo apaixonado pela sua personalidade irresistível, afinal.

— *Iaaaaac* — fez Daisy quando um terceiro táxi passou por cima de uma enorme poça de água e lhe lançou uma onda de água lamacenta e gelada para cima. Ótimo, era mesmo do que estava a precisar; o casaco de lã creme que Hector lhe oferecera no Natal era agora um imundo casaco de lã creme molhado e manchado de castanho. Mais, a enxurrada fora tão completa que até o seu rosto e cabelo tinham ficado salpicados de lama. Que final brilhante para um dia brilhante.

Só que não era, ainda, o final. Enquanto limpava os olhos e rosto com as mãos igualmente molhadas, Daisy deu por si apanhada pela luz de mais outro par de faróis. Quando o carro se aproximou dela, aos portões do hotel, abrandou e parou. A janela do condutor do *Mercedes* desportivo preto abriu-se para revelar Dev Tyzack a sorrir para ela. Ao lado, no banco do passageiro, estava sentada Jeannie, e, pelo seu rosto, parecia estar a festejar todos os seus dias de aniversário ao mesmo tempo.

— O quê? — Daisy foi brusca, detestavelmente consciente da água lamacenta que lhe escorria pelas faces.

— Sabe, quando eu era pequeno, sempre quis ser o *Milk Tray Man*. — Dev comportava-se como se estivessem a continuar a conversa que tinha sido interrompida apenas momentos antes. — Tinha a fantasia de poder saltar de edifícios altos, nadar em águas infestadas de crocodilos e descer ravinas só para dar a uma senhora aquilo que ela mais queria.

Então vá-se lá embora, sentiu-se Daisy tentada a retorquir, *é melhor seguir viagem, porque todos sabemos o que a senhora no seu banco de passageiro quer.*

Em voz alta, disse:

— A sério? Absolutamente fascinante!

— A má notícia é que não tenho chocolates — disse Dev Tyzack.

— Meu Deus. Que tragédia.

— Dev. — Ao seu lado, Jeannie soltava risinhos de prazer. — Vá lá, fecha a janela. Tenho friiiiio.

— Tome. Não diga que nunca lhe dei nada. — Ainda a sorrir, Dev passou-lhe uma caixa de *Kleenex* pela janela aberta. Depois, piscou-lhe o olho e arrancou rapidamente.

Capítulo 9

Este grupo nunca deixa de me surpreender — murmurou Rocky quando Daisy se juntou a ele atrás do bar para dar uma ajuda. — Sempre pensei que os escritores eram do tipo calado, ratos de biblioteca com fatos de *tweed* e incapazes de agitar uma palha. Nem acredito no barulho que estão a fazer e na quantidade que bebem. Estou-te a dizer, estas pessoas dos livros é que se sabem divertir.

— Provavelmente estão excitados por terem sido deixados à solta. — Ao contrário de Rocky, Daisy não se deu ao trabalho de baixar o tom de voz. Não valia a pena. O grupo de escritores que se encontravam a cada três meses no hotel para almoçar e trocar mexericos estava a conviver loucamente e a guinchar com o prazer da reunião. O facto de poderem falar com seres humanos da vida real em vez de terem de escrever sobre humanos a fingir estava, juntamente com os gins tónicos, a dar-lhes claramente a volta à cabeça.

— Não te esqueças que vou estar uma hora fora, pelo almoço — lembrou-o Daisy enquanto esvaziava garrafas de *Schweppes* numa fileira de copos.

— Da uma às duas. Eu sei. — Rocky deitou cubos de gelo num copo misturador e disse, hesitantemente: — Estás... eeh... ansiosa por ir?

Oh, céus, seria uma coisa estúpida para se dizer? Ele não fazia ideia. Era uma daquelas situações esquisitas não mencionadas nos livros de etiqueta. Não que alguma vez tivesse lido algum livro de etiqueta, mas apostava um ano de ordenados em como o assunto não estava coberto.

E agora Daisy estava a olhá-lo como se ele lhe tivesse pedido permissão para vestir um tutu e andar a fazer piruetas pelo bar.

— Não sei se estou ansiosa. — Fez uma careta. — Depende de como for o rapaz, acho eu. Ele é que mostrou uma grande vontade de fazer isto. Só não quero que fique... bem, desapontado.

— Quase como um encontro às cegas — disse Rocky, e desejou imediatamente ter ficado calado. Como era capaz de dizer aqueles disparates?

Mas Daisy estava a sorrir.

— Sabes o que tu és, não sabes? Um caso perdido. Eu ir ter com este rapaz à uma da tarde não é absolutamente nada como um encontro às cegas. A partir de agora, Rocky, provavelmente será melhor deixares-te ficar pelo que sabes fazer. Servir bebidas.

— Eu sei. — Rocky estava com um ar de humildade, a pedir mentalmente muitas desculpas. — Desculpa.

— De qualquer maneira, como é que eu estou?

Chega de desculpas. Examinou Daisy com um olho experiente enquanto ela dava uma rápida voltinha na sua frente.

— Estás horrível, um autêntico horror.

Barney Usher estava adiantado. Demasiado adiantado. O comboio de Manchester chegara a Bristol Parkway na hora certa, às onze em ponto. Ele saltara para um táxi e chegara à aldeia de Colworth precisamente às onze e vinte e três.

O que significava que tinha ainda de ficar a fazer tempo durante hora e meia. Para Barney, era como acordar às cinco e meia na manhã de Natal e saber que os pais o tinham avisado, sob pena de morte, que não os acordasse antes das sete.

O facto de também se estar a sentir ligeiramente enjoado fora em parte devido a ter passado os últimos vinte minutos fechado num táxi com o seu próprio *aftershave*. No seu estado de nervosismo, exagerara no *Kouros*. Fora um alívio sair do táxi e respirar grandes golfadas do tão desejado ar fresco.

O condutor do táxi lançou-lhe um sorriso entendido quando Barney, a tremer com uma mistura de frio e expectativa, pagou a viagem e uma generosa gorjeta.

— Vem encontrar-se com alguma senhora, não?

Barney, que há mais de um ano que aguardava por aquele dia, respondeu enfaticamente:

— Ah, sim.

Mas agora que chegara, podia descontrair-se. A aldeia não era nada como qualquer outra aldeia que alguma vez tivesse conhecido, e mal podia esperar para explorar cada centímetro dela.

A sinuosa rua principal era debruada por bonitas casinhas de pedra. Um rio corria pelo centro da aldeia e as colinas erguiam-se de cada lado. Para Barney, nascido e criado na cidade, parecia tudo incrivelmente pitoresco, como qualquer coisa saída de um filme da Disney. Era difícil de imaginar pessoas de verdade a viverem ali. Mas viviam, viviam realmente. Uma pessoa de verdade estava naquele preciso momento a sair da sua casa ao cimo da rua, com um daqueles carrinhos que as pessoas idosas usam para as compras, e a dirigir-se para a loja da aldeia.

Barney perguntou-se porque seriam os carrinhos de compras sempre de xadrez.

Sim, porquê?

Mas, ao mesmo tempo, ficou maravilhado ao ver como a mulher idosa estava descontraída. Qualquer pensionista em Manchester estaria naquele momento a correr pela estrada abaixo, com medo de ser assaltado e espancado por um qualquer psicopata ou um toxicodependente maluco. Aquela, em contraste, tinha até parado para afagar um gato gordo sobre o muro de pedra da casa vizinha.

Aquilo abria-lhe completamente os olhos. Barney mal podia acreditar. Imagine-se: parar para fazer festas a um gato! Nunca ocorrera genuinamente àquela querida velhota que poderia estar em risco de ser apanhada por bandidos!

Demorou-se na sua exploração da aldeia, e apreciou cada momento. Havia três lojas de bibelôs e recordações. Uma mercearia que fazia também as vezes de posto dos correios. Uma igreja. Um pub. E um espantoso número de turistas, tendo em conta que eram apenas onze e meia de uma manhã de sexta-feira, numa pequena aldeia de Cotswold, a quilómetros da cidade mais próxima.

E depois, claro, havia o hotel.

Barney fizera o seu trabalho de casa, sabia que Colworth era conhecida como uma das mais bonitas aldeias de Inglaterra. Mas ainda estava atônito perante a sua beleza numa gelada manhã de fim de janeiro.

Consciente de como fora para além de todos os limites com o seu *after shave*, ficou contente com a oportunidade de andar pela aldeia, para o fazer dispersar com o ar gelado e agreste. Afinal de contas, queria causar uma boa impressão. Não fazer com que Daisy Standish corresse a vomitar no canteiro de flores mais próximo.

Consultando o relógio pela centésima vez, Barney decidiu visitar o posto dos correios/mercearia da aldeia. Podia comprar um pacote de pastilhas, e também talvez uns postais da aldeia para levar e mostrar à mãe.

Ao aproximar-se da loja, a porta abriu-se e uma rapariga manobrou com alguma dificuldade um carrinho de bebé para o fazer sair para o passeio. Barney viu-a esforçar-se por endireitar as rodas, mas qualquer coisa as impedia de se virarem.

— Desculpe, estou a impedir-lhe o caminho — disse a rapariga, ofegante, pontapeando o travão para verificar se estava engatado. — Raios, as rodas estão trancadas, não sei o que se passa com isto.

Era nova e bonita, com enormes olhos cinzentos e cabelo castanho-escuro pela altura do ombro. O bebé, em contraste, era muito louro, com deslumbrantes olhos azuis que combinavam exatamente com o seu fatinho de

neve. Encantado e a rir-se com todo aquele frenético para a frente e para trás do carrinho, abanou o seu pacote de *Ribena* e gritou de prazer.

— Está tudo bem, já estou a ver o que aconteceu. — Agachando-se, Barney seguiu o cordão de lã que saía das luvas descartadas do bebé e viu-o fortemente preso em volta do eixo da roda. — A roda estava presa. Mantenha-o parado...

O cordão estava enlameado e oleoso. Ele começou a desemaranhá-lo com cuidado. Quando baixou mais a cabeça para ver o que estava a fazer, Barney sentiu qualquer coisa fria escorrer-lhe pela nuca.

— Oh, meu Deus, Freddie, para! Dá-me cá isso — exclamou a rapariga e o bebé soltou um grito de indignação. Por cima da cabeça de Barney deu-se uma rápida batalha enquanto o bebé lutava com a mãe pela custódia do pacote de *Ribena*. Barney pestanejou quando uma fonte de líquido frio lhe borrifou a bochecha esquerda.

— Pronto, já está. — Triunfantemente, apoiou-se sobre os calcanhares e ergueu o pedaço de cordão das mitenes. O bebé estendeu a mão para ele e soltou a embalagem, viu o que restava do seu sumo de groselha negra escorrer para a valeta e começou prontamente a chorar.

— Seu tontinho — exclamou a rapariga, e acrescentou apressadamente para Barney: — Não, não era consigo! Oh, não, e agora está todo coberto de *Ribena*, isto é tão embaraçoso.

Revistou o saco que trazia pendurado no carro e encontrou um pacote de toalhetas de bebé. Barney passou uma delas na cara e na nuca. O bebé, cujos gritos duplicavam em volume, batia com os calcanhares contra os estribos do carro, a apontar com desgosto para o pacote de *Ribena* entornado.

— Desculpe, peço imensa desculpa. Quando o Freddie começa, não há como o fazer parar — desculpou-se a rapariga profusamente. — Só quis ajudar e agora olhe como ficou. Estou a sentir-me horrivelmente.

— Eu estou bem, a sério — assegurou-lhe Barney. — Não tem importância nenhuma. E ele só está a chorar porque perdeu a sua bebida. Deixe-me comprar-lhe outra e ele fica mais animado. — Brincou com os dedos na frente de Freddie enquanto falava. Gostava de crianças. Quando cruzou os olhos e fez uma careta, Freddie ficou tão espantado que parou de chorar.

No momento seguinte, recordando a sua motivação, começou novamente. Barney riu-se.

— Uau, é tão simpático — maravilhou-se a rapariga. — Estou a falar a sério. É mesmo uma pessoa simpática.

— Tenho três sobrinhos e quatro sobrinhas — disse Barney. — Muita prática com crianças. Agora, espere aqui, não se vá embora.

Dois minutos mais tarde, emergiu da loja com dois pacotes de *Ribena*, um *Milky Bar*, uma caixa de *Black Magic*, vários postais de Colworth e três pacotes de *Wrigleys Extra*.

— Oh, por favor. — A rapariga ergueu as mãos num protesto quando viu o *Black Magic*. — Eu não posso mesmo deixá-lo comprar-me uma caixa de chocolates.

— Na verdade, não os tinha comprado para si — disse Barney, e sorriu quando ela ficou toda corada.

— Desculpe, ignore o que eu digo, por favor, sou tão idiota.

— Toma. Não bebas todo de uma vez. — Barney enfiou a palhinha de plástico no topo da embalagem de *Ribena* e colocou-o cuidadosamente entre as mãos rechonchudas de Freddie. Aquilo mereceu-lhe uma exclamação de prazer, seguida por um vigoroso arrote.

— Ele disse obrigado — explicou solenemente a rapariga de cabelos escuros.

— Eu sei. Ele tem as mãos frias.

— Nem me diga nada. — Ela revirou os olhos com um bem-humorado desespero. — Não aguenta as mitenes nas mãos nem por dois minutos.

— De qualquer maneira, pode comer isto mais tarde. — Barney enfiou a *Milky Bar* e o segundo pacote de sumo no saco onde estavam as fraldas e toalhas de Freddie.

— Oh, meu Deus, tem a camisa cheia de *Ribena*! Está toda ensopada no colarinho. — Ela parecia aterrada.

Barney não via os estragos, mas conseguia senti-los.

— Talvez a pudéssemos limpar de alguma maneira. — Era a sua melhor camisa branca; comprara-a especialmente para aquele dia, na Next. Passou-lhe pela cabeça que aquela bonita rapariga, que devia viver ali na aldeia, o poderia convidar a ir à sua casa para o ajudar a limpar. — Vou ter com uma pessoa no hotel — acrescentou, à laia de explicação. — Queria mesmo estar no meu melhor.

— Já sei o que podemos fazer. — Leitura de mentes, infelizmente, não parecia ser a melhor das capacidades da rapariga. — O pub ao fundo da rua já deve estar aberto a esta hora. Vamos até lá e tratamos da sua camisa numa das casas de banho. Eu lavo-lhe o colarinho com água quente e podemos secá-lo debaixo daquela coisa do ar quente.

Barney forçou-se a não ficar desapontado. Claro que a rapariga não podia convidar um perfeito desconhecido para a sua casa; ele até podia ser um maníaco homicida, pelo que ela sabia.

Ou então, *ou então*, podia sentir-se embaraçada por ter a casa toda desarrumada, com louça no lavatório e camadas de migalhas no tapete da sala.

Ou então podia ser casada. Só porque praticamente todas as raparigas que ele conhecia da sua zona eram mães solteiras, isso não significava que não houvesse algumas que ainda faziam a coisa da maneira tradicional.

Com um aperto no estômago, olhou de relance para a sua mão esquerda. Sem anéis, para além de um enorme e prateado no polegar. Não era casada, então. Embora pudesse ainda viver com alguém que não gostasse muito que ela levasse homens desconhecidos para casa para lhes lavar as camisas sujas de nódoas roxas.

Barney esperava que não.

O pub, o grotescamente pitoresco Hollybush Inn, abria cedo para o serviço de cafés e dispendiosos croissants aos turistas. Por sorte, ninguém precisava da casa de banho — nenhuma senhora, pelo menos. Depois de despir a camisola azul-escura e a camisa Next novinha em folha, Barney ficou a ver a rapariga de cabelos escuros a molhar-lhe o colarinho debaixo da torneira de água quente, aspergi-la com o sabonete líquido do dispensador e esfregá-la o máximo que conseguia. Freddie, no seu carrinho de passeio, ficara deliciado ao descobrir que, se agitasse os dedinhos gorduchos no ar, conseguia fazer sair um ruidoso jato de ar quente da máquina na parede.

Quinze minutos depois, a camisa estava seca.

— Custámos-lhes uma fortuna em ar quente — disse Barney. — O mínimo que podemos fazer é comprar dois cafés.

A mãe de Freddie olhou para o relógio com um ar pesaroso.

— Não posso. Temos de ir. Consulta no dentista. — Fez uma careta e depois endireitou-lhe o colarinho da camisa. — De qualquer maneira, ainda bem que resolvemos o problema. Assim vai causar boa impressão.

Ela tinha razão. Claro que tinha. Durante uns minutos, esqueceram-se da razão porque ali estava.

— Obrigado — disse Barney.

A mãe de Freddie fez um grande sorriso.

— Foi um prazer.

Tara, a meio do turno, estava a polir os azulejos em piloto automático. O seu corpo podia trabalhar energeticamente, mas a sua mente estava noutra sítio, a visitar vez após vez a horrenda descoberta da noite anterior.

Fora horrível, fora mesmo. Num minuto estava estendida no sofá a ver alegremente uma rapariga choramingas do *EastEnders* queixar-se: «Mas porquê que sou sempre *eu* a levar còs pés? Quê que eu tenho derrado, hã?» Sendo a resposta a isto que raparigas choramingas com cabelo de rato e tanta personalidade como um legume mereciam ser tratadas terrivelmente e não podiam decerto estar à espera de manter um namorado por tempo

suficiente para deixar um ovo cozer. No momento seguinte, um estranho arrepio que Tara não conseguiu localizar de imediato tinha-lhe subido insidiosamente pela nuca.

Com um baque de horror, percebera finalmente que a sensação era uma de... familiaridade.

Esquecido o *EastEnders*, Tara começara mentalmente a contar pelos dedos, percorrendo a sua lista de namorados pela ordem inversa.

Oh, não, não podia ser, não era assim tão fracassada, pois não?

Mas era o que parecia. Ainda a contar, Tara chegou aos quinze e dezasseis anos, a idade em que começara a sair com rapazes.

Havia o Trevor, que tinha a voz mais extraordinária, que subia e descia — céus, ele praticamente cantava à tirolesa, enquanto falava. Depois o Dave, que tinha orelhas esquisitas mas um sorriso bonito. E Andy Buckingham, que, apesar de ser a estrela da equipa de futebol da escola, tinha pernas escanzeladas e um sinal com pelos na cara. Nenhum deles fora aquilo a que se poderia chamar perfeito, mas...

— Olá, sou eu. — Daisy abriu uma nesga da porta da casa de banho por onde meteu a cabeça. — Apetece-te sair esta noite? Podíamos ir a umas discotecas em Bath.

Raios, não era propriamente como se estivesse a falar de um Brad Pitt, pensou Tara, furiosa. Quer dizer, se uma pessoa andar com o Brad Pitt, será de esperar que acabe por levar com os pés. Mas aqueles tinham sido apenas rapazes normais, simpáticos, cada um com os seus pontos positivos e negativos.

— Se polires esses azulejos com mais força — disse Daisy, — vais acabar por partir a parede.

— Todos os rapazes com que andei — explodiu Tara — acabaram comigo! Cada um dos sacanas dos namorados que tive! Não acredito, nunca tinha percebido isto até ontem à noite. Até escrevi os nomes deles todos, fiz uma lista, para o caso de me ter escapado algum, mas não. Oh, meu Deus, consegues imaginar? É tão humilhante. Nunca fui eu a dar com os pés. Fui sempre, *sempre*, eu a levar com eles.

— Oh, vá lá, estás a exagerar. — Daisy tentou confortá-la. — Isso não pode ser verdade.

— Mas é, é!

— Então e quando estavas na escola?

— Especialmente quando estava na escola! Céus, sou uma pessoa perfeitamente patética — gemeu Tara.

— Ok, pronto, vamos resolver esse assunto. — Daisy tomou o controlo da situação. — Esta noite vamos a Bath. Podes meter conversa com montes de homens e dar-lhes o teu número de telefone. Depois, quando algum

deles te telefonar a convidar para um copo, podes dizer que não. Dás-lhes uma tampa na hora. Achas que te fará sentir melhor?

— Oh. Isso não conta.

— É um começo.

— Seja como for. — Tara baixou-se para polir as torneiras da banheira. — Não me apetece dar o meu número de telefone a um bando de idiotas.

— Olha, diz-lhes para te ligarem para este. Escreves num papel — disse Daisy, tirando uma caneta do bolso do casaco e saindo da casa de banho. Regressou momentos depois com uma folha do papel do hotel sobre a qual escrevera:

770 2219

Tara olhou para o papel, obviamente sem compreender.

— E para que é que isso serve?

— Vira do outro lado — disse Daisy, piscando-lhe o olho — e ergue-o contra a luz⁹.

⁹ *Piss off*: Desaparece! (N. da T.)

Capítulo 10

O Sol apareceu entre as nuvens quando Daisy começou a descer a estrada do hotel. Combinara encontrar-se com Barney Usher no portão principal à uma em ponto. Qualquer coisa no tom das suas cartas lhe dizia que Barney seria pontual.

E, sim, lá estava ele à espera. Já o via na sua frente, encostado a um dos pilares de pedra, com uma camisola azul-escura sobre camisa branca e calças azuis-escuras.

E um dos rins do seu falecido marido a bombar no seu corpo.

Bem, talvez não exatamente a bombar, mas a fazer o que quer que os rins costumem fazer.

Ao aproximar-se mais, Daisy viu que Barney Usher parecia mais novo do que os vinte e seis que tinha. A luz do Sol refletia-se no seu cabelo louro brilhante. Tinha um rosto doce e juvenil, escuras sobrancelhas inocentes e longas pestanas sobre os grandes olhos castanhos de um *spaniel* bebé.

Era tão bonitinho que ela não conseguiu evitar perguntar-se se seria homossexual. Ah, isso é que teria lixado mesmo o Steven.

— Sr.^a Standish? — disse ele, num tom ansioso, e, por um momento, Daisy quase olhou por cima do ombro. Mesmo quando era casada com Steven, sempre tivera grande dificuldade em lembrar-se que era aquele, oficialmente, o seu nome. E sempre a fizera sentir-se uma impostora. Reverter para o nome MacLean fora um grande alívio.

— Chame-me Daisy. — Ela sorriu-lhe, perguntando-se se o rapaz estaria tão nervoso como ela. Era, definitivamente uma situação estranha, aquela.

Mas parecia que o nervosismo era coisa que não ocorrera a Barney Usher. Ele pegou-lhe na mão e apertou-a, e o seu rosto iluminou-se de felicidade.

— E eu sou o Barney... embora, claro que já o deve saber. Obrigado por ter acedido a encontrar-se comigo... não sabe o que isto significa... dar-me a oportunidade de lhe agradecer pessoalmente... fez uma coisa tão fantástica, e eu estou tão agradecido...

— Ok, *pare* — interrompeu Daisy, e ele calou-se obedientemente a meio da frase. — Olhe, já me agradeceu na sua primeira carta. Agradeceu-me na segunda carta, e na terceira e na quarta. Está feito, não precisa de voltar a dizer mais nada.

— Mas eu *quero*...

— Chega! Eu já sei como se sente grato. Mas não fiz nada de heroico, e isto está a começar a tornar-se embaraçoso. Por isso, podemos pôr de parte o assunto? — Ela inclinou a cabeça para o lado e sorriu. — Por favor?

— Está bem. — Barney anuiu, também a sorrir. — Desculpe. Ah, e isto é para si. — Abriu o seu saco de plástico e tirou uma caixa de chocolates *Black Magic*. — Não é muito, eu sei, mas não queria trazer flores pela viagem no comboio, não fossem murchar, ou estragar-se. Tinha esperança que houvesse alguma florista na aldeia, mas não havia. Por isso comprei isto no posto dos correios. Não tinham muito por onde escolher. Gostava de ter alguma coisa mais especial, mas...

— Os *Black Magic* são os meus preferidos — mentiu Daisy firmemente. — Obrigada. Obrigada, obrigada, obrigada, são perfeitos, sinto-me tão agradecida, obrigada, obrigada.

Quando Barney se ria, parecia o príncipe William.

— Ok, mensagem recebida. Prometo calar-me. Nunca mais volto a dizer isso. — Os seus olhos castanhos dançaram com um ar travesso. — Posso pensá-lo, mas não o vou dizer. Tem a minha palavra de honra.

Visitaram primeiro o cemitério. Barney ficou a olhar para a campa de Steven em silêncio, sem dúvida também a agradecer-lhe mentalmente. Daisy, que temera que ele pudesse chorar, ficou contente por isso não acontecer.

Por fim, com a voz suave, Barney disse:

— Devia amá-lo muito.

Não parecia o momento apropriado para dizer «Na verdade, nem por isso. De facto, eu odiava este tipo.» Em vez disso, Daisy murmurou um «Era o meu marido», o que não deixava de ser verdade.

— Lindas flores. — Barney indicou com um aceno as rosas frescas, evidentemente a pensar que fora ela que as deixara.

— Sim — concordou Daisy.

— Deve sentir terrivelmente a sua falta.

— Oh, bem, sabe como é. A vida continua. — Daisy não conseguia obrigar-se a contar-lhe; não tinha coragem. Aquela visita era para Barney, não para ela. Estragar-lhe o conto de fadas seria como dizer a uma criança que a Cinderela acabara num refúgio para mulheres vítimas de violência doméstica.

Enfiou as mãos nos bolsos do casaco e estremeceu.

— Está com frio — observou Barney, que parecia insensível à queda da temperatura. — Desculpe estar a mantê-la cá fora desta maneira.

— Porque é que não vamos até ao hotel — sugeriu Daisy — e bebemos qualquer coisa enquanto conversamos?

Subiram a estrada juntos. Barney estava profundamente impressionado com Colworth Manor.

— Isto é tão bonito. — Ele abanava a cabeça, perdido em admiração. — Nunca tinha visto nada assim. Que lugar fantástico.

Era como levar um miúdo de três anos à caverna do Pai Natal. Enquanto Daisy o conduzia pelo átrio e até ao bar, ele olhava em volta com olhos muito abertos de admiração, genuinamente arrebatado pelas paredes apaineladas a carvalho, a lareira de estilo *Adam* e os candelabros.

— Então — disse Daisy. — Café ou uma bebida mais forte?

— Oh, um café seria ótimo. Eu não bebo, na verdade — explicou Barney.

Céus, claro que não, provavelmente não podia por razões médicas. Deu mentalmente um pontapé a si mesma.

— Posso mostrar-lhe depois o hotel, se quiser.

Ele parecia encantado.

— Eu adorava, se me garantir que não está demasiado ocupada.

— E comida? Se tiver fome, podemos almoçar.

— É mesmo muito simpática — disse Barney. — Mas não quero incomodar.

Daisy sentiu-se culpada. Não estava a ser simpática, estava apenas desesperadamente à procura de coisas que pudessem fazer para o tempo passar. Quando uma pessoa fizera uma viagem desde Manchester só para a ver, não lhe parecia muito justo dar-lhe café e um biscoito, conversar educadamente com ela durante dez minutos e depois despachá-la. Isso seria maldoso.

Pelo menos, o bar estava agora relativamente pacífico; a convenção de escritores enfiara-se ruidosamente na sala de jantar. Depois de pedir que lhes levassem um bule de café, Daisy sentou-se à frente de Barney num dos sofás diante da lareira aberta e anunciou alegremente:

— Pronto, aqui estamos — e sentiu-se instantaneamente uma senhora idosa. Céus, entre todas as coisas ridículas de se dizer! Estava a parecer uma velha solteirona de 75 anos.

Barney, num tom de compreensão, disse:

— Está a achar isto um pouco difícil?

— Eu? Não! — Abanou a cabeça veementemente de um lado para o outro como uma grande maraca. — Claro que não, porque é que haveria de ser difícil?

Ele olhou-a com um ar solidário.

— Deve ser estranho. Mais estranho para si do que para mim.

— Bem — concedeu Daisy, — um pouco. Mas não no sentido de horrível — acrescentou rapidamente, para o caso de ele se ofender.

— E se eu lhe falasse um pouco de mim? — ofereceu Barney. De repente, parecia ser ele o adulto, a pessoa com o domínio da situação. Continuou. — Eu falo um pouco de mim e depois pode falar-me de si. Depois pode falar sobre o seu marido Steven... mas só se quiser. E depois eu vou-me embora. Parece-lhe bem?

Ele passara claramente séculos a planear aquilo tudo, percebeu Daisy. Bem, se significava tanto para ele, claro que o planeava.

Agradecida por isso, ela anuiu com alívio e disse:

— Parece-me perfeito.

Juntos, debruçaram-se sobre as fotografias que ele levava.

— Este sou eu com sete anos — explicou Barney — e a minha mãe. Ela mandou-lhe cumprimentos, já agora. E estes somos nós há uns três anos. Estávamos no terraço e havia muito vento, é por isso que ela está com o cabelo todo maluco.

— Terraço — brincou Daisy. — Que chique. E que bela vista!

Barney sorriu.

— É o vigésimo sétimo andar de uma torre de apartamentos, é por isso que temos vista. E, não, não é o que se diria chique, mas, sabe como é, é a nossa casa. Bem, era a minha casa — continuou ele, enquanto mostrava a fotografia seguinte com um floreado. — Mas aqui estou eu agora, a partilhar um apartamento com uns amigos do trabalho.

Para lhe poupar o embarço, ele passara rapidamente em frente. Corada, Daisy estudou aquela nova fotografia de Barney e três outros rapazes a rirem juntos no sofá.

Não havia qualquer perigo de chamar chique àquela sala. Era o típico apartamento de estudantes, coberto de cinzeiros a transbordar e latas de cerveja, a carpete espetacularmente gasta, o sofá manchado e rasgado.

Uma vez que não conseguia dizer como era bonito, Daisy disse:

— Parece divertido.

— Bem — o sorriso de Barney era de autodesaprovação, — dentro do género sujo e desarrumado. A minha mãe é uma dona de casa mesmo picuinhas, por isso quase teve um ataque quando lá foi pela primeira vez, mas os rapazes são ótimos. E, até ao ano passado, nunca tinha pensado que poderia fazer coisas normais, como sair à noite e conhecer raparigas. Passei tanto tempo num hospital a sentir falta disso tudo que foi quase um milagre. Sinto-me com tanta sorte por ter esta nova vida.

Daisy sentiu um aperto na garganta. Que se expandiu logo a seguir quando ele lhe mostrou a terceira fotografia.

— Este sou eu no dia em que fiz dezoito anos. Tinha passado uns momentos difíceis, por isso é que estou a parecer um pouco fracote.

Aquilo era um eufemismo.

A fotografia fora tirada no seu quarto do hospital. Barney, pálido e de rosto encovado, jazia na cama ligado a um aparelho enorme qualquer, mas estava a sorrir e com um copo de plástico na mão. Havia cartões de parabéns espalhados por cima da cama e amigos e família reunidos à sua volta, agarrados, com um ar desconfortável, a chávenas de chá e pratos com bolo de aniversário.

— Não foi propriamente a festa mais animada — disse Barney jovialmente. — Eu na diálise e encharcado em medicamentos, a minha tia, que rompia em lágrimas de cinco em cinco minutos porque estava convencida de que eu estava prestes a morrer, e os meus sobrinhos que imploravam para voltar para casa porque não suportavam o cheiro do hospital.

Daisy queria abraçá-lo.

— Tem algumas coisas para pôr em dia.

— Nem me diga nada. — Os olhos de Barney brilhavam. — Esta é a vida que eu julgava que nunca teria, e não vou desperdiçar nem um dia dela.

Ao almoço, na sala de jantar — bem afastados dos ruidosos e bem oleados escritores —, Barney fez perguntas a Daisy sobre Steven e ela contou-lhe tudo o que ele queria saber. As perguntas variavam entre qual era a comida preferida de Steven, que desportos favorecia e o tipo de música que ele gostava, e como se tinham os dois conhecido. Daisy, que se preparara para esta eventualidade, tirou umas fotografias de Steven da sua carteira e deixou Barney estudá-las atentamente por uns minutos. Com medo que ele se lançasse em mais um coro de «Meu Deus, deve sentir tanto a sua falta», declarou:

— E agora quero saber tudo sobre o seu trabalho!

Barney trabalhava para a função pública. Era funcionário administrativo no departamento dos transportes. Bastante monótono, mas estava contente por ter um emprego e o pessoal do seu escritório era porreiro. Daisy, com um interrogatório despudorado, descobriu que uma das jovens secretárias tinha um fraquinho por ele, mas, de resto, não, não tinha namorada de momento, estava à espera que aparecesse a miúda certa.

— Os meus colegas acham que eu sou doido — confidenciou Barney com um sorriso tímido. — Acham que eu devia comer... hmm, experi-

mentar as raparigas todas de Manchester, para compensar todo o tempo perdido. Mas não é isso que quero fazer. A rapariga certa está por aí, algures. Prefiro esperar. Assim torna-se mais especial, não acha?

Valha-o Deus! Valha aquele coraçãozinho! *Estou aqui sentada a almoçar com o último virgem de Manchester*, pensou Daisy. Céus, a mãe dele devia estar orgulhosa.

Brenda, a secretária de Daisy, aproximou-se da mesa deles com uma expressão de desculpas no rosto.

— Daisy? Desculpe interromper, mas estou quase a sair. Podia só verificar o anúncio para o jornal local, para ver se está tudo bem? Depois posso mandá-lo por fax antes de sair.

Daisy pegou no papel e mandou a esforçada Brenda embora.

— Não se preocupe, pode ir. Eu mando o fax.

Brenda, desesperada para não perder o autocarro para Bath para a sua aula de sapateado, respondeu, agradecida:

— É um anjo.

Daisy sorriu.

— Eu sei. Sou fabulosa. Vá-se lá embora.

Depois do almoço, ofereceu uma visita guiada a Barney pelo resto do hotel. Ele adorou cada centímetro do que viu.

— E não se esqueça do seu fax — lembrou a Daisy com a sua suave pronúncia de Manchester.

— Sim, é melhor fazer isso já. Oh, Senhor; ignore-os — sibilou Daisy quando passaram pelo bar onde os turbulentos escritores estavam agora reunidos em volta do piano. — E ignore especialmente aquele homem embaraçoso de gravata verde e a voz mais alta. Depois de beber dois whiskies, gosta de fingir que é o Pavarotti.

Barney, de olhos muito abertos, murmurou:

— É um dos seus hóspedes?

— Muito pior do que isso. É o meu pai.

Mas claro que era impossível evitar Hector. Ao vê-los, correu para o hall e cumprimentou Barney como um filho pródigo.

— Deve ser o Barney! Que maravilhoso conhecê-lo, e com tão bom ar! Diga-me uma coisa, sabe cantar?

— Eu sei que tenho mesmo de o matar — dizia uma voz feminina, em tom preocupado, mesmo atrás de Barney. — Mas não sei como.

— Com uma faca de trinchar? A tiro? — sugeriu uma segunda voz. — E que tal atirá-lo de um prédio abaixo?

— Não sei, pensei nisso, mas não quero nada que cause demasiada porcaria. Crânios esmigalhados e intestinos espalhados pelo passeio não são propriamente o meu estilo. O que eu queria era alguma coisa rápida e

indolor... afinal, também não é assim tão mau tipo. É um querido, até. Vou ter montes de saudades dele, quando se for.

De boca aberta, Barney deu meia-volta para observar o par de mulheres apagadas em profunda conversação a menos de um metro de distância. Duas senhoras na casa dos cinquenta, a debater ansiosamente a melhor maneira de assassinar um pobre homem que era... ainda por cima... um querido, até.

— Vá lá — insistiu Hector, com uma palmada no ombro de Barney. — Um rapaz tão jeitoso tem de saber cantar! Que tal «*Mac The Knife*»?

— Podes sempre envenená-lo — sugeriu a mais apagada das duas mulheres atrás de Barney. — Uma bela gota de cianeto e pronto.

— Oh, excelente ideia! Sabes que mais, acho que vai ser isso mesmo! Agora, onde é que poderia arranjar um pouco de cianeto?

— Não entre em pânico — disse Daisy a Barney com um sorriso. — Elas escrevem policiais.

Barney fingiu que o percebera de imediato. *Ufa*.

— Talvez um dueto? — persistia Hector. — «*New York, New York*»? Deve saber a letra dessa.

— Não canto lá muito bem. — Barney parecia preocupado.

— Não há problema nenhum — declarou Hector. — Eu sou sensacional. Maestro, por favor! — bradou para o escritor de thrillers/pianista convidado do outro lado da sala.

— Pai, não o obrigues a cantar se não lhe apetece. — Daisy fez o melhor que podia para proteger Barney, mas era demasiado tarde. Hector já estava a arrastá-lo para o *Bechstein*. O pianista lançou-se prontamente numa quase correta interpretação do «*New York, New York*», Hector e Barney cantaram a plenos pulmões e o grupo de escritores juntou-se a eles com ruidoso entusiasmo.

Barney, de olhos a brilhar e ruborizado com o sucesso, estava a dar o seu melhor e claramente a divertir-se imenso. Daisy, que observava da porta, decidiu, divertida, que Steven devia estar a dar voltas no caixão e a gemer de aversão, se soubesse que mesmo uma pequena parte dele estava envolvida numa das infames sessões de canto improvisado de Hector. Ele sempre se recusara terminantemente a participar, dizendo que era, à vez, patético, indigno, e o tipo de atividade de que apenas um completo imbecil gostaria. Aderir pelo puro divertimento era um conceito que Steven nem sequer estava perto de compreender.

Ah, sim, se pudesse vê-los naquele momento, estaria a odiar cada minuto daquilo.

A canção terminou e os membros do público aplaudiram loucamente, o que só serviu para provar como estavam embriagados. A rir, Barney re-

gressou para junto de Daisy no momento em que uma vasta mulher com sessenta e muitos anos lançava os braços em volta da cintura de Hector e anunciava alegremente para a sala que «Esta noite, Matthew, eu vou ser Martine McCutcheon.»

— Não diga que não o avisei — disse Daisy a Barney.

Ele abanou a cabeça, maravilhado.

— Qual é a sensação de ter um pai assim?

— É embaraçoso. — Daisy fez uma pausa e depois acrescentou alegremente: — Mas nunca monótono.

— Não se esqueça do fax. — Barney indicou o papel ainda na mão dela.

— Céus, não, não posso. Vou enviá-lo já. Quer ficar aqui, ou acompanhá-me?

O pianista lançou-se no «*Perfect Moment*». A mulher loura, levando os dedos pesadamente carregados de anéis ao peito, abriu a boca e começou a cantar num trémulo e desafinado *falsetto*.

Heroicamente, Daisy manteve o rosto sério.

— Se não se importa — disse Barney, — acho que vou consigo.

Capítulo 11

Mais tarde, Barney haveria sempre de recordar em pormenor o momento que mudara o rumo da sua vida. Estava no caótico escritório de Daisy, de costas para a janela e as mãos nos bolsos, a vê-la percorrer a lista de mensagens telefónicas deixadas por Brenda, a secretária que praticava sapateado. Daisy estava sentada num canto da sua mesa de trabalho, com o longo cabelo castanho por cima de um ombro e um pé descontraidamente pousado na sua cadeira. Usava uma camisa de seda azul-pavão e saia verde-esmeralda justa que terminava acima do joelho. Quando se voltou para pegar numa caneta, a carta que aguardava para seguir por fax caiu ao chão.

Ansioso por ajudar, Barney baixou-se para a apanhar e disse:

— Quer que lhe faça isto?

Daisy ergueu o olhar, agradada.

— A sério que não se importa? Agradeço-lhe imenso.

Não queria ser coscuvilheiro, mas Barney não pôde deixar de reparar no que estava no papel antes de o colocar na máquina.

Não era uma carta, percebeu. O hotel estava a publicar na *Gazette* local um anúncio para o lugar de porteiro.

Foi o momento em que aconteceu.

Contendo a respiração quando a ideia lhe ocorreu, Barney parou e olhou pela janela para os cedros, os vastos relvados, o rio bordejado de juncos e as colinas ondulantes, agora envoltas em névoa. Depois olhou para Daisy, ocupada a escrever qualquer coisa no seu calendário. Do outro lado do átrio vinham os sons de um piano a ser tocado com mais entusiasmo do que virtuosismo, e de vinte e tal escritores embriagados, liderados por Hector MacLean, a berrarem roufenhamente o «*We'll Meet Again*».

— Algum problema? — disse Daisy. — Quer que lhe mostre como funciona?

Barney inspirou fundo. *Aqui vai.*

— Este, mm, emprego. Não fala aqui nada sobre os requisitos.

Daisy sorriu.

— É para um porteiro, não para um neurocirurgião.

— É que, como é que se sentiria se... quero dizer, eu sei que isto pode parecer um pouco esquisito — Barney gaguejava — mas, bem, o que queria dizer é isto, consideraria a minha candidatura se eu me oferecesse para o trabalho? — Ouviu-se a si mesmo a soltar as palavras rapidamente. Tudo bem, não era propriamente a melhor técnica de entrevista do mundo, mas, até uns vinte segundos antes, nada daquilo lhe tinha sequer ocorrido. Era o epítome de uma decisão do momento.

Daisy também parecia atónita.

— O quê? Quer ser porteiro? Mas trabalha para a função pública!

Barney sentiu-se tocado por ela o dizer como se fosse algo muito importante, como líder da NATO, ou coisa do género, em vez do mero escrivão que era realmente.

— Ouça, eu não quero que fique assustada, não quero parecer nenhum tarado, nem coisa do género. Eu sei que vim aqui hoje para a conhecer porque... sabe como é, aquilo que aconteceu com o Steven. Mas não é por isso que quero o emprego, a sério.

— Bem, ainda bem — disse Daisy. — Porque, tem razão, isso seria definitivamente sinistro.

Barney abanou vigorosamente a cabeça.

— É o seguinte, assim que saí do táxi, esta manhã, pensei que este sítio era fantástico. A aldeia é... extraordinária. E as pessoas são tão simpáticas! Depois conheci-a e mostrou-me este hotel, e eu nunca tinha visto nada como isto. O sítio onde eu vivo é... bem, bastante complicado, para dizer a verdade. Montes de toxicodependentes, violência, casas assaltadas, pessoas atacadas. É assustador, uma pessoa nunca consegue estar descansada. Só imagina quem já lá viveu. É o oposto disto. Quero dizer, veja só. — Voltando-se, ele indicou a janela com um gesto. — Imagine-se a acordar de manhã com esta vista, em vez de lojas entaipadas, e carros incendiados, e pessoas a vender drogas duras no meio da rua. Viver aqui seria... meu Deus, seria um sonho.

O olhar de Daisy desviara-se para o papel que ele tinha ainda na mão. Barney percebeu que tinha as mãos a tremer de excitação.

— E o seu trabalho?

— Eu odeio o meu trabalho. — Ele falava com paixão. — A sério, não o suporto. Detesto ficar fechado num escritório onde nem se pode abrir as janelas. É como estar de volta ao hospital, deixa-me louco. Preferia muito mais ser porteiro, tenho a certeza disso.

— Ficaria muito longe de casa. — Daisy estava preocupada. — E há a sua família a ter em conta. O que sentiria a sua mãe, se se mudasse para aqui?

— Ela sabe que eu detesto o meu emprego. A minha mãe só quer que

eu seja feliz — disse Barney efusivamente. — Ela ia ficar feliz. Se visse este sítio, tenho a certeza de que o adoraria tanto como eu!

— Este emprego de porteiro — avisou Daisy. — Não se ganha muito.

— Não me importo!

— É trabalho por turnos. Dias e noites.

— Não há problema nenhum!

— Sabe exatamente o que faz um porteiro?

Eeh... não. Nem uma ideia.

— Carrega malas? — arriscou Barney. — Eu consigo carregar malas — acrescentou orgulhosamente, para o caso de ela o julgar alguma espécie de inválido. — Sou muito forte.

— Carregar malas — concordou Daisy. — Limpar os sapatos das pessoas. E entregar-lhes os jornais. Basicamente, seria um moço de recados. Qualquer coisa que o cliente peça, vai ter de lhe arranjar. Se quiserem uma prostituta às três da manhã, procure-a.

Credo. Os olhos de Barney cresceram.

— Estou a brincar — disse Daisy.

— Ah. Ok.

— E os alojamentos para o pessoal são bastante básicos. Não vai morar numa suite como aquelas que lhe mostrei lá em cima.

— Eu sei — disse Barney pacientemente. — Não sou estúpido.

Daisy sorriu.

— Claro que não. Posso? — Ela estendeu a mão para o papel. Barney passou-lho, esperando que ela o rasgasse e dissesse alegremente: «Bem, parece que já não vamos precisar disto, afinal!»

E viu com horror enquanto ela colocava prontamente o papel no aparelho.

— Oh, mas...

— Não, não vou dizer já que sim. — Daisy foi firme. — Precisa de ir para casa e pensar nisto. Dormir sobre o assunto. O anúncio vai para o jornal este fim de semana porque eu preciso de um porteiro e o Barney pode mudar de ideias. Fale com a sua família. Pense nos amigos que deixaria para trás. Ligue-me na sexta-feira e diga-me o que decidiu. Se quiser o emprego, é seu. Se não quiser o emprego, eu encontro outra pessoa. Agora, quer ir dar uma vista de olhos aos quartos do pessoal antes de ir?

— Não. — Barney abanou a cabeça. — Porque eu já decidi, e não me interessa como são os quartos do pessoal. Podia mostrar-me uma coelheira de madeira ao fundo do jardim que eu diria que sim na mesma.

Era verdade, nunca estivera tão seguro de nada na sua vida. Por um louco momento, pensou perguntar a Daisy se sabia o nome da rapariga que ele conhecera na aldeia, a de cabelo liso castanho com o bebé de des-

lumbrantes olhos azuis. Daisy devia conhecê-la, não devia? Além disso, ela poderia dizer-lhe se a rapariga era solteira, como pareciam sugerir as suas mãos sem anéis...

Não, não e não, não podia perguntar-lhe isso. O que pensaria Daisy, que ele era mesmo alguma espécie de tarado, afinal de contas? Que só tinha de estar cinco minutos num sítio qualquer antes de ficar obcecado com uma qualquer inocente e jovem mãe?

Barney estremeceu interiormente de alívio. Céus, ainda bem que não chegara a falar; ela teria achado que era um autêntico triste.

— Vá para casa e tenha uma conversa com a sua família sobre o assunto — repetiu Daisy. — Ligue-me na sexta.

— Muito bem. — Barney sorriu. — A senhora manda.

Pouco depois das nove da noite, Daisy e Tara chegaram ao Clifton Wine Bar, em Bristol. Tara mal podia esperar para oferecer o seu número de telefone a montes de homens e depois dar-lhes tampas quando eles lhe ligassem. Estivera ansiosa por isso durante todo o dia.

— Então, como é esse tal Barney? — perguntou a Daisy, quando já tinham sido servidas no bar.

— Querido, jovem, muito ingénuo. — Daisy fez-lhe uma cara de não-fiques-com-grandes-esperanças. — Tu ias assustá-lo de morte.

— Não sei porquê. — Tara agarrou no seu copo, com um ar irritado. — Não sou propriamente uma pessoa assustadora.

Um grupo de rapazes a um metro de distância, ao ouvi-la, ergueram prontamente as mãos de terror e gritaram em uníssono: «*Aaargh!*»

— Ah, ah, ah, muito engraçado. Mas digam-me honestamente — pediu Tara, virando-se para eles, — como é que alguém pode olhar para mim e achar-me assustadora?

O mais alto dos rapazes deu um passo atrás e fingiu avaliá-la dos pés à cabeça.

— Honestamente?

— Honestamente.

— Aqui vai: a maquilhagem, o peito e o casaco. — Ele fez uma pausa. — Especialmente o casaco.

— Mas é novo! — exclamou Tara, puxando pelo casaco de ganga deslavada justo, com o seu colarinho bordado e os debruns de cetim.

— É rasca — informou-a o rapaz simpaticamente.

— Oh, não, isso é que ele não é, definitivamente. A Nigella Lawson usa casacos de ganga bordados e ela é uma deusa. Foi por isso que comprei este — explicou avidamente Tara. — Para ficar parecida com a Nigella.

— Mas não pareces. — No seu assomo de honestidade, o rapaz ob-

servou o cabelo curto e louro de Tara, as curvas pesadas, as calças de ganga justas e botas pontiagudas. — Pareces a Dolly Parton sem a peruca.

Daisy sentiu pena de Tara. Ok, pronto, a roupa dessa noite não ajudava, mas parecia que, independentemente do que Tara tivesse vestido, ela conseguia sempre parecer ligeiramente... dissoluta. Mesmo com a farda de empregada de quarto, exsudava um ar de disponibilidade. Era provavelmente por isso que a sua vida amorosa era tão desastrosa; qualquer homem assumia automaticamente, assim que a conhecia, que ela era uma miúda picante, pronta para passar um bom bocado.

— Oh, não fiques assim. — O rapaz deu uma cotovelada de conforto a Tara. — Ao menos não és feia. Vamos fazer assim — acrescentou generosamente, — agora tenho de ir, mas porque é que não vamos beber um copo, uma outra noite?

Esta era outra coisa em que Tara já reparara ao longo dos anos. Se os homens estavam genuinamente interessados numa rapariga, convidavam-na para jantar. No seu caso, era quase sempre um copo.

De qualquer maneira, que se lixasse, também não gostava dele. Nem dele nem de nenhum dos seus sorridentes amigos.

— Parece-me ótimo. Liga-me. — Satisfeita consigo mesma, escreveu o seu nome e número no verso de uma base de copos.

— Eu ligo-te amanhã — disse o rapaz. — Chamo-me Jerry, já agora.

Pelas onze e meia, depois de uma intensiva ronda de *flirting*, Tara conseguiu dar o seu número verdadeiro a quatro outros homens e o número no gozo a um autêntico cromo. Quando regressaram para o carro de Daisy, ela fez uma pequena pirueta de satisfação no passeio, quase esbarrando contra um poste de iluminação.

— Ora a isto é que eu chamo uma boa noite de trabalho. Amanhã vão ligar-me cinco homens, e eu hei de dizer a cada um deles que se vá lixar. Céus, mal posso esperar.

— Podem não ligar todos — avisou Daisy.

— Oh, para com isso, estás é com inveja, não suportas o facto de eu ser irresistível e tu não. Diverti-me mesmo, mesmo muito, esta noite! — Desta vez, Tara viu o poste no último segundo, agarrou-o e dançou à sua volta como o Gene Kelly. — Ah, e vou divertir-me ainda mais quando as chamadas começarem a chegar.

Daisy desejou ter também seis copos de vinho a dançar-lhe no estômago, como Tara, em vez de cinco litros de *Coca-Cola*.

— Não estás na altura de aprenderes a conduzir? Pensei que a Maggie te ia ensinar.

— Desculpa? Alguma vez viste a maneira como aquela mulher conduz? Não, obrigada. — Tara soltou um soluço e abanou a cabeça vigorosa-

mente. — Põe-na atrás do volante e ela transforma-se num Eddie Irvine. É atarrador. Põe-se o tempo todo a gritar comigo para andar mais depressa. Seja como for, não mudes de assunto. Eu tive uma noite brilhante, amanhã estou de folga e vou dar tampa a montes de homens. Bom, a três, pelo menos.

Tara acordou às dez horas na manhã seguinte, a sentir-se poderosa e extraordinariamente bem consigo mesma. Quando se olhou ao espelho da casa de banho, viu uma pessoa atraente e desejável. O seu horóscopo no *Daily Mail* informou-a de que aquele era o dia para iniciar uma mudança e provar ao mundo que não era uma fracassada.

O que era uma excelente notícia. Tara mal podia esperar para começar. Só que houve um problema: o telefone não tocou. Nem uma única vez.

Capítulo 12

O seu nome era Otto, mas a culpa disso não era dele. Tinha seis anos, e chorava tanto que mal conseguia falar.

O mesmo, infelizmente, não se poderia dizer da sua mãe, que não mostrava quaisquer sinais de poder perder o fôlego.

Nova-iorquinos. Não seria possível amordaçá-los? Aquela voz nasalada, aguda como a broca de um dentista, reverberava diretamente pela cabeça de Daisy.

— Sr.^a Wilder, eu sei que o Otto está triste, estou a ver isso perfeitamente, mas garanto-lhe que não posso ligar para as emergências. Os bombeiros só resgatam pessoas ou animais. Não iam mesmo gostar se os chamássemos para retirarem um avião de plástico de cima de uma árvore.

— Mas ele 'tá aqui a *choraar!* Olhe para a carinha *deeele* — guinchou a Sr.^a Wilder, enquanto os soluços de Otto duplicavam de volume. — E não é propriamente um avião de plástico barato q'álquer. Isto custou muito d'nheiro, foi comprado no Harrods, deixe-me já dizer. Caramba, Otto, querido, queres parar? Vais rebentar os tímpanos da mamã co'esse barulho todo.

Era, certamente, um pouco de mais, para as nove e meia da manhã.

— Lamento muito, mas não podemos mesmo chamar os bombeiros — repetiu Daisy pacientemente.

— Mas eu pag'-lhes! — A Sr.^a Wilder abriu a mala e retirou uma carteira inchada de cartões de crédito. — Assim eles vinham, não vinham? Se eu lhes desse, por exemplo, d'zentas das vossas libras inglesas?

— P-p-por favor — soluçou Otto, com enormes lágrimas a rolar pelo rosto sardento.

Daisy sentiu o coração a derreter. A Sr.^a Wilder podia ser um pesadelo, mas Otto até era um menino querido, alegre e bem mais simpático do que seria de esperar. No dia anterior, confidenciara timidamente a Daisy que o seu filme preferido era *Música no Coração*.

— Anda lá — disse Daisy, com o coração a encolher no peito. — Vamos dar uma vista de olhos. Porque é que não me mostras onde está?

— Vais ajudar-me, não vais? — O seu lábio inferior tremia, quando Otto a olhou através dos seus óculos redondos à Harry Potter. — Vais buscar o meu avião, não vais?

O cedro no relvado da frente tinha dezoito ou vinte metros de altura. Bert e Kelvin, empregados do hotel, tinham encostado uma escada de alumínio a um dos ramos mais baixos. O avião vermelho e branco de Otto estava alojado uns dez metros acima do último degrau da escada.

— Fizemos o que foi possível, querida. — Bert abanou a cabeça apologeticamente para Daisy. Que trataria a rainha por querida, se ela lhe aparecesse na sua real carruagem. — O Kelvin subiu até ao terceiro ramo, mas depois não teve coragem para mais.

— Está muito escorregadio, lá em cima. — Kelvin falou num tom defensivo. — O Joe e o Barry tentaram depois de mim, mas também não conseguiram. Já tentámos de tudo.

O rosto de Otto voltou a enrugar-se. Ele ainda estava agarrado fortemente à mão de Daisy.

— Está bem, está bem. — Daisy percebeu que, pelo menos, tinha de tentar. Em criança, sempre fora ótima a trepar às árvores. — Chh, não chores, querido. Bert, empresta-nos o teu fato-macaco. Vou tentar.

— Iupii — gritou Otto, encantado, a saltar para cima e para baixo. — Vais ser como a Mulher-Maravilha.

Bem, talvez.

Três minutos mais tarde, não se sentindo absolutamente nada como a Mulher-Maravilha, Daisy começou a escalar aos ramos mais baixos da árvore. Vestira o fato-macaco cor de cocó de Bert por cima das suas calças de pele cremes e camisola de caxemira borgonha. Descalçara-se, para uma melhor adesão. E, sempre que se mexia, gotas de água choviam das folhas em cima. O que era inesperado, uma vez que não chovia há mais de uma semana.

— Porque é que isto está tão molhado, aqui em cima? — perguntou Daisy para o pequeno ajuntamento em baixo.

— Ideia do Kelvin — bradou-lhe Bert para cima. — Tentou deslocar o avião co'a mangueira de a'ta pressão.

Oh, fantástico, Kelvin. Do melhor. Daisy pestanejou quando outra avalanche de água lhe salpicou a cara. Tinha os pés gelados e o cabelo a pingar, mas estava a fazer progressos. Quando se esforçava para alcançar o ramo seguinte, um carro subiu a estrada de acesso e enfiou-se no parque de estacionamento.

— Está quase, está quase — gritou Otto, delirante de excitação.

O coração de Daisy subiu-lhe à boca quando ela perdeu momentanea-

mente o equilíbrio. Agarrou-se ao ramo por cima da sua cabeça e deixou-se ficar um pouco, a recuperar o sangue-frio, antes de respirar fundo e procurar o próximo apoio seguro para os pés. O avião pintado com cores brilhantes estava já a um metro de distância, não podia desistir agora. Credo, ia ser uma longa descida.

Uma voz incrédula veio de baixo:

— Salvar o quê? Um *avião de brincar*? Que espécie de idiota subiria a uma árvore para ir buscar um brinquedo?

Daisy fez uma pausa para ouvir Otto, o seu herói, replicar com paixão:

— Ela não é idiota, não lhe chames isso! É a Mulher-Maravilha.

Ao espreitar para baixo, incrédula, Daisy viu Dev Tyzack a olhar para ela.

— Daisy, deve estar louca. — Ele tinha as mãos nas ancas e uma expressão séria no rosto. — Pronto, agora já chega. Veja se volta para baixo incólume.

Seria aquela a sua voz de não-te-metas-comigo, eu-é-que-sou-o-chefe? Aquela que ele usava quando dava ordens às pessoas? Daisy não conseguiu resistir a dar um ligeiro safanão ao ramo a que estava agarrada, com esperança de o apanhar antes que se conseguisse esquivar.

Raios, ele era rápido.

— Daisy! Isso é perigoso — avisou Dev.

— Estou quase — cantou ela para baixo, mais determinada do que nunca em não desistir. Enrolando os dedos dos pés contra a casca dura, subiu mais e mais. Finalmente, o avião ficou ao seu alcance.

— Hurra! — berrou Otto, a bater palmas. — Não o partas!

Daisy soltou o avião do ramo em forma de V onde ficara encaixado e lançou-o em voo para baixo.

Dev Tyzack. Entre todos os momentos em que poderia aparecer. Era mesmo típico.

Descer a árvore era mais difícil do que subi-la. Sentindo-se desgraciosa e muito pouco atraente com o seu fato-macaco cor de cocó, Daisy só desejava que se fossem todos embora e a deixassem sozinha, em vez de se juntarem todos em volta, como o enfeitado público de um circo, a ver o seu rabo ficar cada vez maior e maior, à medida que ia descendo.

Ao atingir, finalmente, a escada, olhou para baixo e viu que Dev a segurava pela base.

— Pode largar — disse-lhe ela de mau humor. — Eu consigo.

— Se já chegou até aqui, Mulher-Maravilha — rosou ele em resposta, — não vale a pena partir as pernas no último minuto.

Os pés de Daisy estavam agora tão entorpecidos de frio que ela já mal os sentia. A água nas folhas deixara-lhe o cabelo ensopado e a escorrer para

os olhos. Se Dev Tyzack lhe pusesse as mãos nas ancas para a guiar pelos últimos degraus, ela perceberia que se tratava desses tipos demasiado à vontade que gostavam de pôr as mãos, e seria forçada a pontapeá-lo acidentalmente nos tintins.

Ele não o fez. Ao perceber que contivera a respiração à espera que ele estabelecesse contacto físico, Daisy concedeu-lhe, relutantemente, um ponto.

Dev estava a rir-se para ela.

— Bom trabalho, Mulher-Maravilha. Muito bem.

Otto aproximou-se a correr, lançou os braços em volta das suas pernas e gritou:

— Uau, obrigado, Daisy! Eu sabia que conseguias. És o máximo. Vou mostrar ao meu pai!

— Podia ter morrido — disse Dev Tyzack assim que Otto desatou a correr pela relva. — Tudo por causa de um avião de brincar.

— Um avião de brincar do Harrods.

Ele anuiu gravemente, reconhecendo a diferença.

— Não a tinha pelo tipo trepador de árvores.

— É um dos meus talentos. O que está aqui a fazer, a propósito? — Enquanto falava, Daisy desapertou o fato-macaco e despiu-o, para o caso de ele julgar que era o tipo de roupa maravilhosa que usava normalmente no trabalho.

— Como a Mulher-Maravilha ao contrário — observou Dev. — Na verdade, queria vê-la. — Ele fez uma pausa, bastante deliberada, antes de acrescentar: — Preciso de reservar uma sala de conferências.

— A sério? E quer que lhe recomende um hotel? Bem, há vários muito bons em Bristol, e Bath e...

— Eu pensei talvez aqui. — Ficou a observar, divertido, enquanto Bert ia buscar o seu fato-macaco, entregando em troca as botas de Daisy. — Precisa de ajuda para calçar isso?

Daisy desejou que as suas meias púrpura não estivessem descontraidamente enfiadas no alto das botas de pele castanha. Oh, que se lixasse. O melhor era ir simplesmente para o hotel e calçar-se depois. E porque estava sequer a preocupar-se por ter sido apanhada na posse de um par de meias duvidosas?

De volta ao seu escritório, sentou-se e folheou a agenda de marcações em cima da secretária.

— Sim, a sala de conferências está livre nesse dia. Podemos fazê-lo. Se tem a certeza que quer que seja aqui.

— Gosto deste hotel. — Dev estava agora a sorrir-lhe abertamente. — Fica convenientemente perto da autoestrada. Embora eu preferisse que a sua empregada de quarto não seduzisse os meus convidados.

— Vou tomar uma nota especial do pedido. Seeem se...du...ções.
— Daisy ia repetindo lentamente enquanto escrevia. — E como está o seu amigo Dominic, a propósito? — Ela ergueu as sobrancelhas, numa simulação de interesse. — Ainda casado?

Ouviram bater. Pam, a rececionista, enfiou a cabeça pela porta.

— Daisy, tem o electricista ao telefone. A vistoria de segurança pode ser amanhã?

— Amanhã é o meu dia de folga. Pode falar com o Vince? — Vince era o diretor-adjunto. Daisy viu Pam lançar a Dev Tyzack um rápido exame e agitar as sobrancelhas de aprovação nas costas dele. Pam podia ter quarenta e três anos e ser avó de vários netos, mas, na sua cabeça, continuava a ter vinte e dois.

— Quer que peça para trazerem café? — Pam estava ainda a admirar a vista que lhe era fornecida por Dev com as suas calças de ganga e camisola cor de carvão.

— Não, obrigada, estamos bem.

Pam foi despachada de volta para a receção. Com algumas perguntas e breves notas, Daisy tratou da marcação para a conferência da empresa de desenvolvimento de competências de gestão de Dev Tyzack. Modestamente conhecida como Tyzack's. Ele tinha também uma empresa de produção de vídeo, ficou Daisy a saber, que fazia filmes de formação empresarial.

— Pronto. Tudo tratado. — Ela recostou-se finalmente na sua cadeira e passou os dedos pelo cabelo, que, percebeu, ainda estava a pingar.

— Está como na última vez que a vi — observou Dev Tyzack com um breve sorriso. — Não tão enlameada, desta vez. O que faz amanhã?

Apanhada desprevenida, Daisy não percebeu a que se referia.

— Perdão?

— Amanhã. O seu dia de folga.

Ela sentiu a água que lhe descia, não de uma forma muito sedutora, pela têmpora abaixo.

— Não sei. Treinar escalada de árvores, talvez. Calçar as botas com grampos de ferro na sola e tentar um dos grandes carvalhos lá em baixo junto ao rio. Porquê?

— Pensei que, se estivesse livre... bem, há uma coisa em que me poderia ajudar.

Tentando empatar para ganhar tempo, Daisy baixou-se e pegou numa das botas. Lenta e deliberadamente, para provar que não estava embaraçada pelas suas meias de lã púrpura, calçou-as.

— Ajudá-lo a fazer o quê?

— Uma coisa importante. Uma decisão que preciso de tomar. E se eu

a viesse buscar às dez? Vamos a Bristol, fazemos o que há a fazer e depois ofereço-lhe o almoço. Parece-lhe bem?

A lata. O homem já estava a assumir que ela ia aceitar. Só porque era Dev Tyzack, que fora em tempos capitão da equipa de rãguebi de Inglaterra e fora selecionado sabia Deus quantas vezes, tinha como certo que ela cairia no chão de gratidão, bateria palmas com encanto colegial e guincharia «Oooh, sim, por favor!»

Grande lata!

— Se não me vai dizer de que se trata, esqueça.

Dev Tyzack sorriu, de uma maneira irritante.

— Oh, vá lá. Onde está o seu espírito de aventura?

— No alto de uma árvore. — Pegou na bota esquerda e calçou-a de chofre. A má notícia foi que a calçou no pé direito. O sorriso dele cresceu.

— Pensei que fosse pessoa de alinhar. Então, ficamos assim? Vai recusar o meu pedido?

Daisy conseguiu ter finalmente as botas certas nos pés certos. Fez-lhe o seu melhor olhar de não-te-metas-comigo.

— Devia estar a transbordar de curiosidade, é? Pois não estou. Se não me disser aonde vamos, eu não vou.

Ainda mais irritantemente, Dev Tyzack encolheu os ombros.

— Ok.

Ela esperou.

E esperou.

E esperou mais um pouco.

— Então, adeus — disse Dev.

Sacana.

— Adeus. — Daisy mostrou-lhe um sorriso profissional enquanto ele se dirigia para a porta.

Ia-se embora, ia-se *mesmo* embora, raios.

Aquilo era ultrajante.

— Está bem — disse Daisy, e enterrou as unhas nas palmas da mão. Céus, ele devia estar a adorar cada segundo da cena.

Dev Tyzack parou na ombreira da porta, como se soubesse que ela não seria capaz de resistir. Não havia dúvida de que já usara o expediente dúzias de vezes — o velho expediente do mistério mágico — e que nunca lhe falhara.

— Ótimo. Vemo-nos amanhã, então. Venho buscá-la às dez e meia.

— Espere — chamou Daisy quando ele estava a sair. — Isto não é nenhuma espécie de encontro, pois não? Estou só a confirmar, a garantir que não é nada disso.

— Valha-me Deus, que ideia. Eu não sonharia uma coisa dessas. — Os olhos negros de Dev Tyzack faiscavam de triunfo. — Não se preocupe, Mulher-Maravilha. Não é, definitivamente, nada como um encontro.

Capítulo 13

Os encontros com Hector MacLean constituíam o ponto alto da semana de Maggie. Ao longo dos mais de dezoito meses, os seus encontros secretos tinham-se tornado momentos por que esperava com uma expectativa frenética, quase de adolescente — palpitações na barriga, a tontura de excitação, tudo. E, graças aos telemóveis e mensagens de texto, mais ninguém sabia o que se passava.

O que convinha a ambos.

Hector, claro, não fazia ideia de quanto significava para ela, e Maggie esforçava-se para que nunca o descobrisse. No que dizia respeito ao pai de Daisy, tinham um arranjo mutuamente vantajoso. Ele gostava dos encontros pelo sexo agradável e sem complicações, sem as confusões de uma relação emocional. Em troca, pagava-lhe, permitindo-lhe usufruir de um melhor estilo de vida do que ela poderia, de outra maneira, pagar.

Maggie sofrera interminavelmente, nos primeiros meses, por causa do dinheiro. Teria preferido de longe não o aceitar. Mas qualquer menção ao assunto suscitava uma reação categórica da parte de Hector. Se se recusasse a aceitar pagamento, o seu acordo teria de terminar. Não era justo para ela, explicava-lhe; ele não podia esperar que uma mulher quisesse dormir com ele quando não havia nenhum relacionamento entre ambos. E um relacionamento — fosse com quem fosse — era a última coisa de que necessitava. Desde a morte da amada esposa, Hector tornara-se um dos solteiros mais cobiçados. Fora perseguido, recebera propostas de mulheres surpreendentemente descaradas, tanto casadas como solteiras.

Tudo acontecera de um momento para o outro, numa noite de verão, numa festa no parque do hotel.

— Eu não preciso de complicações — confidenciara Hector a Maggie. — Não quero mais nenhuma mulher na minha vida e, Deus me ajude, não consigo imaginar nada mais horrível do que me meter outra vez com namoros. A única coisa de que sinto falta é do sexo.

Alguma quantidade de álcool estivera ali envolvida. Se Maggie não estivesse tocada, nunca teria dito o que dissera. Mas, com vários copos de um

vinho excelente no corpo, fora incrivelmente fácil pousar levemente uma mão sobre o seu braço e murmurar:

— Precisas de uma pessoa discreta e de confiança.

Depois fizera uma pausa significativa e os seus olhos tinham-se cruzado. Bem, porque não? Hector era um homem encantador. Ela sempre gostara dele.

Hector ficara imóvel por vários segundos.

— Estás a dizer o que eu acho que estás a dizer?

Tocada pela incerteza na voz dele, ela anuíra com um sorriso.

E fora assim que tudo começara. Tinham-se escapado da festa, sem ninguém reparar. Cair na cama com Hector fora uma revelação.

A seguir, ele insistira em dar-lhe dinheiro. Já meio apaixonada por ele, por aquela altura, Maggie fora obrigada a concordar que fazia algum sentido. E agora, tantos meses depois, fazia mais sentido do que nunca. Sabia que se batesse com o pé e recusasse mais dinheiro de Hector, ele deixaria de a ver, porque era um *cavalheiro*, pelo amor de Deus.

Um cavalheiro com *princípios*.

Claro que Maggie sabia o que tinha de fazer. Encontrar outro homem. Só que ela não queria mais ninguém. Apenas Hector.

Era este, então, o dilema de Maggie. O que deveria escolher? Sexo delicioso e ilícito com um homem que era o mundo para ela e que lhe pagava por isso? Ou ficar sem sexo e sem dinheiro?

Com toda a frontalidade, não havia dúvida possível.

— Raios, quem é? — suspirou Hector. Tinham acabado de chegar ao quarto de Maggie quando a campainha começara a tocar em baixo.

— Não sei. Não estou à espera de ninguém. — A única pessoa de que Maggie estava à espera era Hector. Ficaram a olhar um para o outro, esperando que quem quer que estivesse à porta desistisse graciosamente e os deixasse em paz.

Rrrrrriinnng.

— Céus, detesto quando isto acontece — sussurrou Maggie. — Parece que estamos numa farsa do Brian Rix. Finjo que não está ninguém, ou enfio-te no roupeiro, ou o quê?

Hector fez uma careta.

— Não estou com grande vontade de me meter no roupeiro.

— Pronto. Espera aqui. — Maggie saiu do quarto e atravessou o pátio, evitando as tábuas do soalho que mais rangiam. Agachando-se ao entrar no quarto desarrumado de Tara, aproximou-se da janela como um atirador furtivo.

Bolas, *bolas*. Maggie agarrou-se ao peitoril da janela com frustração

quando viu a distintiva carrinha vermelha e branca estacionada à porta da sua casa.

Era tão injusto. Quando ligara para a Carver's Superstore, em Bristol, para se queixar da avaria na máquina de lavar roupa, eles tinham feito muitos *hum-huns* e *aaahs*, para finalmente lhe dizerem que enviariam um técnico na segunda à tarde. Não podiam especificar uma hora, claro, mas seria, definitivamente, entre as duas e as seis.

Maggie olhou para o relógio. Onze e cinquenta e três. Como era típico, raios.

Bem, que se lixasse. Ele viera demasiado cedo e não era, simplesmente, conveniente. De facto, era escandalosamente inconveniente, e ela nunca o deixaria entrar.

Só que, se lhe dissesse isto mesmo, havia sempre a possibilidade de o homem levar a mal, ficar todo antipático e ir-se embora a bufar. Era muito mais simples recuar da janela e fingir não estar em casa.

— Merda! — baliu Maggie, quando a sua retirada inconspícua foi gorada pelo objeto no chão atrás dela. O brinco de Tara, virado para cima, espetara-se-lhe no pé descalço. Com um salto brusco, provocado pela dor intensa, Maggie agarrou-se à estante ao seu lado e derrubou-a prontamente. A seleção de *best-sellers* de Tara, ainda mais garridos do que os seus brincos, estatelou-se no chão. Não podia ter feito mais barulho se tivesse lançado uma salva de foguetes.

Ofegante com a dor e arrancando o brinco do pé, Maggie voltou para perto da janela.

Oh, que surpresa, lá estava o homem da assistência técnica a recuar no passeio para poder olhar para ela lá em cima. Possivelmente, o homem de assistência técnica mais alto e magricela que Maggie alguma vez vira.

Agora ele acenava entusiasticamente e apontava para o crachá de identificação que trazia ao peito. Como se a carrinha vermelha e branca da Carver's não o denunciasse o suficiente.

Maggie suspirou e abriu a janela.

— Sr.^a Donovan? Ufa, que alívio! Por um momento pensei que tinha saído. Gerald Porter. — Levou com orgulho a mão ao crachá. — Vim dar uma vista de olhos à sua máquina de lavar roupa.

— Veio demasiado cedo — disse Maggie para baixo. — Disseram-me que vinha de tarde, entre as duas e as seis.

— Não, não, está aqui marcada para o turno da manhã. — Gerald consultou os seus papéis. — Entre as oito e o meio-dia.

Maggie agarrou-se com força à berma do peitoril.

— A rapariga disse entre as duas e a seis. Tenho a certeza.

— Disse? Não estou a ver como. De qualquer maneira, não importa.

Agora já cá estou — anunciou Gerald alegremente. — E a senhora também. O melhor é tratar já do assunto.

Era parecido com Plug, dos Bash Street Kids.

— Olhe, desculpe lá, mas não é nada conveniente — disse Maggie. — De facto, é muito... — Ela procurou a palavra certa: inconveniente. — *Caramba, uma mulher já não pode receber o seu amante em paz?*

Ok, cliente.

— Ah. Está bem. Bem, então deixe lá. — Gerald encolheu os olhos, claramente desapontado. Virou-se e dirigiu-se para a carrinha.

Encantada com a vitória, Maggie ainda lhe gritou jovialmente:

— Muito obrigada. Então, até logo!

Gerald franziu o sobrolho e virou o seu pescoço de girafa.

— O quê?

— Esta tarde. Entre as duas e as seis. — Maggie acenou-lhe com a cabeça num gesto encorajador. Provavelmente seria às duas. Ele podia ir agora almoçar e arranjar-lhe a máquina de lavar roupa dentro de... ooh, uma hora, se quisesse.

— Oh, não, Sr.^a Donovan, não está a compreender. Eu não a tenho marcada para esta tarde. Vai ter de ligar para a Carver's e marcar outro dia.

O quê?

— Tudo bem, pode voltar amanhã de manhã? — Maggie pensou em toda a roupa suja empilhada no andar de baixo. A máquina já andava a falhar há mais de quinze dias. Ela estivera a contar que fosse arranjada nesse dia.

— Lamento, Sr.^a Donovan, vai ter de ligar para a Carver's. Eles tratam de tudo...

À sua maneira ineficiente, pensou Maggie, zangada.

— ...mas, tenho de a avisar, não me parece que vá conseguir uma marcação antes da próxima semana.

— Oh, vá lá, não está a falar a sério. Não posso esperar tanto tempo!

— Infelizmente, não posso fazer nada. — Gerald encolheu os ombros ossudos. — A não ser que me deixe ver a máquina agora.

Cristo.

Atrás dela, Maggie ouviu Hector pigarrear.

— Se calhar é melhor ir-me embora.

— Não! — Ela voltou-se e abanou a cabeça, depois teve uma ideia e debruçou-se novamente na janela. — Ouça, se entrar, quanto tempo vai demorar a arranjá-la?

Gerald alegrou-se consideravelmente.

— Bem, se for qualquer coisa simples, cinco minutos.

— Vai lá a baixo e deixa-o entrar — sussurrou-lhe Hector da porta. — Eu espero cá em cima.

A palavra mais importante, escusado seria dizer, fora o *se*. *Se* fosse qualquer coisa simples. Mas não era, claro. Era, ao que parecia, qualquer coisa mesmo muito complicada.

Maggie, a saltar de um pé para o outro na cozinha, consultava o relógio de pulso a toda a hora e instava com ele mentalmente para se despachar e trabalhar *mais depressa*. Mas Gerald era um desses tipos lentos e metódicos, com um genuíno interesse pelo seu trabalho e um grande orgulho na sua meticulosidade. Pior ainda, estava sempre a tentar explicar o que julgava ser o problema, e parava para lhe apontar componentes elétricos particularmente fascinantes.

Pare, pare, cale-se e ande lá com o trabalho, queria Maggie gritar, *eu não quero saber como é que uma máquina de lavar roupa funciona, idiota!*

Só lhe apetecia dar-lhe uns toques com o pingalim, como um jóquei ao aproximar-se do final de uma corrida, só para ver se o fazia acelerar um pouco.

Vinte minutos passaram lentamente. Depois trinta. Gerald ainda estava de joelhos a soltar exclamações de prazer perante uma placa de circuito integrado quando Maggie ouviu um passo nas escadas.

Saindo da cozinha e fechando a porta firmemente atrás de si, encontrou Hector no hall.

— O raio do homem ainda tem a máquina desmontada. Parece que se está a instalar para passar aqui a tarde.

— E eu tenho uma reunião em Bath às duas. Tenho de ir.

— Desculpa.

— Não tens culpa nenhuma. — Ele sorriu e deu-lhe um beijo tranquilizador na face. — Combinamos qualquer coisa para outro dia.

Hector parecia aceitar a coisa muito bem, mas devia estar desapontado. Quase tão desapontado como ela, pensou Maggie, que estivera ansiosa por aquele encontro durante toda a semana.

Por sorte, fazer sair Hector às escondidas não apresentou qualquer problema; Gerald estava tão embrenhado no seu trabalho que nem sequer o viu atravessar a cozinha e sair pela porta das traseiras, antes de desaparecer no bosque atrás da casa.

E pronto.

— Ah, já voltou. — Emergindo do seu pequeno mundo de sonho das máquinas de lavar, Gerald ergueu o longo pescoço e disse alegremente: — Isto é fascinante, sabe. Completamente fascinante. Não há nenhuma hipótese de beber um café?

O outro truque em que Maggie caíra fora acreditar — estupidamente — que o técnico de reparações podia realmente reparar-lhe a máquina.

Quando o que Gerald lhe dissera, de facto, fora que queria «dar uma vista de olhos».

Ah, sim, isso fizera ele, realmente. Pelas três da tarde, a máquina fora toda desmontada, montada de novo e enfiada cuidadosamente no seu espaço entre o fogão e o frigorífico.

— O que eu vou fazer, Sr.^a Donovan, é preparar uma encomenda para uma placa de circuito nova, a ver se isso resolve o problema.

Maggie nem podia acreditar. Três horas inteiras, cinco chávenas de café, uma sanduíche de galinha, seis digestivos de chocolate e ele nem sequer lhe arranjava o raio da máquina.

— E quanto tempo demorará essa placa de circuito a chegar?

— Eeh, deixe-me ver. Cinco ou seis dias...

— Mas...

— Não há nada a fazer, infelizmente. Estas coisas são assim. Agora, Sr.^a Donovan, se me assinar este impresso, eu deixo-a em paz.

Como se paz fosse ainda coisa que lhe restasse, pensou Maggie amargamente enquanto assinava a linha a tracejado.

Capítulo 14

Quarenta e oito horas e ainda nenhum tinha ligado. Atormentada por aquela múltipla rejeição, Tara estava com dificuldade em concentrar-se em qualquer outra coisa. O que era irritante, porque nunca se vira como uma daquelas tristes raparigas carentes que não conseguiam pensar noutra coisa que não rapazes.

Não era propriamente como se quisesse um namorado, sequer, pelo amor de Deus. Só estava desesperada por dar com os pés a alguém. E, para se dar com os pés a um namorado, primeiro era preciso arranjar um namorado. Teria o autêntico cromo tentado ligar para o número falso que lhe dera? Se lhe tivesse dado o verdadeiro, ao menos ouvir a sua voz esganiçada teria sido melhor do que nada.

Zangada consigo mesma por ser tão patética, Tara deixou-se cair no sofá e pegou no *Daily Mail*. Ao folhear as páginas, a sua atenção foi distraída para um artigo sobre uma rapariga considerada candidata a uma medalha nos próximos Jogos Olímpicos. Pentatlo moderno, imagine-se, correr, e montar, e nadar, e sabia Deus mais o quê. Tara maravilhou-se com a dedicação da rapariga. Treinava, evidentemente, seis a sete horas por dia, seis dias por semana.

«O pentatlo moderno é a minha vida», explicara a atraente morena ao jornalista que a entrevistara. «Vencer é a minha prioridade número um. Não tenho tempo para ter uma relação, mas isso, para mim, não é importante, neste momento. Prefiro ter uma medalha de ouro a um namorado, de longe!»

Safa! E até era bastante bonita. Tara estava ao mesmo tempo impressionada e invejosa; imagine-se, ter este tipo de atitude. Talvez devesse dedicar-se a algum tipo de desporto e ficar tão envolvida que os rapazes deixassem, simplesmente, de caber na equação. Talvez pudesse tentar a maratona? Ou golfe, ou ténis, ou...

O telefone tocou.

Num segundo, Tara saltara do sofá e estava a espalhar folhas do jornal em todas as direções, pisando-as depois.

— Estou?

— Estou, Tara? Fala o Jerry. Da outra noite, lembras-te?

Iei, resultara!

— Ah, sim, claro que me lembro. Tudo bem?

— Tudo, tudo. Olha, então e o nosso copo? Apetece-te sair amanhã à noite?

O coração de Tara começou a bater com mais força. Ah, sim, ali estava, era aquele o momento por que tanto esperara. Ele convidara-a para sair e agora podia recusar. Ia sentir-se tão melhor, elevar o moral, permitir-se provar a si mesma que conseguia dizer não...

O problema é que... fora simpático da parte dele ligar, e isso devia significar que gostara dela. O que, só por si, era lisonjeiro. Além disso, percebeu Tara, ele soava muito bem ao telefone, todo alegre, e amigável, e até bastante sensual, agora que pensava nisso. Os outros podiam tê-la desiludido, mas o Jerry não. Queria convidá-la para beberem um copo e para terem uma oportunidade de se conhecerem melhor.

Caramba, nunca se sabia, ele poderia ser O Tal. Jerry poderia demonstrar-se como o rapaz por que esperara durante toda a sua vida. Se o rejeitasse agora, por causa de uma triste e superficial elevação do moral, poderia estar a condenar-se a toda uma vida de solteirona e caseira solidão.

— Estou sim? — disse Jerry. — Ainda estás aí?

— Sim, sim, estou! E adorava sair contigo amanhã à noite — exclamou Tara jubilosamente. — Parece-me ótimo. Ah, mas eu não conduzo, por isso tens de me vir buscar.

— Não há problema. — Jerry parecia imperturbado. — Pronto, já tenho uma caneta, podes dar-me a tua morada.

Fez-se um silêncio quando Tara acabou de lhe dizer. Finalmente, ele disse:

— Colworth? Uau, desculpa, não tinha percebido que moravas tão longe.

O indicativo local cobria uma área muito vasta, desde Bristol até... bem, até Colworth, lembrou-se Tara. Mas isso não podia fazer muita diferença para ele, decerto.

— Não é nada — assegurou rapidamente a Jerry. — Vinte minutos na autoestrada. Chegas aqui num instante!

— Olha, não tenho a certeza... oh, *que inferno*. — Tara ouviu-o suspirar. — Isto é complicado... talvez seja melhor esquecermos. Colworth é longe como o raio.

— Então, o que estás a dizer é que fico fora do teu perímetro. — A voz de Tara perdia firmeza. Não podia acreditar. Aquilo magoava. Não saberia ele o que poderia estar ali a perder? Nunca ouvira falar do destino?

— Desculpa. Deixa lá, talvez te veja outra vez em Clifton, ou qualquer coisa, está bem? Adeus!

E pronto. O telefone ficou em silêncio na mão de Tara. Jerry desligara, dera de frosques, fizera a sua retirada estratégica. Não acabariam a viver juntos e felizes para sempre, afinal.

Tara desejou que ele tivesse uma pilinha minúscula.

E que muito em breve ficasse azul, encolhesse e lhe caísse.

Mas porque é que eu vim? Porquê? O que estou aqui a fazer? Oh, isto é uma loucura, pensava Daisy enquanto o carro acelerava pelas ruas secundárias de Bristol, *ainda nem sei para onde vamos.*

Olhou de relance para as mãos de Dev Tyzack no volante, as mangas da sua camisola cinzenta ligeiramente puxadas para cima para revelarem uns fortes braços morenos e um relógio *Breitling*. Ele parecia saber para onde iam, de qualquer maneira, embora Daisy suspeitasse que era o tipo de homem que o sabia sempre. Dev Tyzack não parecia, simplesmente, do tipo que perde tempo com indecisões.

Bem, ela é que não voltaria a perguntar. Também estava extremamente contente por não se ter aperaltado para a ocasião. As calças de ganga pretas e a camisola preta de manga comprida tinham sido uma decisão ponderada, para provar a Dev que não queria ser levada a nenhum sítio faustoso para o almoço. Quando o vira também aparecer de calças de ganga, ficara duplamente contente.

Além disso, provavelmente nem teria de se preocupar com o almoço. Assim que acabassem o que quer que tinham ido fazer, ela dir-lhe-ia que tinha outras coisas programadas e pediria para voltar para casa.

Só Deus sabia aonde iam, de qualquer maneira. Aquela não era a zona mais salubre de Bristol. St. Philips, leu Daisy num letreiro na estrada. Fantástico. Só esperava que Dev Tyzack não a tivesse ido buscar para observarem a dragagem do canal, no seu dia de folga.

— Não percebo, o que é isto entre si e a água? — Dev falava num tom de voz resignado, e passou-lhe um lenço. — Sempre que a vejo, tem a cara molhada.

Mas disse-o com simpatia, não sarcasmo, e quando Daisy terminou de se assoar como um elefante para o lenço, ele deu-lhe uma palmadinha no ombro.

Lá se vai a minha atitude distante, pensou Daisy, a limpar os olhos e a tentar controlar os enormes soluços que quase a impediam de falar. Não fora nada assim que esperara passar o seu dia.

— Foi para isso que me trouxe aqui? Para me ver a f-fazer figura de

idiota? — Limpou as faces cobertas de lágrimas, demasiado embaraçada para o olhar de frente.

— Claro que não. Não sabia que ia ficar toda comovida, pois não?

Ficar comovida? Chorar baba e ranho como um bebê, era o que era.

— Isto é o que eu chamo um truque baixo — balbuciou Daisy.

— Não podia estar mais enganada. — Os cantos da boca dele traíram o seu divertimento. — Pense nisto. Se dirige um hotel, grita com os seus hóspedes, trepa às árvores como um...

— Eu não grito com os meus hóspedes!

— Gritou comigo — lembrou-a Dev. — Bastante, se bem me recordo. E, deixe-me que lhe diga, fiquei assustado.

— Oh, muito engraçado.

— De qualquer maneira, está a perceber o que quero dizer. Pensei que seria perfeita para um trabalho destes.

— Obrigada, é fantástico. Quer dizer que julgou que eu seria do tipo da cabra sem coração, que afoga gatinhos e rouba dinheiro a órfãos cegos nos tempos livres. — Daisy abanou a cabeça. — Não há dúvida que sabe como lisonjear uma rapariga.

— Não era isso que eu queria dizer. Só nunca me ocorreu que reagiria desta maneira. — Dev indicou o seu próprio rosto. — Vê? Eu não estou a chorar, pois não?

Hmm, talvez não. Talvez não propriamente a chorar, mas Daisy tinha a certeza que detetara um brilho denunciador nos seus olhos negros, a dada altura. Ele não ficara tão completamente indiferente como gostava de fingir.

— Pronto, já parei. Agora estou bem. Vamos voltar para dentro?

— Tem a certeza? — Dev lançou-lhe um olhar inesperadamente caloroso. — Não tem de ir, se não quiser.

— Venha. — Daisy enfiou o lenço húmido na manga, endireitou os ombros e virou a cara para a velha porta pintada de azul. — Vamos a isto. Eu fico bem.

Havia fileiras de jaulas ao longo de cada lado do corredor de cimento. Cada jaula continha um cão.

Tantos cães, de todas as formas e tamanhos. Alguns eram de raças reconhecíveis, outros não. Alguns estavam deitados no chão, atentos e silenciosos, mas a maior parte saltava quando alguém se aproximava da sua jaula. Alguns ladravam ruidosamente, outros ganiam com prazer, na sua ansiedade por socializar. As suas caudas abanavam, as patas arranhavam com fervor as grades, os olhos a brilhar...

Os olhos da própria Daisy voltaram a inundar-se prontamente de lá-

grimas. Bem, como podia alguém não chorar? Como podia qualquer ser humano não se comover com os seus focinhos inocentes?

Oh, céus, lá vou eu outra vez.

— Bom, sejamos sensatos — anunciou Dev Tyzack. Um pouco bruscamente, sentiu Daisy. — Trouxe-a aqui como a voz da razão. Vai ajudar-me a escolher o cão certo para mim. Procuo qualquer coisa de um tamanho razoável, para começar, talvez um labrador ou um *setter*. Quero um cão que seja bem treinado e inteligente. Nada de cães barulhentos, ou delinquentes, e, definitivamente, nada de... Daisy, está a ouvir-me? O que acha daquele *Grand Danois* ali ao fundo, sempre gostei de *Grand Danois*... Daisy, aonde vai?

— Este — chamou-o Daisy do fundo do corredor. — É com este que deve ficar.

— O quê? Qual deles? — Ele aproximou-se, olhou para a jaula e soltou um ronco de divertimento. — Oh, por favor. Deve estar a gozar.

— É este. — Daisy ajoelhou-se na frente da jaula e pressionou as palmas das mãos contra a grade.

— Nem pensar — disse Dev terminantemente. — Daisy, levante-se, venha ver o *Grand Danois*.

— Não. Não vou. — Daisy abanou a cabeça, irrompendo num sorriso quando o cão lhe lambeu alegremente as mãos. Estava feito, estava apaixonada. Estava irremediavelmente decidida.

— Daisy, não foi para isso que lhe pedi que me acompanhasse. Não ouviu nada do que lhe tenho estado a dizer, pois não?

— Chh, vai assustá-la. Oh, veja só, não é a coisa mais adorável que alguma vez viu? — Os olhos de Daisy brilhavam de felicidade enquanto ela dava umas palmadinhas no chão de cimento ao seu lado. — Dev, venha cá, venha aqui a baixo dizer-lhe olá.

Dev não disse olá. Estava a arrepender-se seriamente de ter levado Daisy ao canil. O cão na sua frente era pequeno, para começar. Também era um rafeiro, um rafeiro do tipo feio/esquisito, do tamanho de um *terrier* e fêmea. Tudo, de facto, o que ele não queria. A criaturinha lambia com frenesim o rosto de Daisy — provavelmente porque estava salgado e delicioso — e agitava a cauda atarracada tão extaticamente que esta parecia prestes a saltar-se num remoinho.

Daisy afastou a cara das grades e sorriu para o cão, que pareceu sorrir-lhe em resposta.

— Este é o Dev — apresentou-os Daisy solenemente. — Ok, eu sei que neste momento ele está com um ar um pouco assustador, mas há de melhorar, prometo. E, adivinha? — sussurrou em tom de confiança para as orelhas peludas, espetadas e assimétricas do animal. — Vai ser o teu novo papá!

Dev olhou para as duas no chão, separadas pela grade de metal da jaula, mas, de resto, irremediavelmente ligadas. Parecia que estavam ambas igualmente decididas.

Dev sentiu-se como se tivesse posto um anúncio nas colunas pessoais para conhecer uma esbelta Jerry Hall e tivesse acabado, sem saber como, com o Mick Jagger.

E depois viu-o. A última gota. O pequeno cartão preso ao cimo da jaula.

— Ah, não, peço muita desculpa, não há absolutamente a mínima hipótese de eu ter um cão chamado...

— Não seja assim! Ela é linda — declarou Daisy. — Dev, sabe muito bem que tem de parar de lutar contra isto, ela é a cadela perfeita para si. Por isso, pare de arranjar desculpas esfarrapadas e venha dizer olá à *Clarissa*.